

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DAS BEIRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

***A Antevisão do Peregrino na Iconografia de São Tiago no
Caminho Português de Santiago entre Viseu e Chaves.
Subsídios para a criação de uma rota turística
- Volume I -***

Sandra Maria Pereira Paiva Alves

Mestrado em Turismo e Património

Orientadora: Prof. Doutora Maria de Fátima Eusébio

Co-Orientadora: Prof. Doutora Ana Elias Pinheiro

2011

Mestrado em Turismo e Património apresentado
ao Departamento de Letras do Centro Regional
das Beiras da Universidade Católica Portuguesa.

Orientação

Prof. Doutora Maria de Fátima Eusébio

Co-orientação

Prof. Doutora Ana Elias Pinheiro

Deixa que o Caminho te faça.
Deixa a Vida dizer-te o seu segredo.

A todos os Peregrinos...



AGRADECIMENTOS

Ainda que o caminho seja longo e com etapas difíceis, quando é percorrido com a companhia certa, tudo se torna bem mais simples.

Por isso, quero agradecer a todos aqueles que me ajudaram a trilhar o caminho, pois sem eles não teria sido possível chegar ao fim desta caminhada:

À minha orientadora, Prof. Doutora Fátima Eusébio, sobretudo uma Amiga que sempre acreditou em mim e me transmitiu grande coragem e confiança ao longo da sua orientação dedicada. Sempre disponível para escutar as minhas dúvidas e apontar os melhores caminhos quando me sentia mais desanimada e desorientada.

À minha co-orientadora, Prof. Doutora Ana da Piedade Pinheiro, que me incentivou para este Caminho, tendo sempre uma palavra amiga a dizer.

Ao Prof. Doutor Inês Vaz, que sempre se disponibilizou para me ajudar e que me indicou algumas obras, cruciais, para o desenvolvimento da tese.

A todos os Professores, que muito me incentivaram para a realização deste trabalho, mostrando-se sempre disponíveis.

Aos funcionários do Pólo de Viseu da Universidade Católica Portuguesa e das Faculdades da Universidade de Santiago de Compostela, pelo seu apoio e carinho que sempre me dispensaram.

A todos os meus Amigos, que sempre acreditaram em mim e que me apoiaram nos bons e nos maus momentos, dando-me palavras de incentivo e de coragem, nunca me deixando perder a força e a garra necessárias.

A todos os meus Amigos Escuteiros, em especial, aos que partilham comigo a “paixão” pelo Caminho de Santiago e que me acompanharam em muitas aventuras, incentivando-me a dar mais um passo em frente, ainda que pudesse tropeçar, sem nunca perder o sentido de que o caminho é assim mesmo... nem sempre é fácil, mas são as dificuldades que nos dão força para continuar.

À minha família, especialmente aos meus Pais e aos meus Irmãos que, nestes últimos anos, viveram comigo a redescoberta do Caminho de Santiago, sempre com fascínio e com uma elevada dedicação, apoiando-me nos meus momentos de fraqueza, e acreditando sempre no sucesso deste trabalho e na recompensa do meu esforço.

ABREVIATURAS

Act	Actos dos Apóstolos
c.	Cerca de
Cit.	Citada(o)
Col.	Colecção
Coord.	Coordenação
Dir.	Direcção
Ed.	Edição
Fasc., fascs	Fascículo, fascículos
Fig.	Figura
Jo	São João (Evangelho de São João)
Lc	São Lucas (Evangelho de São Lucas)
Lv.	Livro
Mc	São Marcos (Evangelho de São Marcos)
Mt	São Mateus (Evangelho de São Mateus)
Nª Sra.	Nossa Senhora
OMT	Organização Mundial de Turismo
ONU	Organização das Nações Unidas
p., pp.	Página, páginas
Publ.	Publicado
S.	São
S.d.	Sem data
Sep.	Separata
Sta/ Sto	Santa / Santo
Vol.	Volume

ÍNDICE

Resumo	11
Abstract	12
Introdução	13

I Parte

Capítulo I

São Tiago, Apóstolo

1. Dados Biográficos	17
2. Trasladação do Corpo do Apóstolo	25
3. Descoberta do Corpo do Apóstolo	27
4. Milagres do Apóstolo	29
5. Fontes: Complexidade e Contradições	29

Capítulo II

As Peregrinações

1. As Peregrinações	41
2. Motivos da Peregrinação	47
3. “Impacto” da Peregrinação nos Territórios	49

Capítulo III

A Peregrinação a Compostela

1. Peregrinação a Compostela: Origem e Evolução	52
1.1. Dinâmicas em torno da Peregrinação a Compostela	57
1.2. Motivos da Peregrinação	61
1.3. Formas de Peregrinação	64
1.4. Estruturas e Instituições ligadas à Peregrinação	65
1.5. Ano Santo	72
2. Peregrinos a Santiago de Compostela	73
2.1. Símbolos dos Peregrinos	75
2.2. Documentação Própria dos Peregrinos	78
2.2.1. Credencial	78
2.2.2. Compostela	79
2.3. Rituais dos Peregrinos	79
2.4. Peregrinos Notáveis	82
2.5. Peregrinos Portugueses	84

Capítulo IV

O Caminho de Santiago

1. Rotas de Peregrinação	89
1.1. Caminho Francês	90
1.2. Caminho Primitivo	91
1.3. Caminho do Norte	91
1.4. Caminho Inglês	92
1.5. Caminho Português	93
1.6. Caminho do Sudeste / Via da Prata	93
1.7. Caminho do Mar de Arousa e Rio Ulla	94
1.8. Caminho de Fisterra / Muxía	94

2. Sinalização	95
3. Itinerário Cultural Europeu e Património da Humanidade.....	96

Capítulo V

Iconografia

1. Iconografia de São Tiago	99
1.1.São Tiago Apóstolo	101
1.2.São Tiago Peregrino	101
1.3.São Tiago Cavaleiro	103

II Parte

Capítulo I

Turismo e Peregrinação

1. Conceitos de Turismo	108
1.1. Evolução Histórica do Turismo	113
2. Turismo Cultural e Turismo Religioso	116
2.1. Turismo Cultural	116
2.2. Turismo Religioso	120
3. Potencialidades turísticas	123

Capítulo II

Os Caminhos Portugueses de Santiago

1. Os Caminhos Portugueses de Santiago ao longo dos séculos	127
1.1. Os Caminhos Portugueses marcados	130
2. O Caminho Português Interior de Santiago	133

Capítulo III

O Caminho de Santiago entre Viseu e Chaves – proposta para uma rota iconográfica: “Peregrinar com a iconografia de São Tiago”

1. Projecto e seus Objectivos	136
2. O Traçado	136
3. Descrição do Percurso	137
4. Elementos Iconográficos no Caminho	144
5. Difusão e Divulgação	152
6. Articulação com a envolvente	154
Conclusão	155
Bibliografia	158
Índice de Figuras	183
Índice de Mapas	188

RESUMO

Considerando a importância do Caminho de Santiago, enquanto via de peregrinação e itinerário cultural, a presente dissertação de mestrado aborda historicamente a vida de São Tiago e a sua importante “acção” na Península Ibérica, tendo provocado um movimento de peregrinações até Compostela, desde a época medieval aos dias de hoje.

Sintetizando a história das peregrinações, é apresentada a peregrinação a Santiago de Compostela, com as suas particularidades, entre as quais os seus singulares peregrinos.

O Caminho de Santiago torna-se uma rede de caminhos espalhados por toda a Europa que, vivendo sob o mesmo espírito, se torna no Primeiro Itinerário Cultural Europeu e, posteriormente, em Património da Humanidade.

A dicotomia entre turismo e peregrinação permite abordar os conceitos de turismo, turismo cultural e turismo religioso.

Sendo um dos Caminhos Portugueses de Santiago, o Caminho que liga Viseu a Chaves é o ponto de partida para a apresentação de uma proposta de rota iconográfica, na qual se explora a iconografia associada a São Tiago, e que pode ser encontrada no Caminho.

Palavras-chave: São Tiago, Peregrinação, Caminho de Santiago, Iconografia, Turismo.

ABSTRACT

Considering the importance of Saint James Way, as a pilgrimage route and also as a cultural itinerary, the present dissertation discusses historically Saint James life and his important “action” in the Iberian Peninsula, which caused a pilgrimage movement to Compostela, since medieval times to the present day.

Synthesizing the history of pilgrimages, it is presented the pilgrimage to Santiago de Compostela, with its peculiarities, including its unique pilgrims.

The Saint James Way becomes a system of ways spread throughout Europe, that living under the same spirit, becomes the first European Cultural Itinerary and later in a World Heritage Site.

The dichotomy between tourism and pilgrimage allows addressing the concepts of tourism, cultural tourism and religious tourism.

Being one of the Portuguese Ways to Santiago, the Way that connects Viseu to Chaves is the starting point for the presentation of an iconography route proposal, in which is explored the iconography associated to Santiago, that can be found in the Way.

Key-words: Saint James, Pilgrimage, Saint James Way (Camino de Santiago), Iconography, Tourism.

INTRODUÇÃO

A nossa forte ligação ao Caminho de Santiago, e dentro deste, aos símbolos que lhe estão associados, desempenhou um papel primordial na escolha do tema da presente dissertação de Mestrado, tanto mais que, na actualidade, o mesmo tem suscitado um grande interesse, não só pelos Peregrinos que o percorrem, mas também pelos investigadores que pretendem conhecer mais profundamente esta realidade e as instituições, sobretudo públicas, que têm promovido estratégias de dinamização associadas aos Caminhos.

Na mesma linha, foi escolhido um tema que abordasse, necessariamente, a região de Viseu, uma vez que é nesse espaço que se encontram as nossas raízes culturais. No mesmo sentido, esperamos que este tema possa constituir uma mais-valia do próprio Mestrado em Turismo e Património que, tão honrosamente, frequentámos.

A vastidão do tema levou-nos a especificar a nossa abordagem e, graças à nossa formação em História, direccionada para o Património, resolvemos abordar o aspecto da iconografia no Caminho Português de Santiago que liga Viseu a Chaves.

Para tal, houve a necessidade de conhecer mais profundamente a génese do Caminho de Santiago e tudo aquilo que a ele se encontra subjacente. Nesse sentido, uma vez que ainda é escassa a bibliografia em português, recorreremos maioritariamente a bibliografia em espanhol e em outras línguas, muita da qual só encontrada na Universidade de Santiago de Compostela, onde dedicámos um período de tempo para a pesquisa bibliográfica, tempo esse crucial para o desenvolvimento do trabalho.

Paralelamente, a nossa “experiência” enquanto Peregrinos de Santiago, tanto a pé como de bicicleta, permitiram uma maior envolvimento no trabalho, interiorizando o espírito, o sentido e a essência do Caminho de Santiago.

A fim de melhor compreendermos o “fenómeno” do Caminho de Santiago, há que enquadrá-lo historicamente.

Nesse sentido, e na primeira parte, iremos abordar a figura de São Tiago Apóstolo, desde a sua biografia à miscelânea complexa das fontes existentes, considerando ser uma figura pouco explorada e da qual as fontes documentais são escassas e pouco claras.

De seguida, faremos uma breve síntese da história das peregrinações, explorando maioritariamente as peregrinações cristãs, os seus motivos e o impacto sentido nos territórios.

Posteriormente, abordaremos a peregrinação a Santiago de Compostela, totalmente inspirada na vida do Apóstolo, desde a sua origem aos dias de hoje, bem como as suas características específicas e a particularidade dos peregrinos a Santiago.

Apresentaremos o Caminho de Santiago, incluindo todas as rotas de peregrinação e a sua particular sinalização, além de focar a importância das declarações de Itinerário Cultural Europeu e Património da Humanidade.

De seguida, trataremos a iconografia de São Tiago, apresentando as tipologias de Apóstolo, Peregrino e Cavaleiro.

Na segunda parte, iremos abordar a dicotomia entre turismo e peregrinação, referindo os conceitos inerentes ao turismo, explorando os conceitos de turismo cultural e de turismo religioso, além de apresentar as potencialidades turísticas.

Depois, trataremos os Caminhos Portugueses de Santiago, dando especial enfoque ao chamado Caminho Português Interior de Santiago, que liga Viseu a Chaves, que constitui o nosso objecto de trabalho.

Por fim, iremos propor uma rota iconográfica para o Caminho de Santiago entre Viseu e Chaves, explorando o traçado e respectivo percurso, descrevendo os diversos elementos iconográficos no Caminho e apresentando propostas para a difusão e divulgação desta rota.

I PARTE

CAPÍTULO I

São Tiago, Apóstolo

1. Dados Biográficos

Poucos são os registos da biografia de São Tiago (fig.1), a não ser em algumas passagens dos *Evangelhos*. Os aspectos biográficos que vamos apresentar têm como principal fonte os textos bíblicos. Filho de Zebedeu e Salomé, Tiago (Maior¹) terá nascido na região da Galileia (norte da actual Israel), território situado entre o Mar Mediterrâneo e o Rio Jordão. Juntamente com os seus pais e o seu irmão mais novo, João (Evangelista), viveu na cidade piscatória de Betsaida, junto ao mar da Galileia e próxima das cidades de Corazim e de Cafarnaum, locais onde decorreu grande parte da vida pública de Jesus.² (mapa 1)

Desde tenra idade, Tiago e João acompanhavam o seu pai no ofício de pescador, ainda que este tivesse condições para ter a seu cargo funcionários³ que o ajudavam nas lides piscatórias. De acordo com a tradição judaica, a educação dos filhos recaía sobre os pais, que assumiam o papel de educadores no mais lato sentido da palavra, sendo estes os responsáveis pelo ensino e preparação para a vida religiosa bem como para a vida profissional. Paralelamente ao ensino da religião, todo o judeu deveria ensinar um ofício aos seus filhos⁴, sendo fortemente censurado quem o não fizesse, independentemente da situação económica da família. Assim sendo, juntamente com o seu pai, Zebedeu, Tiago e João aprenderam os segredos e as artes da pesca bem como as dificuldades oferecidas pelo mar.

A religião assumia-se como componente essencial à sua educação, principalmente a partir da adolescência. De facto, a religião era o pilar fulcral de toda a família tradicional judaica: rezavam e escutavam juntos as leituras bíblicas, agradeciam o alimento diário e

¹ É referenciado como Tiago Maior para se distinguir do apóstolo Tiago Menor, filho de Alfeu, e de outros santos com o mesmo nome.

² SANDERS, E. P., *A verdadeira história de Jesus*. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2005, p.140.

³ Possivelmente, Simão Pedro, natural de Betsaida, seria um dos funcionários de Zebedeu.

⁴ Tal como José que ensinou o seu filho, Jesus, o ofício de carpinteiro.

ofereciam a Deus o seu trabalho. De acordo com a tradição judaica, e chegada a idade da adolescência (entre os 11 e os 12 anos), deslocavam-se várias vezes a Jerusalém com o sentido da tradicional peregrinação, e tomavam parte da vida pública.

Tiago e João deveriam ser homens de educação média, de acordo com os parâmetros da vida judaica, tendo em conta a classe social dos seus pais. Paralelamente à educação recebida em casa, Tiago e João deverão ter frequentado alguma das afamadas escolas de Jerusalém, localidade onde é mencionada a existência de uma casa da família, estando em contacto directo com a cultura grega, fortemente divulgada na época.

Num tempo de alguma inquietação religiosa, em que alguns pregadores não concordavam com as linhas de actuação dos sacerdotes de Jerusalém, Tiago e João tiveram contacto com João Baptista⁵, filho de Zacarias e de Isabel.

Tal como muitos outros jovens, também eles se deslocaram às margens do Rio Jordão para assistir às palestras de João Baptista, que, tal como outros “pregadores” judeus nesse período, atraíam inúmeras pessoas. Porém, João Baptista tinha um carisma muito acentuado, transmitindo os seus ideais com modéstia, lembrando os antigos profetas, purificando as pessoas com as águas do Rio Jordão que assim o desejassem, como se de um banho de purificação ou baptismo de penitência se tratasse.

Ainda antes de se encontrarem pessoalmente com Jesus, Tiago e João já teriam ouvido falar sobre ele, uma vez que a sua fama rapidamente se começou a espalhar por toda a Palestina.

Quando Tiago e João se encontraram junto de João Baptista, André, irmão de Pedro, e João, irmão de Tiago, assistiram ao momento em que João Baptista intitulou Jesus como “Cordeiro de Deus”⁶, tendo ido ao encontro de Jesus e passado o dia com Ele⁷, provavelmente trocando impressões sobre a Sua “missão”.

Tiago e João teriam a ideia de regressar a Betsaida, mas, juntamente com Pedro e André, resolveram acompanhar Jesus na sua visita à região da Galileia, e assim vivenciar de perto o seu mistério e misticismo, iniciando-se a sua relação próxima com o Mestre. Nessa

⁵ João Baptista era um desses predicadores de austeridade e de justiça, tendo aberto uma escola ao ar livre, junto às margens do Rio Jordão, onde habitualmente pregava.

⁶ “Então, pondo o olhar em Jesus, que passava, disse: «Eis o Cordeiro de Deus!»” Jo 1, 36.

⁷ “Ouvindo-o falar desta maneira, os dois discípulos seguiram Jesus. Jesus voltou-se e, notando que eles o seguiam, perguntou-lhes: «Que pretendeis?» Eles disseram-lhe: «Rabi – que quer dizer Mestre – onde moras?» Ele respondeu-lhes: «Vinde e vereis.» Foram, pois, e viram onde morava e ficaram com Ele nesse dia. Eram as quatro da tarde.” Jo 1, 37-39.

viagem de regresso, terão ainda acompanhado Jesus nas Bodas de Caná⁸, onde terão assistido ao milagre da conversão da água em vinho.

Juntamente com Jesus, terão chegado a Jerusalém, assistindo à expulsão dos mercadores no templo e às palavras proferidas por Jesus. Após terem cumprido as suas obrigações religiosas em Jerusalém, terão regressado a casa e ao seu ofício.

Mais tarde, encontrando-se nas lides piscatórias com o seu pai Zebedeu, Tiago e João foram escolhidos por Jesus para seus discípulos, quando se encontravam a pescar no mar da Galileia, juntamente com Simão Pedro e seu irmão André⁹, que os convidou a serem “pescadores de homens”¹⁰. Tudo então largaram para seguir o Mestre.

Jesus denominou os irmãos Tiago e João como “filhos do trovão”¹¹, graças ao seu carácter impetuoso e à sua dedicação à nova “corrente religiosa”. Assim, o primeiro grupo de Apóstolos de Jesus Cristo foi constituído por Pedro, André, Tiago e João, dos quais Pedro, Tiago e João se destacam como sendo os preferidos de Jesus¹².

De acordo com Elisardo Temperán¹³, ao contrário de “outros” Mestres, era Jesus quem escolhia os seus discípulos, vinculando-os a Si e não a uma determinada tendência ou tradição.

Seriam muitos os discípulos de Jesus, que terão aceitado o desafio de O seguir e cumprir as suas instruções¹⁴, mas apenas Doze¹⁵ foram escolhidos¹⁶ por Jesus,

⁸ “Assim, em Caná da Galileia, Jesus realizou o primeiro dos seus sinais miraculosos, com o qual manifestou a sua glória, e os discípulos creram nele. Depois disto, desceu a Cafarnaúm com sua mãe, os irmãos e os seus discípulos, e ficaram ali apenas alguns dias.” Jo 2, 11-12.

⁹ “Caminhando ao longo do mar da Galileia, viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e seu irmão André, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes: «Vinde após Mim e Eu farei de vós pescadores de homens». E eles, imediatamente, deixaram as redes e seguiram-n’O. Um pouco mais adiante, viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu e seu irmão João, os quais, com seu pai, Zebedeu, compunham as redes dentro do barco. Chamou-os, e eles, deixando no mesmo instante o barco e o pai, seguiram-n’O.” Mt 4, 18-22;

“Enchera-se de espanto ele e todos os que com ele estavam, por causa da pesca que tinham feito, acontecendo o mesmo a Tiago e a João, filhos de Zebedeu e companheiros de Simão. Jesus disse a Simão: «Não tenhas receio; de futuro, serás pescador de homens». E depois de terem reconduzido as barcas para terra, deixaram tudo e seguiram-n’O.” Lc 5, 9-11.

¹⁰ Esta metáfora utilizada por Jesus Cristo vai ao encontro do seu tipo de discurso pedagógico, simples e claro, de forma a chegar a todas as pessoas, instruídas ou não.

¹¹ “Tiago, filho de Zebedeu, e João, irmão de Tiago, aos quais deu o nome de Boanerges, isto é, filhos do trovão;” Mc 3, 17.

¹² Estes três apóstolos serão cruciais na História do Cristianismo, uma vez que Pedro será o pilar da Igreja, João o primeiro teólogo e Tiago o primeiro mártir do Cristianismo.

¹³ TEMPERÁN, Elisardo, “Santiago Apóstol: Discípulo, Maestro y Mártir” in *Santiago el Mayor y la Leyenda Dorada* (catálogo da exposición – Museo de Belas Artes da Coruña). Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1999, p.37.

¹⁴ “Depois disto, o Senhor designou outros setenta e dois discípulos e enviou-os dois a dois, à sua frente, a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir.” Lc 10, 1.

acompanhando-O durante todo o Seu percurso evangélico e que, após a Sua morte, continuaram a Sua missão. (fig.2)

Curiosamente, o termo Apóstolo¹⁷ surge com os primeiros cristãos que lhe atribuem um novo sentido: os enviados de Deus, que terão a responsabilidade de transmitir a mensagem evangélica de Jesus. E este termo é apenas aplicado aos *Doze* que, de facto, receberam essa missão e que, tendo acompanhado Jesus, puderam dar testemunho da Sua vida e mensagem.

Ainda que os Apóstolos tenham acompanhado de perto a vida de Jesus, apenas Pedro, João e Tiago assistiram a episódios extremamente marcantes do Cristianismo, tais como a ressurreição da filha de Jairo¹⁸, a Transfiguração¹⁹ e a agonia no Monte das Oliveiras²⁰, e que foram posteriormente relatados pelos Evangelistas.

Possivelmente todos os Apóstolos, à excepção de Judas Iscariotes que, entretanto se tinha enforcado, terão acompanhado Jesus no Calvário, mas somente temos nota de que apenas João terá acompanhado o Mestre até ao momento do Seu derradeiro suspiro, encontrando-se aos pés da Cruz, juntamente com Maria²¹ e outras mulheres, entre as quais Salomé, mãe de João e Tiago, ambos filhos de Zebedeu.

¹⁵ Segundo Manuel Precado Lafuente, os doze discípulos foram chamados de diferentes localidades e distintos ofícios, ainda que a maioria fossem pescadores. Curioso é também o número de apóstolos, que acaba por estabelecer algum paralelismo com as doze tribos do Povo de Israel, que “assumem” a Igreja. PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago El Mayor y Compostela. Un apóstol, una ciudad, unos caminos*. Madrid: Aldeasa, 1999, p.22.

¹⁶ “Quando nasceu o dia, convocou os discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu o nome de Apóstolos: Simão, a quem chamou Pedro, e André, seu irmão; Tiago, João, Filipe e Bartolomeu; Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado o Zelote; Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que veio a ser o traidor.” Lc 6, 13-15. Factos igualmente relatados noutros passos: Mt 10, 1-4; Mc 3, 13-19; Jo 1, 40-49; e Act 1, 13.

¹⁷ Com o sentido de “enviado” ou “embaixador”.

¹⁸ “Quando regressou, Jesus foi recebido pela multidão, pois todos estavam à Sua espera. Veio ao Seu encontro um homem chamado Jairo, que era chefe da sinagoga. Caíndo aos pés de Jesus suplicava-Lhe que entrasse em sua casa, porque tinha uma filha única, quase de doze anos, que estava a morrer. E, indo Ele, a multidão apertava-O a ponto de O sufocar. (...) Ao chegar a casa, não deixou entrar ninguém com Ele, a não ser Pedro, João, Tiago, o pai e a mãe da criança. Todos choravam e pranteavam. «Não choreis, disse Jesus, porque ela não está morta, mas dorme». E, por saberem que ela tinha morrido, troçavam de Jesus. Mas Ele, tomando-a pela mão, chamou-a, dizendo em voz alta: «Menina, levanta-te». Voltou-lhe o espírito e imediatamente se levantou. Ele mandou que lhe dessem de comer.” Lc 8, 40-42, 51-55.

¹⁹ “Seis dias depois, Jesus tomou Consigo Pedro, Tiago e João, seu irmão, e levou-os em particular, a um alto monte. Transfigurou-Se diante deles: O Seu rosto resplandeceu como o Sol, e as Suas vestes tornaram-se brancas como a luz.” Mt 17, 1-2.

²⁰ “Então, Jesus chegou com eles a um lugar chamado Getsemani e disse aos discípulos: «Ficai aqui, enquanto Eu vou além orar». E, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-Se e a angustiar-Se.” Mt 26, 36-37. Factos igualmente relatados noutros passos: Mc 14, 32-34.

²¹ “Então, Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: «Mulher, eis o teu filho!» E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua.” Jo 19, 26-27.

Após a morte e ressurreição de Jesus, os Apóstolos ter-se-ão reunido na Galileia, seguindo as indicações do Mestre,²² no sentido de proclamar a Palavra Divina. Tal como lhes tinha sido solicitado por Jesus²³, os Apóstolos mantiveram-se em Jerusalém, até ao momento do martírio de Estêvão²⁴, apesar do início da perseguição à Igreja e aos seus seguidores.

Paulatinamente, os Apóstolos foram espalhando a Palavra Divina, numa primeira fase, na zona periférica a Jerusalém e posteriormente em zonas mais distantes. Diz a este propósito Singul Lorenzo que “A missão evangelizadora dos 12 apóstolos de Cristo, segundo se depreende dos textos cristãos dos primeiros séculos, deveria ser interpretada como um projecto de alcance universal.”²⁵

De acordo com os Catálogos Apostólicos Bizantinos, datados do século V/VI, Pedro e Paulo ficariam com Roma, Filipe com a Gália, Mateus com a Macedónia e Tiago com o ocidente hispânico.²⁶ O poeta Venancio Fortunato refere, pelo contrário, que “*A la asamblea apostólica que resplandece de luz radiante manda san Pedro a su Andrés (a) la noble Acaya. A Juan, distinguido en méritos, a la venerable Éfeso envia, y a los dos sagrados Jacobos, a la Tierra Santa.*”²⁷

Na opinião de Díaz y Díay, a obra *Passio Sancti Iacobi*, que já circulava na Península Ibérica no século VII,²⁸ apresenta os momentos anteriores à morte do Apóstolo Tiago, indicando a exclusividade da sua predicação na Judeia e na Samaria.

²² “Os onze discípulos partiram para a Galileia, para o monte que Jesus lhes tinha indicado. Quando o viram, adoraram-no; alguns, no entanto, ainda duvidavam. Aproximando-se deles, Jesus disse-lhes: «Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra. Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos».” Mt 28, 16-20. Factos igualmente relatados noutros passos: Mc 16, 15-20.

²³ “(...) Entretanto, permaneci na cidade até serdes revestidos com a força do Alto. Depois, levou-os até junto de Betânia e, erguendo as mãos, abençoou-os. Enquanto os abençoava, separou-se deles e elevava-se ao Céu. E eles, depois de se terem prostrado diante dele, voltaram para Jerusalém com grande alegria. Estavam continuamente no templo a bendizer a Deus.” Lc 24, 49-53.

²⁴ “Ao ouvirem tais palavras, encheram-se intimamente de raiva e rangeram os dentes contra Estêvão. Mas este, cheio do Espírito Santo e de olhos fixos no Céu, viu a glória de Deus e Jesus de pé, à direita de Deus. «Olhai, disse ele, eu vejo o Céu aberto e o Filho do Homem de pé, à direita de Deus.» Eles, então, soltaram um grande grito e taparam os ouvidos; depois, à uma, atiraram-se a ele e, arrastando-o para fora da cidade, começaram a apedrejá-lo. As testemunhas depuseram as capas aos pés de um jovem chamado Saulo. E, enquanto o apedrejavam, Estêvão orava, dizendo: «Senhor Jesus, recebe o meu espírito.» Depois, posto de joelhos, bradou com voz forte: «Senhor, não lhes atribuas este pecado.» Dito isto, adormeceu.” Act 7, 54-60.

²⁵ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.19.

²⁶ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *Santiago. Para conocerlo y no olvidarlo*. A Coruña: Hércules Ediciones, 2003, p.14.

²⁷ *Idem*.

²⁸ CHAO REGO, Xosé, *Camiñando a Compostela*. Santiago de Compostela: Angueira, 1992, p.15.

Ainda da mesma época, o *Breviarum Apostolorum*, breve narração sobre a vida e festa litúrgica de cada Apóstolo, refere que Santiago, filho de Zebedeu, predica em Espanha e nas terras ocidentais, facto igualmente referido num calendário do Mosteiro de Santa Catalina no Monte Sinai.²⁹

Uma outra obra de referência pertence a Santo Isidoro de Sevilha, *De ortu et obitu Patrum*, na qual se sustenta a ideia da predicação de São Tiago em terras hispânicas, dando mote a outras publicações, referindo que Santiago predicou o Evangelho em Espanha e nas terras ocidentais, levando a luz da predicação ao fim do mundo.³⁰

Por outro lado, as *Actas Etyopes de Santiago* indicam que o Apóstolo terá iniciado a sua missão de evangelizar na Palestina, tendo regressado posteriormente, e indicando o seu enterramento na Judeia ou na Cesareia.

Tendo em conta as diversas fontes, e existindo um considerável hiato, Tiago poderia ter realmente iniciado e terminado a sua missão de evangelização no território de Jerusalém, mas teria tido tempo para visitar outros locais, nomeadamente a Península Ibérica.

De acordo com a tradição cristã, Tiago terá pregado as ideias do Mestre pela Judeia e Samaria, percorrendo as rotas comerciais já existentes no Mar Mediterrâneo, chegando mesmo à Galiza, dado que as rotas de viagem já se encontravam definidas.

Segundo Precado Lafuente, São Tiago poderá ter viajado por mar, considerando que, naqueles tempos “ (...) siglo I de la Era Cristiana, el tráfico marítimo era frecuente y tenía tres metas principales: costas mediterráneas de España, Galicia y Britania. Eran lugares implicados en el comercio del estaño. Santiago pudo venir a cualquiera de ellos. Pudo también entrar por Andalucía y subir, por Portugal haciendo el viaje por tierra, hasta Galicia. Asturias y Cartagena guardan sendas tradiciones, más fundada la segunda, del desembarco de Santiago. Aunque yo pienso que lo más lógico habrá sido el comienzo por Galizia.”³¹

Tiago terá sido ainda acompanhado por dois discípulos, Teodoro e Atanásio, que o seguiram na sua missão evangelizadora, acompanhando-o até à sua morte.³²

²⁹ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago Apóstol. Vida. Peregrinaciones. Catedral compostelana*. Santiago de Compostela: Coedición Follas Novas / Monte Casino, 1999, p.39.

³⁰ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago El Mayor y Compostela. Un apóstol, una ciudad, unos caminos*. Madrid: Aldeasa, 1999, p.31.

³¹ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago Apóstol. Vida. Peregrinaciones. Catedral compostelana*. Santiago de Compostela: Coedición Follas Novas / Monte Casino, 1999, p.45.

³² Serão estes dois discípulos que, segundo a tradição cristã, terão transportado o corpo de Tiago até à Galiza, depois de ter sido decapitado.

No entanto, o *Codex Calixtinus*³³ (fig.3) indica que Tiago terá tido inúmeros apóstolos, destacando-se, além de Teodoro e Atanásio, outros dez: *Torcuato, Tesifonte, Segundo, Indalecio, Cecilio, Hesiquio y Eufrasio*. (...) *Hermóneges, Fileto y Josias*,³⁴ ainda que estes três últimos não tenham acompanhado Tiago na sua predicação por terras hispânicas, uma vez que foram convertidos pelo Apóstolo pouco tempo antes da sua condenação à morte. À semelhança de Jesus, também Tiago terá escolhido doze apóstolos para o acompanharem.

Tiago poderá ter permanecido em terras ibéricas cerca de seis anos³⁵, tendo regressado a Jerusalém, não pelo infrutífero resultado da sua pregação, mas talvez pela necessidade de se reencontrar com os seus “colegas de apostolado”.

Porém, e segundo a *Leyenda Áurea*, da autoria de Jacobo de Voragine (1230-1293),³⁶ não seriam muitos os que adoptaram a fé cristã na Península Ibérica, tendo por isso Tiago regressado a Jerusalém para continuar a sua missão evangelizadora que, nesta zona, era muito mais frutífera, além de que os milagres por ele realizados que lhe dariam bastante fama, vindo a ser, talvez, a causa da sua perseguição e morte.

Vivia-se um período de instabilidade religiosa e temia-se inclusivamente uma revolta. A pedido dos Fariseus, o mago Hermógenes enviou o seu discípulo, Fileto, para confrontar Tiago sobre a veracidade e fundamentação da doutrina que pregava, que se tornava cada vez mais “incómoda” junto da comunidade. Mas Fileto acabou por ser convencido, e posteriormente convertido, graças aos argumentos racionais que Tiago empregou, bem como à veracidade dos milagres ocorridos, confirmando assim a autenticidade da doutrina que pregava. No encontro com Hermógenes, Fileto descreveu os acontecimentos que teve oportunidade de testemunhar, aceitando a doutrina que Tiago pregava, desafiando o seu mestre a ter a mesma postura.

Porém, Hermógenes, furioso com a atitude do seu discípulo e recorrendo a magias, imobilizou Fileto, desafiando Tiago a “curá-lo” da imobilização, o que acabou por acontecer. Mais furioso ainda pelo facto de Fileto o ter abandonado e ter ido ao encontro de Tiago,

³³ MORALEJO, Abelardo (dir); TORRES, Casimiro; FEO, Julio, *Liber Sancti Iacobi. Codex Calixtinus*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia / Conselleria de Cultura, Comunicación Social e Turismo / Xerencia de Promoción do Camiño de Santiago, 2004, pp.385-388.

³⁴ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago Apóstol. Vida. Peregrinaciones. Catedral compostelana*. Santiago de Compostela: Coedición Follas Novas / Monte Casino, 1999, p.46.

³⁵ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago El Mayor y Compostela. Un apóstol, una ciudad, unos caminos*. Madrid: Aldeasa, 1999, p.39.

³⁶ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *Santiago. Para conocerte y no olvidarte*. A Coruña: Hércules Ediciones, 2003, p.14.

Hermógenes recorreu a demónios para trazerem Tiago e Fileto, mas o seu plano não correu conforme o previsto. Ao invés de lhe trazerem os “prisioneiros”, foi ele conduzido à presença de Tiago, que o libertou, alertando-o de que não era sua intenção obrigá-lo a seguir a sua doutrina. Hermógenes acabaria por se prostrar aos pés de Tiago, convertendo-se à sua doutrina, tornando-se temente a Deus e discípulo de Tiago, realizando “obras” em nome do Senhor.

Muitos foram os que criticaram Tiago pela doutrina que pregava, mas a sua forma apaixonada de transmitir a palavra de Deus, citando os Livros Sagrados, era tão poderosa que muitos acabaram por se converter.

Entre os anos 42 e 44 d.C.³⁷, numa fase em que Herodes Agripa I (10-44), filho de Aristóbulo IV (31 a.C.-7 a.C.) e Berenice, e neto de Herodes, o Grande (73 a.C.-4 a.C. ou 1 a.C.), empreendia uma fervorosa perseguição aos Apóstolos e aos discípulos de Jesus, deu ordem para prenderem Tiago. Condenado à morte³⁸, Tiago curou ainda um paralítico e converteu Josias, um escriba que acompanhava o “cortejo”, tendo sido inclusivamente baptizado pelo Apóstolo³⁹, e que foi igualmente decapitado⁴⁰ graças à sua conversão à fé cristã. Em rigor, a nova Igreja começava a tornar-se uma grande ameaça para os judeus.

De acordo com *Codex Calixtinus*⁴¹, no momento imediato à morte de Tiago, alguém exclamou: “Hacia la hora tercia fue juzgado y hacia la nona, como Cristo, fue muerto. Es decir, en igual día y hora que el Maestro, murió yambién el discípulo.”

Em rigor, Tiago foi o primeiro Apóstolo Mártir do Cristianismo.

³⁷ Uma vez que nem mesmo a Bíblia é precisa na data da execução de Tiago, consideramos este período de tempo, indo ao encontro de outras fontes consultadas.

³⁸ “Por esse tempo, o rei Herodes maltratou alguns membros da Igreja. Mandou matar à espada Tiago, irmão de João.” Act 12, 1-2.

³⁹ No local onde Tiago foi decapitado, em pleno centro do antigo bairro arménio em Jerusalém, terá sido erigida uma Catedral dedicada ao Apóstolo, na qual se encontra uma capela, assente no local do martírio. Ainda que a actual Catedral date de meados do século XII, já no século VII havia notícia deste importante santuário.

⁴⁰ A decapitação era uma das sentenças de morte usual naqueles tempos. Segundo o Antigo Testamento, a decapitação era aplicada aos culpados de idolatria colectiva e de homicídio; no Novo Testamento, há apenas três casos de decapitação: a de S. João Baptista, a da multidão que se negou a abandonar as suas crenças em terras profanas e a de S. Tiago. “La de Santiago podría ser por su predicación, que facilmente se tipificaba entre los judíos como incitación a la idolatría colectiva. Aunque también podemos pensar que se trató de un procedimiento sin proceso, como el del Bautista, con el que se intentó dar un golpe de efecto ante los judíos.” PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago Apóstol. Vida. Peregrinaciones. Catedral compostelana*. Santiago de Compostela: Coedición Follas Novas / Monte Casino, 1999, pp.52-53.

⁴¹ MORALEJO, Abelardo (dir); TORRES, Casimiro; FEO, Julio, *Liber Sancti Iacobi. Codex Calixtinus*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia / Conselleria de Cultura, Comunicación Social e Turismo / Xerencia de Promoción do Camiño de Santiago, 2004, p.401.

2. Trasladação do Corpo do Apóstolo

A morte de Tiago encerra a sua vida enquanto Apóstolo e acaba por dar origem a uma outra vida: a mítica. Com efeito, são relatos da tradição peregrina e de livros antigos, os responsáveis pela construção de todo o misticismo à volta de Tiago e que têm alimentado uma frutífera literatura e investigação, inclusivamente até aos dias de hoje.

De facto, a *translatio*⁴² é um dos aspectos mais emblemáticos da historiografia jacobea, uma vez que tenta explicar das deslocações do corpo do Apóstolo Tiago entre Jerusalém, Padrón (Iria Flavia) e Compostela.(fig.4)

Segundo a tradição, após a morte de Tiago, o seu corpo e a cabeça teriam sido levados para fora da cidade de Jerusalém, uma vez ser essa a regra estabelecida para todos aqueles que tinham sido condenados à morte, nomeadamente os decapitados (uma forma de execução desonrosa), servindo de alimento a animais. Teodoro e Atanásio, discípulos de Tiago, teriam roubado o seu corpo⁴³, transportando-o numa barca, sem leme nem velas, sob a orientação de um anjo. Navegaram desde a Palestina, atravessando o Mar Mediterrâneo e a Costa Atlântica da Península Ibérica, entrando na Galiza pela ria de Arousa e subindo o rio Sar até à antiga Iria Flaviae (actual cidade de Padrón), onde amarraram a barca a uma coluna de pedra.⁴⁴

Como aquela região pertencia a Lupa, uma mulher influente e pagã, Teodoro e Atanásio pediram-lhe autorização para sepultarem Tiago nas suas terras, mas esta aconselhou-os a pedirem permissão ao enviado romano Filotro, que se encontrava perto de Finisterra. No entanto, o enviado romano, ao invés de atender ao pedido, mandou-os prender. Graças a um milagre, os discípulos de Tiago foram libertados por um anjo e, após terem regressado às terras de Lupa, pediram-lhe novamente que atendesse o seu pedido. Esta, simulando uma atitude de benevolência, autorizou que lhes fosse entregue um carro de bois para transportar o Apóstolo até ao seu local de sepultura; porém, indicou aos discípulos um local onde poderiam ir buscar os animais, mas, chegados lá, depararam-se com touros selvagens, os quais

⁴² Neste sentido, *translatio* significa trasladação, nomeadamente a do corpo de Tiago.

⁴³ De acordo com as obras antigas *De ortu et obitu Patrum* e *Breviarium Apostolorum*, o corpo de Tiago terá sido sepultado num local denominado de “Arca Marmorica” que, segundo Guerra Campos, se poderá contudo referir à própria estrutura sepulcral. PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago Apóstol. Vida. Peregrinaciones. Catedral compostelana*. Santiago de Compostela: Coedición Follas Novas / Monte Casino, 1999, p.54.

⁴⁴ Actualmente, a suposta coluna, onde foi amarrada a barca, encontra-se por debaixo do altar-mor da Igreja de Santiago, nesta localidade. Este “pedrón” terá dado origem, não só ao mito de Santiago, mas também ao topónimo de Padrón. A coluna tem uma inscrição romana, cuja transcrição é incerta, não fornecendo dados concretos para a investigação.

acabaram por se tornar mansos, ao verem o sinal da cruz. Após este acontecimento, Lupa converteu-se ao Cristianismo.

Teodoro e Atanásio seguiram viagem até ao local designado por Lupa para o monumento funerário, denominado de *Liberum Donum*, actualmente Libredón. Ali permaneceram, velando o corpo do Apóstolo, seu Mestre: “(...) aquellos dos discípulos, inseparables por reverencia hacia su maestro, mientras con todo cariño vigilaban sin interrupción el citado sepulcro, mandaron que, después de su muerte, fuesen enterrados por los cristianos junto a su maestro, uno a su derecha y outro a su izquierda. (...)”⁴⁵. Provavelmente, os povos vizinhos terão tido conhecimento deste importante enterramento, fazendo-nos supor o início do culto a Tiago.

Não tão amplamente divulgada como a tradição cristã, é um texto, datado do século IX, atribuído ao Bispo Leão, presumivelmente de Jerusalém, no qual relata a transladação do Apóstolo Tiago, ainda que tardia, apontando-a para finais do século V ou inícios do século VI. De acordo com o referido texto, “(...) los siete discípulos del apóstol habían recogido el cuerpo decapitado de su maestro, lo transportaron durante siete días en una nave guiada por la mano de Dios, hasta que llegaron al lugar de Bisria, sito en la confluencia de los rios Ulla y Sar. Ocurrió allí un nuevo prodigio: en medio de un fenómeno luminoso, el cuerpo les fue arrebatado por los Aires. Ellos, apenados por la pérdida del cuerpo, echaron a andar profundamente apenados en medio de constantes súplicas y oraciones. A doce milas de Bisria se encontraron con el cuerpo de Santiago, ya sepultado *sub arcis marmoricis*. Tres de los discípulos, Torcuato, Tesifonte y Anastasio, gracias a los méritos del apóstol, dieron muerte al dragón del monte *Illicino*, que desde entonces mudó el nombre por Montesacro, y se quedaron junto al cuerpo de su maestro, mientras que los otros cuatro volvían a Jerusalén. La carta finaliza con una exhortación del obispo León a toda la cristiandad occidental para que acuda confiadamente al sepulcro de Santiago.”⁴⁶

Santiago de Compostela comemora anualmente esta *translatio* a 30 de Dezembro⁴⁷, “encerrando” assim o ciclo de “viagem” do corpo do Apóstolo, com especial relevo em anos jubliares⁴⁸.

⁴⁵ MORALEJO, Abelardo (dir); TORRES, Casimiro; FEO, Julio, *Liber Sancti Iacobi. Codex Calixtinus*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia / Conselleria de Cultura, Comunicación Social e Turismo / Xerencia de Promoción do Camiño de Santiago, 2004, p.399.

⁴⁶ LOPEZ ALSINA, Fernando, “La «inventio» del cuerpo de Santiago” in *Historia de Galicia. I. De la Prehistoria a la Alta Edad Media*. Vigo: Faro de Vigo / Xunta de Galicia / Caixavigo, 1991, pp.249-250.

⁴⁷ Segundo *La Leyenda Dorada*, da autoria de Voragine, apesar de o corpo de Tiago ter sido trasladado de Iria Flavia (Padrón) para Compostela a 25 de Julho (data da comemoração do Apóstolo), os seus restos mortais foram apenas sepultados

3. Descoberta do Corpo do Apóstolo

Tudo indica que o túmulo do Apóstolo Tiago terá sido descoberto entre 813 e 820, por Pelágio, um ermitão que, durante várias noites seguidas, observou uma chuva de estrelas em determinada zona.

Teodomiro, Bispo de Iria Flavia, ao tomar conhecimento deste “fenómeno”, ordenou escavações no local, tendo sido descoberta uma arca de mármore com os restos mortais que foram, imediatamente, atribuídos ao Apóstolo. Segundo López Ferreiro, “Comienzan a sacra ladrillos, trozos de mármol, sillares de granito, hasta que al fin dan com los muros de un pequeño monumento perfectamente lavrado. Com creciente afán y empeño siguen descombrando y dejan descubierto el edificio y el embaldosado que lo rodea. Allí pudieron notar dos sepulturas cubiertas con baldosas de ladrillo, pero, ¿ qué era lo que contenía el edificio? La puerta estaria, probablemente, tapiada. A una indicación del prelado, la franquean, y el venerable Teodomiro penetra y ve un altar, y, al pie del altar, una losa sepulcral rodeada de un pavimento de mosaico. Hace levantar la losa y aparece un cadáver que, a juzgar sólo por el sitio donde se halla, debajo de un altar, no podía menos de ser de un santo, y de un gran santo. Reconoce, registra, repasa todo el sepulcro, todos los objetos que en él se hallan, examina la bóveda, las paredes, quizá decoradas com pinturas, y todos los rincones del monumento, se fija en la lámpara o lucerna que debió de estar cerca del altar, y halla, no ya indícios, sino pruebas evidentes de que el santo que allí yace sepultado es nada menos que el apóstol Santiago, evangelizador de España. Esto lo movió, sin duda, a confrontar com los datos que se hallaban consignados en algunos códices que entonces habían de guardarse en Iria, las circunstancias del lugar y del hallazgo.”⁴⁹

a 30 de Dezembro, poucos dias antes de terminarem o seu sepulcro. Ainda hoje, a cerimónia da trasladação é imponente, reconstruindo-se, através de uma pequena procissão, o percurso do corpo do Apóstolo até Compostela; já no interior da Catedral, a homília é toda ela dedicada a este momento da historiografia jacobea, ainda que refira igualmente alguns aspectos mitológicos e lendários. VORAGINE, J. de la, *La Leyenda Dorada*. Madrid: Edición F.J.M. Macías, 1982.

⁴⁸ O ano jubilar/xacobeo comemora-se sempre que o dia 25 de Julho, dia do Apóstolo, seja Domingo. No ano passado, comemorou-se o ano Xacobeo, que só voltará a repetir-se em 2021.

⁴⁹ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago El Mayor y Compostela. Un apóstol, una ciudad, unos caminos*. Madrid: Aldeasa, 1999, pp.58-59.

De imediato, o Bispo Teodomiro deu conhecimento do “achado” ao rei Afonso II que se deslocou a Compostela e, posteriormente, ao campo de escavações, onde venerou o corpo como Patrão e Senhor de toda a Espanha com abundantes lágrimas e orações.⁵⁰

Por iniciativa do rei Afonso II, iniciou-se a edificação de uma singela igreja em honra do Apóstolo Tiago. Paralelamente à edificação, muitos foram os privilégios concedidos ao clero, incluindo o próprio Bispo Teodomiro.

Comunicada a “boa nova” a Roma, concretamente ao papa São Leão III (795-816), a descoberta peninsular rapidamente se espalhou pelo mundo cristão. O local passou a ser denominado de “campus stellae” – *campo de estrelas*, originando o topónimo de Compostela, que passou a ser um local de culto e de peregrinação, à semelhança de Jerusalém e de Roma.

Existe ainda uma outra corrente que descreve que o túmulo do Apóstolo terá sido transportado para lugar incerto no norte de Espanha, mas não existem quaisquer provas que possam corroborar esta teoria.

Segundo uma outra tradição, as relíquias do Apóstolo encontram-se na igreja de São Saturnino, em Toulouse (França), e poderão ter sido repartidas entre as duas igrejas: Toulouse e Compostela.

A verdade é que a autenticidade das relíquias é, ainda hoje, posta em causa. Até porque há notícia do corpo de Prisciliano⁵¹, bispo herege hispânico, ter sido igualmente decapitado e transportado pelos seus discípulos até à sua Galiza natal, nos primeiros séculos do Cristianismo. Estas duas “histórias” são muito semelhantes, embora exista uma diferença crucial: para a Igreja Católica, Tiago é Santo e Prisciliano herege.

Segundo Miguel de Unamuno, Sánchez Dragó e Ramón Chao⁵², as ossadas de Prisciliano teriam sido aproveitadas como “santas”, atribuindo as mesmas a Tiago. É de referir que, em 683, no IV Concílio de Trento, ainda é mencionado o culto a Prisciliano, que continua a ser condenado pela Igreja.

Independentemente da origem das relíquias guardadas na Catedral de Santiago de Compostela, esta transformou-se, na Idade Média, num dos locais mais famosos de

⁵⁰ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago El Mayor y Compostela. Un apóstol, una ciudad, unos caminos*. Madrid: Aldeasa, 1999, p.59.

⁵¹ Oriundo de Iria Flavia (actual Padrón), Prisciliano chegou a ser Bispo de Ávila, ainda que não tivesse sido reconhecido oficialmente. Acusado de heresia por defender a interpretação livre das Sagradas Escrituras e dos Evangelhos Apócrifos (desconhecidos do público em geral), foi condenado à morte pelo Imperador Teodósio, tendo sido decapitado, aos quarenta anos de idade, na cidade de Tréveris, em 385.

⁵² RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *Santiago. Para conocerte y no olvidarte*. A Coruña: Hércules Ediciones, 2003, p.25.

peregrinação do mundo cristão mais famosos, passando o “Caminho” a designar todo o conjunto de itinerários que cruzavam a Europa até Santiago de Compostela.

4. Milagres do Apóstolo

“Es de suma importancia encomendar a la escritura y dar a perpetua memoria para honor de nuestro Señor Jesucristo los milagros de Santiago. Porque al ser narrados por expertos los ejemplos de los santos, son movidos piadosamente al amor y dulzura de la pátria celestial los corazones de los oyentes. (...) Mas nadie piense que he escrito todos los milagros y ejemplos que he oído de él, sino los que he considerado verdaderos por veracísimas afirmaciones de hombres veracísimos. Porque si escribiese todos los milagros que de él oí en muchos lugares de boca de muchos, más les faltaría a mis manos y a mi afán pergamino que ejemplos suyos. Por lo cual ordenamos que este códice sea contado entre los códices verídicos y auténticos y que sea leído atentamente en las iglesias y refectorios los días festivos del Santo Apóstol y otros, si place.”⁵³

O *Codex Calixtinus* relata-nos vinte e dois milagres protagonizados pelo Apóstolo Tiago, milagres de cura, perdão e de ressurreição, em favor dos seus devotos e peregrinos.

Segundo López Ferreiro, durante o século XVII, persistiam os relatos de milagres realizados por São Tiago, referindo alguns deles na sua obra *Historia de la S.A.M. Iglesia de Santiago*.⁵⁴ Esta crença em milagres realizados por ele persiste até à actualidade.

5. Fontes: Complexidade e Contradições

Para além dos *Evangelhos* e dos *Actos dos Apóstolos*, pouco se tinha escrito sobre Tiago. As primeiras notícias surgem passados quase seis séculos após a sua morte.

⁵³ MORALEJO, Abelardo (dir); TORRES, Casimiro; FEO, Julio, *Liber Sancti Iacobi. Codex Calixtinus*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia / Consellería de Cultura, Comunicación Social e Turismo / Xerencia de Promoción do Camiño de Santiago, 2004, pp.327-328.

⁵⁴ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago El Mayor y Compostela. Un apóstol, una ciudad, unos caminos*. Madrid: Aldeasa, 1999, p.77.

“As notícias, citações e narrações orais sobre a pregação apostólica jacobéia nos confins ocidentais não poderiam ser bem-vistas por aqueles que salientavam que as origens das igrejas e comunidades cristãs do Ocidente tinham como referência São Pedro e os seus sucessores. O papa queria evitar, desta forma, qualquer discussão sobre a primazia da sé fundada pelo primeiro bispo de Roma, e destacou-se a autoridade do mesmo sobre a totalidade da Igreja ocidental. As bases da primazia romana foram estabelecidas por Calixto I (217-222), criador da idéia do Papado, acobertado pelos Padres Irineu e Tertuliano, que defendiam a suprema autoridade apostólica de Roma.”⁵⁵

Provavelmente, haveria um claro desinteresse pela pregação de São Tiago e de todos os outros Apóstolos no Ocidente, ainda que se reconhecesse a tradição oral sobre a mesma. Entretanto, o papa Inocêncio I (401-417), na sua Epístola a Decêncio, bispo de Gubbio, diz que “ao rejeitar toda a tradição oral, pedia provas escritas da fundação das igrejas por algum outro apóstolo que não fosse São Pedro. Mas também não se deve interpretar literalmente a epístola de Inocêncio I, porque se cairia em contradição com os Atos dos Apóstolos e com a Epístola aos Romanos, já que consta que São Paulo pregou em Malta e em Roma.”⁵⁶

A partir da segunda metade do século V, difunde-se por toda a Europa a obra *Passio Sancti Iacobi*, com a paixão e a morte de São Tiago, tendo como referência textos antigos que “(...) não representavam mais que detalhes piedosos e milagrosos que satisfaziam a sensibilidade da fé popular sem acrescentar mais do que dizem os textos bíblicos sobre o martírio de São Tiago.”⁵⁷

Segundo Elisardo Temperán⁵⁸, as *Pasiones de Santiago: la modica passio y la magna passio* apresentam dados sobre a vida de Tiago; a primeira referência é o texto da *Historia Eclesiástica*⁵⁹, da autoria de Eusebio de Cesareia (cc 270-339/340), sobre a morte de Tiago, que se socorre do já narrado nos *Actos dos Apóstolos*; a segunda apresenta um carácter mais hagiográfico, enfatizando o narrado na *Historia Eclesiástica* de Eusebio, referindo-se à actividade apostólica de Tiago até à sua morte, incluindo alguns episódios como, por

⁵⁵ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.21.

⁵⁶ *Idem*, p.22.

⁵⁷ *Idem*, p.22.

⁵⁸ TEMPERÁN, Elisardo, “Santiago Apóstol: Discípulo, Maestro y Mártir” in *Santiago el Mayor y la Leyenda Dorada* (catálogo da exposición – Museo de Belas Artes da Coruña). Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1999, p.44.

⁵⁹ Obra publicada no sítio <http://www.scribd.com/doc/6451956/HISTORIA-ECLESIASTICA-Eusebio-de-Cesareia>. (consultada a 28 de Dezembro de 2010).

exemplo, a conversão de Hermógenes, a cura de um paralítico a caminho do martírio e a conversão de Josias.

Em meados do século V, o papa São Leão I Magno (440-461) admitiu claramente a origem apostólica da Igreja hispânica na sua Carta aos Vândalos, Godos e Romanos (habitantes da Península Ibérica na época), confirmando a pregação de São Tiago nesta zona.⁶⁰

Em finais do século VI, é conhecido um documento que vincula a tradição apostólica jacobea à cidade de Saragoça, e no qual o bispo Máximo († c.606) “evoca na sua cidade a fundação apostólica de um templo dedicado à Virgem Maria: *Caesaraugustae templum Dei genitricis sanctum et a divo Jacobo constructum quod ad columnam dicitur, celebre habetur* - «Existe em Saragoça um célebre e sagrado templo da mãe de Deus, chamado de a coluna, edificado pelo divino São Tiago» (...) Máximo oferece o dado quase de passagem, como se fosse algo bem conhecido dos membros da diocese, e o faz com a finalidade de ressaltar a antiguidade e venerabilidade do templo em questão, reconstruído possivelmente durante o seu episcopado sobre a igreja paleocristã original. O registro parece referir-se a uma tradição oral muito antiga, difundida entre os saragoçanos de pais a filhos, escrita em meados do século VI como parte da Crônica de Máximo.”⁶¹

De acordo com Robert Plotz⁶², o primeiro testemunho da pregação de Tiago no território hispânico surge com o texto *Breviarium apostolorum*, datado entre o final do século VI ou início do século VII, no qual faz uma breve apresentação dos Apóstolos, indicando o nome, lugar de pregação, morte e dia da sua festa; o texto original estaria escrito em grego e teria sido posteriormente traduzido para latim, provavelmente uma tradução “manipulada”. Paralelamente a essas questões, no que diz respeito ao Apóstolo Tiago, este texto refere que *hic Spaniae et occidentalia loca praedicat* (predicou na Hispânia e nas regiões ocidentais).

O *Breviarium apostolorum* é inspirado em fontes antigas, orientais e ocidentais, relativas à pregação jacobea em território peninsular, atribuídas a Dídimos, o Cego, de Alexandria (310-398), São Jerónimo (348-457), Teodoreto (393-457), Santo Hilário de Poitiers (310-368), Santo Efrén (306-373) e Eusébio de Cesareia (c. 265-339). “A variedade

⁶⁰ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.23.

⁶¹ *Idem*, p.25.

⁶² PLÖTZ, Robert, “O desenvolvimento histórico do culto de Santiago” in *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*. Lisboa: Távola Redonda, 1992, p.55.

de fontes utilizada na elaboração do *Breviarium apostolorum* e a sua rápida difusão no germanizado espaço europeu ocidental fizeram com que o livro fosse, nas suas diferentes versões, um elemento valioso para promover a tradição jacobéia e a universalização do culto ao Apóstolo dois séculos depois antes do descobrimento do seu sepulcro em Compostela, chamando a atenção de muitos para o ocidente hispânico. Em consequência, o *Breviarium* se destaca como um magnífico referente documental ocidental, baseado em textos primitivos cristãos orientais (gregos) e ocidentais (latinos), que reforçam a tradição galaica sobre a pregação de São Tiago em terras galegas, especificando o lugar concreto da ação evangelizadora do apóstolo: a parte ocidental da *Hispania*, quer dizer, a antiga província de *Gallaecia*.⁶³

De acordo com a teoria de Jerónimo⁶⁴, os Apóstolos terão sido sepultados nos locais da sua pregação, recuando ao termo “Achaia Marmarica” referido no *Breviarium apostolorum*, que nos indica assim a presença da sepultura apostólica.

Possivelmente, o *Breviarium apostolorum* terá sido conhecido na Península Ibérica ainda no século VII, sendo comprovada a sua existência através da obra de Isidoro de Sevilha (560-636), *De ortu et obitu patrum*, que se espalhou por toda a Europa, reforçando a ideia de evangelização do Apóstolo na Península Ibérica. A obra de Isidoro de Sevilha apresenta uma breve biografia das principais figuras bíblicas; no capítulo 71, refere que *Spaniae et occidentalium locorum Evangelium praedicavit et in occasum mundi lucem praedicationis infudi*.⁶⁵ (Em Espanha e nas terras ocidentais, pregou o Evangelho e infundiu a luz da pregação no fim do mundo).

Paralelamente à obra de Santo Isidoro de Sevilha, ainda da mesma época, merecem destaque a segunda edição de *De ortu et obitu patrum*, dirigida por São Virgílio de Salzburg (†784); o *Cronicão* de Freculfo de Lisieux (†825) e o *Martirólogo Jelonense* (804).

No século VIII, o monge inglês Santo Aldelmo (650-709), Abade de Malmesbury e bispo de Sherborne a partir de 705, escreveu o *Poema de Aris*, a primeira poesia sobre a missão apostólica de São Tiago na Península Ibérica. “A grande importância do poema de Santo Aldelmo não só reside no valor poético e litúrgico, mas também no fornecimento à

⁶³ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.27.

⁶⁴ PLÖTZ, Robert, “O desenvolvimento histórico do culto de Santiago” in *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*. Lisboa: Távola Redonda, 1992, p.56.

⁶⁵ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago El Mayor y Compostela. Un apóstol, una ciudad, unos caminos*. Madrid: Aldeasa, 1999, p.31.

hagiografia ocidental de uma nova pista, talvez bizantinam sobre a pregação jacobéia na Península Ibérica.”⁶⁶

Entre finais do século VII e o primeiro terço do século VIII, Beda, o Venerável (†735), que detinha um conhecimento aprofundado das várias versões ocidentais que circulavam do *Breviarium apostolorum*, nomeadamente no que diz respeito às áreas de evangelização por parte dos Apóstolos, mantém a tese da evangelização de São Tiago na Península Ibérica, mas apresenta factos inéditos nos seus textos. Como sintetiza Francisco Singul Lorenzo, “O mais importante nas notícias de Beda é a referência, nada menos – um século antes do descobrimento do sarcófago apostólico –, à localização na Galiza do sepultamento de São Tiago. Há que destacar, de saída, que Beda seria o primeiro a escrever sobre o sepulcro de São Tiago na *Hispania*, no extremo ocidental do país, mais concretamente no litoral do Mar Britânico. (...) na *Homilia XCII*, Beda diz que o corpo de São Tiago foi levado à *Hispania* depois do seu martírio na Palestina: *Iste est frater beati Jacobi cuius in Hispania corpus requiescit* - «Este (São João Evangelista) é o irmão do bem-aventurado São Tiago, do qual o corpo descansa em *Hispania*» (...). O *Martirilógico de Beda* completava a informação, ao explicar que a sepultura apostólica, depois de um segundo traslado dentro dos limites hispânicos, encontra-se nos seus confins. Diz o texto: *Huius beatissimi sacra ossa ab Hispani translata sunt, et in ultimis earum finibus, videlicet, contra mare britanicum condita* – «Os sagrados restos mortais deste bem-aventurado foram trasladados de lugar na *Hispania* e escondidos nos seus últimos limites frente ao mar britânico.» (...) Assim aconteceu que, 100 anos antes de o rei das Astúrias, Alfonso II, ir em direcção aos limites ocidentais do seu pequeno reino, atendendo ao chamado do bispo Teodomiro de Iria Flávia, já existia no Ocidente um monge erudito que sabia que o sepulcro de São Tiago se encontrava bem escondido num lugar afastado do território astúrio-galaico, não muito longe do mar ocidental. E ali haveria de ficar até ao momento do seu descobrimento, não se sabe se acidental ou não, nas primeiras décadas do século IX.”⁶⁷

No início da reconquista cristã, no século VIII, o Beato de Liébana, na obra *Comentario al Apocalipsis*, refere a preferência de Tiago por Espanha, chegando mesmo a apelidá-lo de patrono de Espanha no hino *O Dei Verbum Patris*, dedicado ao rei Mauregato e, por sua vez, igualmente dedicado a Tiago: “Oh, apóstol digníssimo y santísimo, cabeza

⁶⁶ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.29.

⁶⁷ *Idem*, p.31.

refulgente y dorada de España, defensor poderoso y patrono especialísimo. Asiste piadoso a la grey que te ha sido encomendada; sé dulce pastor para el rey, para el clero y para el pueblo; aleja la peste, cura la enfermedad, las llagas y el pecado, a fin de que con tu ayuda nos libremos del infierno y lleguemos al goce de la gloria en el reino de los cielos. (...)”⁶⁸. Neste contexto, Tiago identifica-se claramente com a Espanha, enquanto seu defensor e patrono, adivinhando-se o poder associado ao Apóstolo em prol da representação do verdadeiro espírito cristão. “A notícia da evangelização da *Hispania* por São Tiago, que aparece no *Comentário ao Apocalipse* do Beato não ficou só nos estreitos limites do Reino das Astúrias. A abundância de cópias desta obra do Beato, distribuída pela Europa durante os séculos XI-XII, projetou o culto a São Tiago para além dos Pirinéus, difundindo pelo Ocidente, como já o fizera o *Breviarum Apostolorum* alguns séculos antes, a notícia da pregação de São Tiago na Península Ibérica.”⁶⁹

Durante o reinado de Afonso II (789-842), e após a descoberta efectuada pelo ermitão Pelágio, começa a espalhar-se, pela Península Ibérica, a notícia do aparecimento das relíquias de Tiago e a construção da primeira igreja em seu louvor, começando, ainda que primitivamente, o culto ao Apóstolo.

A referência à trasladação do corpo do Apóstolo surge no *Martirologico*, da autoria de Floro de Lyon (808-838), referindo que *Hujus beatissimi apostoli sacra ossa ad Hispanias translata*.⁷⁰ (tradução: deste apóstolo abençoado foram trasladados os seus ossos sagrados para Espanha). Igualmente, também no *Martirologico*, da autoria de Usuardo de Saint-Germain-des-Prés (858), a trasladação é sugerida num texto literário que refere a existência do túmulo de Tiago: (...) *huius sacratissima osso ab Ierosolimis ad Hispanias translata et in ultimis earum finibus condita celeberrima illarum gentium ueneratione excoluntur*.⁷¹ (tradução: estes ossos mais sagrados foram trasladados para Espanha e venerados por célebres povos nos territórios mais longínquos). No entanto, nada é referido relativamente à pregação de Tiago nesta zona peninsular, seja por opção ou por falta de informação.

⁶⁸ CARMONA MUELA, Juan, *Iconografía de los santos*. Madrid: Ediciones Istmo, 2003, p.409.

⁶⁹ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.34.

⁷⁰ CARMONA MUELA, Juan, *Iconografía de los santos*. Madrid: Ediciones Istmo, 2003, p.409.

⁷¹ PLÖTZ, Robert, “O desenvolvimento histórico do culto de Santiago” in *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*. Lisboa: Távola Redonda, 1992, p.58.

Ainda assim, torna-se imperioso justificar a travessia do corpo de Tiago desde Jerusalém até à Galiza. Na opinião de Robert Plotz⁷², o Tombo “A” da Catedral de Santiago de Compostela dá conhecimento da pregação de Tiago em Espanha, o seu papel protector⁷³ e o seu sepulcro. Mas, será através de um documento de Afonso III (848-910), datado de 885, que é referida a sepultura de Tiago *in locum arcis marmoricis, territorio Gallicie* (numa arca de mármore, no território da Galiza).

Segundo uma carta apócrifa, do século IX, atribuída ao Papa Leão⁷⁴, *Epistola Leonis*, não é possível apresentar dados concretos sobre a pregação de Tiago em Espanha; no entanto, esta missiva terá sido posteriormente adoptada para a elaboração da *Translatio Sancti Jacobi*, datada do século XI. Ambas as fontes seriam inseridas, posteriormente, no Livro III de *Liber Sancti Jacobi* “*Codex Calixtinus*”.

Através do relatado em *Concordia de Antealtares*⁷⁵, de 1077, da autoria do Abade do Convento de San Paio de Antealtares, San Fagildo, e do Bispo de Santiago de Compostela, Diego Páez, é referida a descoberta do corpo do Apóstolo, aludindo-se à obrigatoriedade da comunidade clerical celebrar missas e entoar cânticos no altar do Apóstolo.⁷⁶ Este mesmo documento (*Concordia de Antealtares*) assegura que o achado do sepulcro ocorreu no bispado de Teodomiro de Iria, ao contrário do que sugerem outros documentos posteriores, “escritos em princípios do século XII e influenciados pela corrente filofrancesa à qual se somavam a Igreja compostelana, o rei Alfonso VI e, particularmente, o arcebispo Xelmírez, que agradecem a colaboração da abadia de Cluny na promoção das peregrinações a São Tiago e o decidido apoio à causa compostelanista.”⁷⁷

⁷² PLÖTZ, Robert, “O desenvolvimento histórico do culto de Santiago” in *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*. Lisboa: Távola Redonda, 1992.

⁷³ Esta conotação refere-se principalmente ao “papel” de Santiago Matamouros, enquanto defensor dos Cristãos e da Pátria de Espanha. (este tema será tratado no capítulo V, dedicado à Iconografia)

⁷⁴ Existem algumas dúvidas relativamente ao autor desta carta, sabendo apenas tratar-se de um papa Leão, identificado por alguns autores como o papa Leão III (795-816).

⁷⁵ Este documento apresenta dados sobre as origens da Catedral de Compostela, bem como do seu Patrono: morte, trasladação, enterramento e descoberta do sarcófago.

⁷⁶ CARRO GARCIA, Jesus, “Estudios Jacobeos. Arca Marmorica, Cripta, Oratorio o Confesion, Sepulcro y Cuerpo del Apostol” in *Cuadernos de Estudios Gallegos*. Santiago de Compostela: Ed. Instituto P. Sarmiento de Estudios Gallegos, 1954, p.97.

⁷⁷ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.41.

Também um privilégio da autoria da Infanta D. Elvira, datado de 13 de Novembro de 1100, refere igualmente a presença do corpo do Apóstolo: *cuius uenerabile corpus sepultum esse creditur território gallecie, in ciuitate compostella*.⁷⁸ (cujo venerável corpo sepultado está em território galego, na cidade de Compostela).

O *Liber Sancti Jacobi – Codex Calixtinus*, obra atribuída tradicionalmente ao Papa Calisto II (1119-1124), apresenta-se em cinco livros, relatando a devoção, vida e obra de Tiago Maior bem como o fenómeno das peregrinações. Merecem destaque os Livros III e V, que tratam da trasladação de Tiago e do Guia do Peregrino, respectivamente; sendo este último atribuído a Aimerico Picaud. Curiosamente, no Livro V, nomeadamente no capítulo VIII, está expressa a “obrigatoriedade” da visita ao sepulcro do Apóstolo: “(...) en la ciudad de Compostela se ha de visitar com gran cuidado y atención el digníssimo cuerpo del apóstol Santiago.”⁷⁹

Por iniciativa do Bispo de Santiago de Compostela, Diego Gelmírez, a *Historia Compostelana*⁸⁰, datada de 1139, clarifica a descoberta das relíquias do Apóstolo, nomeadamente a sua localização: “(...) sabemos que están encerradas las reliquias del sagrado Apóstol”⁸¹.

Uma outra fonte para a biografia de Tiago é *Rationale Divinorum Officiorum*, da autoria de Juan Beleth, datado entre 1160 e 1164.

A *Leyenda Áurea*, de Jacobo de Voragine, datada de 1264, é das obras que mais contribui para a definição da biografia de Tiago, tendo como principais fontes as obras já citadas, *Liber Sancti Jacobi – Codex Calixtinus* e *Rationale Divinorum Officiorum*.

Do Arquivo da Basílica de Saragoça, chega-nos um documento datado do século XIII, no qual se refere a presença de Tiago em Espanha, bem como um dos episódios mais míticos da tradição jacobea – a aparição da Virgem Maria: “Entre tanto, por revelación del Espiritu Santo, el bienaventurado apóstol Santiago el Mayor... recibió un mandamiento divino para ir

⁷⁸ CARRO GARCIA, Jesus, “Estudios Jacobeos. Arca Marmorica, Cripta, Oratorio o Confesion, Sepulcro y Cuerpo del Apostol” in *Cuadernos de Estudios Gallegos*. Santiago de Compostela: Ed. Instituto P. Sarmiento de Estudios Gallegos, 1954, p.97.

⁷⁹ MORALEJO, Abelardo (dir); TORRES, Casimiro; FEO, Julio, *Liber Sancti Iacobi. Codex Calixtinus*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia / Conselleria de Cultura, Comunicación Social e Turismo / Xerencia de Promoción do Camiño de Santiago, 2004, p.584.

⁸⁰ Por iniciativa do Bispo de Santiago de Compostela, Diego Gelmírez, esta obra tem por objectivo promover a vida e obra do Bispo de Santiago, estabelecendo os direitos e domínio da arquidiocese.

⁸¹ CARRO GARCIA, Jesus, “Estudios Jacobeos. Arca Marmorica, Cripta, Oratorio o Confesion, Sepulcro y Cuerpo del Apostol” in *Cuadernos de Estudios Gallegos*. Santiago de Compostela: Ed. Instituto P. Sarmiento de Estudios Gallegos, 1954, p.98.

a predicar el Evangelio a las provincias de España. Al punto el santo Apóstol, yendo a la Virgen y habiéndole besado las manos, le pedia com lágrimas en los ojos que le diera su licencia y su bendición. Respondióle la Virgen: «Ve, hijo, cumple le mandamiento de tu Maestro, y por él te ruego que en la ciudad en que conviertas más hombres a la fe me edifiques una iglesia em mi honor.»⁸² Em verdade, o culto Mariano surgiu com forte expressão em Saragoça, sendo inclusivamente apontada a igreja de Saragoça como a mais antiga de Espanha e, segundo alguns autores, a primeira dedicada à Virgem Maria.

Segundo a *Crónica de Santa Maria de Iria*, do século XV, que segue as orientações da *Cronicón Iriense* e da *Historia Compostelana*, “foille revellado que era ali sepultado o corpo do Apostollo Santiago Zebedeu, que auía oito centos anos que allí jazia ascondido”⁸³.

A Bula do papa Sisto IV (1471-1484), de 23 de Dezembro de 1483, reconhece a existência do corpo do Apóstolo.

Testemunhos de peregrinos como Ambrosio de Morales (1572), Erich Lassota (1581), Jacobo Sobieski (1611), José de Veja y Verdugo (1658-1660), Cosme de Médicis (1669), Domenico Laffi (1673) e P. François de Tours (1698-1700) sustentam a teoria de que o corpo do Apóstolo se encontra sepultado na Catedral de Compostela.

Durante o período das invasões inglesas e francesas na região da Galiza, no início do século XIX, o Cabido da Catedral de Compostela terá tomado precauções para manter em segurança as relíquias do Apóstolo, mas não existe qualquer documentação que ateste essas medidas.

A 10 de Fevereiro de 1879, Villaamil y Castro, na obra *La Ilustración Gallega e Asturiana*, refere que “Dícese que el cuerpo del Apóstol había sido reconocido a consecuencia de los trabajos subterráneos que se ejecutan en la catedral. Hace días que que se anunció el descubrimiento de la cripta, y ahora parece que es un hecho el de los restos sagrados que se buscaban.”⁸⁴

Ainda no decorrer das obras no interior da Catedral de Compostela, os testemunhos de López Ferreiro e Labín indicam que “(...) dentro de la urna descrita, amontonados en el centro, varios huesos humanos, de muy venerable aspecto por la antigüedad que revelaban,

⁸² PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago El Mayor y Compostela. Un apóstol, una ciudad, unos caminos*. Madrid: Aldeasa, 1999, pp.34-35.

⁸³ CARRO GARCIA, Jesus, “Estudios Jacobeos. Arca Marmorica, Cripta, Oratorio o Confesion, Sepulcro y Cuerpo del Apostol” in *Cuadernos de Estudios Gallegos*. Santiago de Compostela: Ed. Instituto P. Sarmiento de Estudios Gallegos, 1954, p.98.

⁸⁴ *Idem*, p.106.

ante los cuales con profundo respeto y grandíssima devoción se fueron uno a uno prosternando los concurrentes, en la creencia, por lo que habían visto y oído, de que eran los sagrados restos del Apóstol Santo Patrono de las Españas.”⁸⁵

Porém, estes testemunhos foram contestados por investigadores como Casares, Freire Barreiro e Timoteo Sánchez Freire, apresentando os respectivos factos, questionando a veracidade das ossadas enquanto pertença do Apóstolo Tiago e seus discípulos, Teodoro e Atanásio.

Posteriormente, a 12 de Março de 1879, o Arcebispo Miguel Payá y Rico, através de Decreto, apresentou o seguinte testemunho: “Canónicamente declaro que las mismas verdadera y realmente pertenecen a los Cuerpos del santo Santiago Apóstol Zebedeo, hermano de S. Juan Evangelista, y de sus discípulos los santos Atanasio y Teodoro, y que, por tanto son dignas de culto religioso, según lo prescrito por la Iglesia, y del honor de los altares.”⁸⁶

Em Julho de 1884, Monsenhor Agustín Caprará ter-se-á deslocado a Santiago de Compostela, a mando do papa Leão XIII (1878-1903), tendo como principal incumbência analisar a veracidade das relíquias. Em sequência dessa análise, a 1 de Novembro de 1884, a bula de Leão XIII, *Deus Omnipotens*, acabou por confirmar a veracidade das sagradas relíquias em Compostela, anteriormente apresentada pelo Arcebispo de Compostela, ratificando igualmente a graça jubilar⁸⁷.

López Ferreiro publicou, em 1891, um folheto no qual descreveu com preciosidade a cripta do Apóstolo Tiago.

Já no século XX, precisamente entre 1946-1959, realizaram-se escavações arqueológicas na Catedral de Compostela, contribuindo não só para a história da Catedral, mas também de Compostela, com a descoberta de uma necrópole que compreendia o período romano (séculos I-IV) e o período suevo-visigótico (séculos V-VII), indicando um abandono parcial no século VIII, tendo sido retomada no século seguinte aquando da descoberta do corpo do Apóstolo. Paralelamente à necrópole, foram ainda descobertos vestígios das primeiras igrejas compostelanas, mandadas erguer pelos reis Afonso II e Afonso III, grandes impulsionadores do culto a Tiago.

⁸⁵ CARRO GARCIA, Jesus, “Estudios Jacobeos. Arca Marmorica, Cripta, Oratorio o Confesion, Sepulcro y Cuerpo del Apostol” in *Cuadernos de Estudios Gallegos*. Santiago de Compostela: Ed. Instituto P. Sarmiento de Estudios Gallegos, 1954, p.107.

⁸⁶ *Idem*, pp.108-109.

⁸⁷ Esta graça é apenas concedida aos peregrinos que cumpram a sua peregrinação a Santiago de Compostela, cumprindo igualmente os rituais que estão associados à comemoração do ano jubilar/xacobeo.

Ainda que actualmente subsistam dúvidas sobre a presença de Tiago na Península Ibérica e sobre a veracidade das relíquias que se encontram na Catedral de Compostela, é indubitável o movimento de peregrinos e, consequentemente, de peregrinações rumo ao túmulo de Tiago, primeiro Apóstolo Mártir do Cristianismo, sustentadas na crença de que esteve nesta região, e de que é efectivamente o seu corpo que se encontra ali sepultado.

CAPÍTULO II

As Peregrinações

1. As Peregrinações

Partindo do significado primário da palavra, peregrinação é o acto de peregrinar, cuja origem etimológica assenta em duas palavras latinas: *per* e *ager*, podendo ser traduzido como “por campo ou por território”, ou seja, peregrino é quem se desloca de um local para outro. Assim sendo, a peregrinação é encarada como uma viagem, particularmente associada a uma finalidade e motivação religiosas.

De facto, o fenómeno da peregrinação é tido como sendo o símbolo máximo da religiosidade, comum a todas as civilizações e culturas. “A peregrinação é uma caminhada em direcção a um centro no qual se vai realizar o encontro esperado e preparado pelo *homo religiosus*. Esse centro constitui, de modo simbólico, o espaço da salvação. O homem deixou o espaço no qual se desenrola a sua vida quotidiana, “o espaço profano”, e caminha para uma outra realidade espacial, pois para o *homo religiosus* o espaço não é homogéneo.”⁸⁸

Muitos dos lugares sagrados, sendo eles edifícios ou não, são conhecidos mundialmente, não só pelo seu especial simbolismo, pelos seus rituais, mas também pela sua História.

Locais como Meca, Jerusalém, o Monte Sinai, entre outros, continuam, ainda hoje, a ser uma referência em termos de peregrinações e estão associados a determinados comportamentos dos fiéis, que ocorrem em conformidade com calendários próprios.

Com efeito, o peregrino parte em direcção ao local sagrado para se colocar diante do sepulcro de um santo ou da imagem de alguém que se crê ter um poder especial, ou de um local onde aconteceu determinado milagre ou um evento marcante no seio da religião que se professa, ou seja, peregrina-se a locais intrinsecamente ligados à História das Religiões⁸⁹.

⁸⁸ RIES, Julien, “O universo das peregrinações” in *Communio – Revista Internacional Católica* (Ano XIV, nº. 4 – Julho/Agosto). Lisboa: Reflexão Teológica / Mundividência Cristã, 1997, p.311.

⁸⁹ No caso âmbito deste trabalho, iremos apenas tratar as peregrinações cristãs, uma vez que é nestas que se insere a Peregrinação a Compostela, que será tratada no capítulo III.

No caso do Judaísmo, religião a partir da qual nasceu o Cristianismo, salientam-se as peregrinações dos Patriarcas (fundadores do Povo de Israel), nas quais as suas vidas significaram uma constante peregrinação. Graças às conjunturas que se viviam naquela região, Abraão terá deixado a Mesopotâmia, paralelamente, e de acordo com a Bíblia, abandonou a sua terra e os seus para seguir o chamamento de Deus.⁹⁰

“Este ícone de Abraão corresponde à narrativa do Génesis que coloca nas próprias raízes da aventura espiritual do patriarca um imperativo divino: *lek leka*, “parte!”, a que se segue a imediata execução, segundo o esquema “militar” do comando-obediência: *wajjelek*, “partiu” (Gn 12, 1.4). O pôr-se a caminho em peregrinação para a “terra que Eu te indicar” envolve um triplo deslocamento. O patriarca deve, antes de mais, deixar a sua “terra” (*eres*), ou seja, o seu horizonte material, o seu país, a paisagem e os objectos do dia-a-dia. Deve, depois, abandonar também a sua “pátria” (*modelet*), isto é, o “lugar natal” como diz o vocábulo hebraico, o horizonte humano e cultural, os usos e costumes, a religião nacional, a própria sociedade com os seus valores.”⁹¹

Abraão assume-se como peregrino, definindo-se como estrangeiro e hóspede⁹², no momento em que contacta com o povo hitita, no sentido de lhe cederem um local para sepultar a sua esposa Sara. Atribuída a gruta de Makpela, Abraão tem esperança que “sobre aquele pequeno núcleo de terra crescerá o espaço da nação futura, em volta do sepulcro dos patriarcas se alargará a terra prometida, adquirida apenas pelas gerações futuras, com o êxodo.”⁹³

Torna-se premente referir a “peregrinação” do povo de Israel, comumente designada de Êxodo (emigração, partida ou fuga) que teve como principal interveniente Moisés, que conduziu o povo de Israel, oprimido pelos egípcios, até ao Monte Sinai, adquirindo consciência de povo em caminho, atravessando o deserto durante quarenta anos, onde assistiram ao poder de Deus, inspirado na natureza. “Acontecimento histórico mas também

⁹⁰ “O SENHOR disse a Abraão: «Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar. Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos. Abençoarei aqueles que te abençoarem, e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. E todas as famílias da Terra serão por ti abençoadas.» Abraão partiu, como o SENHOR lhe dissera, levando consigo Lot. Quando saiu de Haran, Abraão tinha setenta e cinco anos.” GN 12, 1-4.

⁹¹ RAVASI, Gianfranco, “Abraão e o povo de Deus peregrino” in *Communio – Revista Internacional Católica* (Ano XIV, nº. 4 – Julho/Agosto). Lisboa: Reflexão Teológica / Mundividência Cristã, 1997, p.295.

⁹² “Sou estrangeiro e hóspede entre vós;”. GN 23, 4.

⁹³ RAVASI, Gianfranco, “Abraão e o povo de Deus peregrino” in *Communio – Revista Internacional Católica* (Ano XIV, nº. 4 – Julho/Agosto). Lisboa: Reflexão Teológica / Mundividência Cristã, 1997, p.296.

trascendente, o êxodo é presença constante que desenha a fisionomia de Israel como povo sempre peregrino em direção a um horizonte escatológico, sabendo nós quanto esta tipologia é fundamental para a visão neotestamentária da Igreja.”⁹⁴

Após a morte de Moisés, Josué assumiu a liderança do povo de Israel, conduzindo-o através do Rio Jordão.⁹⁵ Entretanto, o povo torna-se sedentário e espalhou influência na região, elegendo alguns locais de culto, paralelamente a Jerusalém.

A religião judaica considerava a peregrinação como algo inerente à vivência religiosa, tanto que impunha a peregrinação a Jerusalém em três momentos marcantes da História do povo de Israel: na “Páscoa”, associada à libertação e fuga do povo de Israel, escravizado no Egito, no “Pentecostes”, em ligação com a proclamação da Lei de Deus no Monte Sinai, e nos “Tabernáculos”, assinalando as viagens através do deserto.

O Cristianismo absorveu imensas influências do ambiente judeu, como seria de esperar. Aliás, são conhecidas as peregrinações do próprio Jesus e de alguns dos seus Apóstolos a Jerusalém, centro da vida judaica.⁹⁶ Segundo a tradição, os judeus deveriam ir três vezes ao ano em peregrinação ao Templo.

Aos doze anos, por ocasião da Páscoa judaica, Jesus foi com seus pais, Maria e José, a Jerusalém⁹⁷. Ele próprio pode ser tido como exemplo de peregrino, solicitando aos seus Apóstolos que tomassem o mesmo exemplo e atitude de desprendimento⁹⁸. Assim, o Cristianismo herdou a tradição de peregrinação da cultura judaica, assumindo o Mestre o exemplo máximo da peregrinação. Aliás, uma das expressões mais famosas do Cristianismo é “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”, muitas vezes utilizada nas parábolas e nas afirmações de Jesus.

⁹⁴ RAVASI, Gianfranco, “Abraão e o povo de Deus peregrino” in *Communio – Revista Internacional Católica* (Ano XIV, nº. 4 – Julho/Agosto). Lisboa: Reflexão Teológica / Mundividência Cristã, 1997, p.298.

⁹⁵ “Os sacerdotes que transportavam a Arca da aliança do SENHOR conservaram-se de pé, sobre o leito seco do Jordão, e todo o Israel o atravessou sem se molhar. Permaneceram ali até todo o povo ter acabado de atravessar o Jordão.” JS 3, 17.

⁹⁶ Segundo a tradição judaica, quando as crianças chegavam à idade da adolescência eram conduzidas, por seus pais, a Jerusalém para integrarem a vida pública, participando nesta peregrinação. “Três vezes por ano, todos os varões se apresentarão diante do SENHOR, teu Deus, no santuário que ELE tiver escolhido: na festa dos Ázimos, na festa das Semanas e na festa das Tendas. Ninguém aparecerá com as mãos vazias diante do SENHOR.” DT 16, 16. “Porque Eu expulsarei as nações da tua presença, ampliarei as tuas fronteiras e ninguém cobiçará o teu campo enquanto subires para te apresentares, três vezes por ano, diante do SENHOR teus Deus.” EX 34,24.

⁹⁷ “Os pais de Jesus iam todos os anos a Jerusalém, pela festa da Páscoa. Quando Ele chegou aos doze anos, subiram até lá, segundo o costume da festa.” Lc 2, 41-42.

⁹⁸ “e disse-lhes: «Nada leveis para o caminho: nem cajado, nem alforge, nem pão, nem dinheiro; nem tendais duas túnicas.”; “Depois, dirigindo-se a todos, disse: «Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, dia após dia, e siga-me. Pois, quem quiser salvar a sua vida há-de perdê-la; mas, quem perder a sua vida por minha causa há-de salvá-la.” Lc 3, 23-24.

Após a morte de Jesus (cerca de 30⁹⁹), os seus Apóstolos tornam-se igualmente peregrinos movidos pela necessidade e vontade de proclamar o Evangelho, espalhando a Palavra de Deus por todo o Ocidente. Esta “peregrinação” dos Apóstolos tem um sentido e objectivo diferentes: o anúncio da Palavra e do Evangelho aos povos não-cristãos, assumindo assim o papel de evangelizador. De facto, os Apóstolos “espalham-se” pelo mundo para difundir a mensagem de Jesus Cristo, dando exemplo a milhares de seguidores que, ainda hoje, fazem desta “peregrinação” toda a sua vida.

Por outro lado, a peregrinação aos Lugares Santos assume-se como uma das principais metas de peregrinação. Nesse sentido, a peregrinação assume, para o cristão, perspectivas distintas do que seria para os judeus: a veneração pelos lugares por onde Jesus pregou, a admiração por todos os Apóstolos e seguidores de Cristo que defenderam a sua fé e crença, bem como a necessidade / missão inerente a cada cristão de ser igualmente um evangelizador.¹⁰⁰

No Cristianismo, os primeiros locais de peregrinação foram os Lugares Santos, associados à vida de Jesus, como por exemplo Belém, Nazaré, Cafarnaum, Jerusalém, Monte das Oliveiras e Lugar do Gólgota; e posteriormente os sepulcros dos mártires, que entregaram a sua vida em defesa e em testemunho da sua Fé, bem como os dos Apóstolos, havendo registo destas peregrinações desde o século I.

De qualquer forma, as primeiras peregrinações seriam ainda contidas, e algumas delas mantidas em segredo, uma vez que até 313, data em que o Imperador Constantino (306-337), através do Édito de Milão, deu liberdade de culto aos cristãos, muitas eram as perseguições. De facto, muitos cristãos foram mortos na arena do Coliseu e em muitos outros locais para divertimento dos Romanos, além dos que fugiram do próprio Império.

Com o impulso do próprio Imperador Constantino, Jerusalém recuperou os santuários do Santo Sepulcro e do Calvário, que tinham sido muito mutilados no tempo do imperador Adriano (117-138). Existem registos da peregrinação de Santa Helena, mãe de Constantino, a estes Lugares Santos.

A Terra Santa foi assumida como a meta de muitas peregrinações, inclusivamente de personalidades que assumiram especial relevância na história da própria Cidade Santa, tal

⁹⁹ SANDERS, E. P., *A verdadeira história de Jesus*. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2005, p.10.

¹⁰⁰ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Catedral de Santiago de Compostela*. I. Patrimonio Histórico Gallego. 1. Catedrales. A Coruña: Xuntanza Editorial, 1993, p.84.

como o Peregrino de Bordéus, que assistiu, em 333, à dedicação do Santo Sepulcro, e São Jerónimo, que contribuiu para a divulgação da peregrinação a Jerusalém¹⁰¹.

Gradualmente, começaram a surgir testemunhos das peregrinações, através de diários de viagens dos próprios peregrinos, especialmente à Terra Santa, como por exemplo o de Egéria, datado do século V.

Fruto das invasões bárbaras, normandas, húngaras e muçulmanas no ocidente, as peregrinações tornaram-se perigosas, chegando mesmo a significar perigo de vida. Este contexto determinou uma quebra significativa nas peregrinações a Jerusalém, abrindo espaço para o aparecimento e desenvolvimento de outros locais de peregrinação no Ocidente.

Um dos locais que se assume como grande centro de peregrinação foi Roma, por se tratar do local onde os apóstolos Pedro e Paulo, os dois grandes pilares da Igreja Católica, evangelizaram e foram martirizados em defesa da fé cristã, ainda que Paulo tivesse tido uma importante missão evangelizadora nas suas três grandes viagens pelo oriente, acabara por ser morto em Roma, tal como Pedro que aí permanecera.

A descoberta do túmulo do Apóstolo Tiago, em Compostela, suscitou a emergência de um novo local de peregrinação¹⁰², localizado na Península Ibérica, para onde começam a fluir peregrinos no século IX.

Paralelamente, começam a surgir igualmente, atraindo inúmeros peregrinos, santuários marianos, que, curiosamente, se encontram perto de algumas vias de peregrinação já existentes, bem como de mosteiros, que se assumiram como locais de apoio aos peregrinos, de recolhimento espiritual e de cultura.

Nos séculos XI e XII, as peregrinações assumem uma outra perspectiva com o movimento das Cruzadas¹⁰³, uma vez que se pretende defender os Lugares Santos dos “infiéis”, envergando uma cruz, símbolo máximo do Cristianismo, e uma espada, como se de uma “peregrinação armada” se tratasse. Posteriormente, seriam as Cruzadas a criar alguma tensão no seio da Igreja Católica, fruto da luta pelo poder entre os intervenientes, o que acabou por favorecer a própria divisão na Igreja.

¹⁰¹ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Catedral de Santiago de Compostela*. I. Patrimonio Histórico Gallego. 1. Catedrales. A Coruña: Xuntanza Editorial, 1993, p.86.

¹⁰² Trataremos especificamente a Peregrinação a Compostela no capítulo III.

¹⁰³ Em 27 de Novembro de 1095, o papa beato Urbano II (1088-1099), por ocasião do Concílio de Clermont (em Clermont-Ferrand, França), organizou a Primeira Cruzada. Em 15 de Julho de 1099, os cruzados tomariam Jerusalém aos muçulmanos pela primeira vez. Durante mais de dois séculos outras Cruzadas se seguiriam. HAMILTON, Bernard, *As Cruzadas*. Lisboa: Temas e Debates, 2000.

Com o anúncio do primeiro Jubileu Cristão, em 1300, pelo papa Bonifácio VIII (1294-1303)¹⁰⁴, as peregrinações a Roma, referenciada como a “Nova Jerusalém”, tomaram um novo sentido e dimensão, acolhendo milhares de peregrinos ao centro da cristandade ocidental.

Gradualmente, o sentido da peregrinação foi evoluindo, à semelhança da própria sociedade, que criou novos Estados e igrejas. Ou seja, com a descoberta dos Novos Mundos¹⁰⁵, são muitas as pessoas que se deslocam para terras descobertas, interagindo com novas culturas e novas religiões e crenças. Presencia-se uma multiplicação dos locais de peregrinação, emergindo em locais mais próximos, com especial incidência em Santuários Marianos, associados a aparições de Maria, e em mosteiros associados à presença de relíquias de Santos.

Apesar das profundas e das múltiplas inovações e transformações na sociedade dos séculos XVIII e XIX, em paralelo com um nascente e progressivo processo de globalização, a tradição da peregrinação manteve-se na comunidade cristã.

Este fenómeno foi fomentado no Concílio do Vaticano II (1962-1965), apelando-se à consciência de cada cristão enquanto peregrino. Na verdade, o Concílio abordou essa questão no Decreto *Cristus Dominus*, acerca do múnus pastoral dos Bispos na Igreja, que foi promulgado em 28 de Outubro de 1965. Nesse documento, era solicitado aos bispos que fossem solícitos para com os peregrinos em geral¹⁰⁶, onde, naturalmente, se incluíam os peregrinos de Santiago. Essa consciência acabou por ser firmada com o próprio exemplo dos papas João XIII (1958-1963), a Loreto, e Paulo VI (1963-1978), à Terra Santa, respondendo ao apelo que Jesus tinha feito e que está expresso em várias passagens bíblicas. Porém, o maior exemplo de “peregrino” entre os papas foi o papa João Paulo II (1978-2005), que, além das peregrinações aos Lugares Santos e Santuários, percorreu grande parte do mundo, em nome do Evangelho.

Actualmente, as Peregrinações dividem-se entre Santuários, Cidades e outros locais de relevância no seio do Cristianismo.

Com efeito, na perspectiva cristã, a vida humana é uma caminhada espiritual na busca de Deus, ou seja, uma peregrinação ao encontro de Deus. O cristão reconhece que, no seu caminhar, Deus o acompanha a caminho da pátria celeste.

¹⁰⁴ Graças à enorme afluência de peregrinos a Roma, o Papa Bonifácio VIII decretou convocar um Jubileu a cada cem anos. Posteriormente, foi reduzido o intervalo de tempo para cinquenta anos e mais tarde para vinte e cinco anos.

¹⁰⁵ Entenda-se as Américas, África e o Ocidente mais longínquo.

¹⁰⁶ MARQUES, Valentim (coord.), *Concílio Ecuménico Vaticano II Documentos Conciliares: Constituições, Decretos, Declarações*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2002, pp.316-318.

Segundo João Paulo II (1978-2005), “a peregrinação reproduz a condição do homem, que gosta de descrever a sua própria existência como um caminho. Do nascimento até à morte, cada um vive na condição peculiar do *homo viator*.”¹⁰⁷

Chegada a decisão de fazer uma peregrinação, a pessoa deixa para trás a sua família, casa e trabalho, indo ao encontro do local sagrado, aguardado e desejado pelo peregrino desde o início da sua peregrinação. Durante a peregrinação, o peregrino foca a sua atenção no local a que se dirige e no sentido da caminhada que se encontra a fazer, assimilando os múltiplos aspectos que o itinerário da peregrinação tem para lhe oferecer.

A peregrinação enquadra duas componentes fundamentais: a penitencial, que se reporta mais ao vivido e à fé que constitui o sustentáculo da deslocação e a eventual mudança do sentido de vida, pois, na realização do trajecto, o peregrino vai crescendo espiritualmente e sente necessidade de mudar a sua perspectiva de vida. Esta interacção pode ter efeitos mais ou menos duráveis e sólidos no tempo e pode revelar-se mais ou menos consequente, suscitando, nalguns casos, mudanças profundas nas atitudes e comportamentos futuros dos peregrinos.

A chegada do peregrino ao lugar sagrado que o norteou representa a entrega aos rituais próprios do local, participando de forma activa nas cerimónias. Contudo, a alteração mais profunda deverá ocorrer no regresso ao seu quotidiano, por um sentimento de que o seu ser foi enriquecido na vivência das dificuldades que o percurso lhe proporcionou. Paralelamente, experimenta um crescimento interior e espiritual, que deverá influenciar a sua forma de viver e de estar no mundo e na relação com os outros.

2. Motivos da Peregrinação

Cada peregrino possui motivos de âmbito pessoal que provocam a sua iniciativa e entrega a uma acção tão exigente e com algum cariz de aventura como é uma peregrinação. Enfrenta medos e inquietudes diversos que exigem uma atitude de coragem e de audácia.

Com certeza que a devoção se assume como principal razão de uma peregrinação, envolvendo nalguns casos o cumprimento de uma promessa ou a penitência por um pecado cometido, mas também em forma de agradecimento pelas graças recebidas e a esperança no futuro.

¹⁰⁷ SILVA, José Antunes, *A Caminho de Santiago. Como quem procura uma fonte ou uma estrela*. Prior Velho: Paulinas, 2004, p.13.

Tradicionalmente, as peregrinações nasciam de necessidades pessoais ou até mesmo colectivas. Em termos individuais, peregrinava-se frequentemente, como ainda hoje acontece em alguns casos, no sentido do sacrifício para que lhe seja concedida determinada graça ou de agradecimento pela graça obtida. Tal era e é visível particularmente em momentos ou fases de especial aflição, como, por exemplo, a cura de uma doença ou a concretização de um desejo. Em termos colectivos, peregrinava-se graças a alguma necessidade colectiva, como por exemplo a fome e a peste instaladas em determinada localidade, ou simplesmente em agradecimento colectivo pela graça recebida.

Na Idade Média, muitos crimes eram punidos com a pena de peregrinação a Compostela, em substituição da prisão efectiva¹⁰⁸, tornando-se público o crime. Nalguns casos, os criminosos faziam o percurso de pés atados com correntes, agravando assim a dificuldade do trilho, de forma a melhor expiar os seus pecados.

A pena de peregrinação não surge apenas como uma punição, mas também como uma forma de evitar represálias por parte das famílias das vítimas. Um caso muito peculiar é o crime de adultério público, igualmente punido com a pena de peregrinação, ainda que tenha uma pequena ressalva: era-lhes sentenciada uma peregrinação curta, mas, caso se mantivessem juntos após o cumprimento da pena, a mesma agravava-se e teriam que peregrinar até Compostela.¹⁰⁹

Actualmente, as peregrinações, sejam individuais ou colectivas, caracterizam-se essencialmente pela sua vertente religiosa e espiritual, ainda que outras vertentes tendem a caracterizar e a assumir especial protagonismo nas peregrinações como a cultural, a turística e a comercial, de forma a atrair cada vez mais “peregrinos”.

Na peregrinação, a vertente é apenas a espiritual, o que acontece é que, tanto para crentes como para não crentes, os caminhos de peregrinação podem assumir-se como atractivo cultural e por conseguinte turístico.

Em verdade, são muitos os que continuam a fazer a peregrinação com o sentido de agradecimento de uma graça recebida ou com um pedido especial a Deus, ou simplesmente com o intuito de “encontrarem” Deus e de se encontrarem a eles próprios, como se a

¹⁰⁸ Curiosamente, ainda hoje na Bélgica, é permitido ao condenado “substituir” a pena de prisão pela “pena” da peregrinação a Compostela. PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago el Mayor y Compostela. Un apóstol, una ciudad, unos caminos*. Madrid: Aldeasa, 1999, p.87.

¹⁰⁹ Este tipo de punição chegou a verificar-se na Bélgica, em que a “peregrinação curta” era até Tours.

peregrinação se tratasse de uma viagem ao seu próprio interior, mas sempre com uma índole acentuada de religiosidade e de espiritualidade.

Porém, começa a haver quem procure determinada rota de peregrinação com o intuito de turismo cultural ou turismo religioso¹¹⁰, descobrindo na rota um destino turístico acessível e com muitas ofertas culturais.

3. “Impacto” da Peregrinação nos Territórios

Independentemente da rota de peregrinação escolhida e dos motivos da peregrinação, o peregrino, para além do próprio enriquecimento espiritual, cultural, social, entre outros, tem de ter em conta o importante impacto na sociedade e na comunidade onde se encontra instalado o santuário / mosteiro / local sagrado.

Ainda que os “protagonistas” sejam os locais de peregrinação, muitas são as ofertas disponibilizadas aos peregrinos. De facto, paralelamente à peregrinação, existem serviços e estruturas para os peregrinos, principalmente a nível religioso, cultural, turístico e comercial. Devido às peregrinações, a cultura, a economia e o comércio de determinadas zonas desenvolveram-se de tal forma que, actualmente, são igualmente apontadas como verdadeiros locais turísticos, constituindo uma mais-valia não só para os peregrinos que ali chegam, mas também para os turistas que ali se deslocam.

Muitos são os estabelecimentos hoteleiros, de restauração e de comércio que “vivem” exclusivamente do fluxo de peregrinos, oferecendo-lhes condições especiais, que rapidamente são dadas a conhecer no seio dos próprios peregrinos¹¹¹. Curiosamente, muitas unidades hoteleiras e de restauração têm como principal público os peregrinos que, ao terem um menu ou preços exclusivos, se sentem mais valorizados e melhor acolhidos nas localidades.

Além do impacto económico, há que valorizar o impacto social, uma vez que os peregrinos, oriundos de todo o mundo, convergem numa rota de peregrinação, em que a partilha e a convivência dão o mote para a interculturalidade, contribuindo para o enriquecimento individual em termos culturais e de personalidade. Paralelamente, os locais de

¹¹⁰ Tratar-se-à desta temática na Parte II, no capítulo I, subcapítulo 2.

¹¹¹ Muitas informações são obtidas nos albergues, muitas vezes em conversa entre peregrinos “novatos” e outros mais experientes, ou até mesmo através do “hospitaleiro” (pessoa que recebe os peregrinos no albergue).

peregrinação vêm-se obrigados a responder a todos os que ali passam, tendo o cuidado de disponibilizar informação acessível a todos os que a procuram, além de promoverem a sua própria cultura e tradições.

Com efeito, muitos são os peregrinos que regressam a determinado país pela boa experiência que tiveram aquando da realização da sua peregrinação, explorando outros locais de atracção.

CAPÍTULO III

A Peregrinação a Compostela

“Inspirados na vida do Apóstolo Tiago, vamos em peregrinação, não para testar a nossa resistência ou para cumprir promessas, mas para fazer um exercício de caminhada interior. Ao mesmo tempo que vamos avançando no terreno, vamos também purificando a alma, aliviando o stress, abandonando o que é supérfluo, ficando mais atentos e despidos para o essencial.”¹¹²

1. Peregrinação a Compostela: Origem e Evolução

Com a descoberta do sepulcro do Apóstolo Tiago, no século IX, e com a acção de Afonso II (791-842), nomeadamente na construção de uma pequena igreja dedicada ao Apóstolo, Santiago de Compostela, à semelhança de Jerusalém e de Roma, tornou-se num dos mais importantes centros¹¹³ de peregrinação cristã.

Inicialmente, a Peregrinação a Compostela seria modesta, contando provavelmente apenas com peregrinos galegos. Entretanto, em 872, Afonso III (866-910) mandou ampliar a igreja edificada por Afonso II, tornando Santiago de Compostela mais atractivo.

Mas foi sobretudo com o impulso do Mosteiro de Cluny, cuja fundação se deve a Guilherme I de Aquitânia (875-918), em 910, que a devoção a São Tiago se começou a sentir em França, espalhando-se por toda a Europa¹¹⁴.

No reinado de Afonso VI (925-930), muitos eram os Monges de Cluny que peregrinavam até ao túmulo do Apóstolo, dando prestígio a esse “caminho” de peregrinação.

¹¹² SILVA, José Antunes, *A Caminho de Santiago. Caminho Português. Como quem procura uma fonte ou uma estrela*. Prior Velho: Paulinas, 2004, p.18.

¹¹³ As peregrinações a Jerusalém, Roma e a Compostela são denominadas de maiores.

¹¹⁴ De facto, a via mais tradicional da peregrinação jacobea é o chamado Caminho Francês, salientando assim o papel que França assumiu no seio das peregrinações.

Assim, acabaram por espalhar a sua influência, fundando novos espaços beneditinos, dos quais destacamos San Juan de la Peña, Leyre, Irache, Nájera, San Millán de la Cogolla, Cardeña, Frómista, Carrión, El Cebrero e Samos, que, ainda hoje, são uma referência para apoio aos Peregrinos.

O primeiro peregrino conhecido é o Bispo Gotescalco, da diocese de Le Puy, que, em 951, partiu em direcção a Compostela, tendo o relato da viagem sido escrito pelo Monge Gómez do Mosteiro de Albelda, também participante na peregrinação. De facto, no prólogo, o Monge Gómez esclarece que “Forzado por el obispo Gotescalco, que, por motivo de oración, saliendo de la región de Aquitania, com una gran devoción y acompañado de una gran comitiva, se dirigia apresurado a los confines de Galicia para implorar humildemente la misericórdia de Dios y el sufragio del apóstol Santiago, escribí de buen ánimo el pequeño libro...”¹¹⁵, acompanhou o bispo na sua Peregrinação, partilhando o espírito de devoção pelo Apóstolo. A cidade de Le Puy passou a ser um local de concentração de algumas vias de peregrinação relacionadas com santuários franceses e começou a ser um dos pontos de partida para a peregrinação jacobea.

Passados nove anos, o Abade de Montserrat, Cesáreo, foi igualmente peregrino a Compostela. Não questionando o cariz religioso da sua peregrinação, ela ficou conhecida essencialmente pela sua motivação política, uma vez que era sua intenção restaurar a diocese tarraconense; assim, com o aval dos bispos galegos, Cesáreo confrontou os bispos catalães, invocando a “apostolicidade” do bispado de Iria-Compostelana, uma vez que Tiago estaria sepultado em Compostela.¹¹⁶

Não obstante as primeiras peregrinações de que há notícia terem ocorrido em plena reconquista cristã, na altura em que se travavam batalhas entre cristãos e muçulmanos, apesar das dificuldades e de algum clima de instabilidade, a peregrinação a Compostela, ao contrário de outras vias, permanecia relativamente segura, atraindo peregrinos da Europa central, sendo muitos os peregrinos que procuraram Compostela como meta de peregrinação, com o sentido de uma prática piedosa e gratificante.

Com o apoio de Sancho Garcés III de Navarra (reinado entre 1004 e 18 de Outubro de 1035), a peregrinação a Compostela foi incentivada, uma vez que foram eliminadas barreiras físicas, tornando os trilhos mais seguros, além dos benefícios fiscais que os peregrinos

¹¹⁵ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Catedral de Santiago de Compostela*. I. Patrimonio Histórico Gallego. 1. Catedrales, Xuntanza Editorial, A Coruña, 1993, p.102.

¹¹⁶ *Idem*, pp.103-104.

detinham. Paralelamente, foram fundadas cidades, nas quais foram construídos hospitais (para acolhimento de peregrinos), mosteiros e catedrais.

A política régia de protecção à peregrinação a Compostela é adoptada igualmente pelos monarcas Sancho Ramírez¹¹⁷ de Aragão e Navarra e Afonso VI¹¹⁸ de Castela e Leão, que contavam com o crucial apoio do Mosteiro de Cluny, principal responsável pelo acolhimento dos peregrinos.

No final do século XI, a peregrinação já se encontrava bem firmada e, logo no início do século XII, em 1120, é atribuída a titularidade de arcebispado a Compostela e nomeado o seu primeiro arcebispo, D. Diego Gelmírez¹¹⁹, grande promotor da peregrinação jacobea, tendo sido “ (...) o prelado compostelano que mais fez por engrandecer a sé apostólica jacobéa, o artífice da profunda remodelação vivida na cidade de Santiago na primeira metade do século XII e o mais ardente defensor da peregrinação e do culto ao apóstolo São Tiago.”¹²⁰

A conjuntura era bastante favorável, “se organizó y promovió la infraestructura física y asistencial de un camino de peregrinación de felices alcances morales y culturales. Un camino trazado *ex novo*, protegido y dinamizado por los reyes cristianos desde los pasos pirenaicos hasta el santuario compostelano, atravesando Aragón, Navarra, La Rioja, Castilla, León y Galicia. Un camino que será vía devocional y sacra com capacidad para vehicular, durante siglos, buena parte de los valores espirituales y culturales generados por la civilización Cristiana occidental: religiosidad, hospitalidad y generosidad recíproca, amén de favorecer una eclosión cultural y artística sin precedentes en el norte peninsular.”¹²¹

Com o apoio incondicional da monarquia e da nobreza, além do apoio e “patrocínio” do clero, a peregrinação a Compostela afirma-se como via de peregrinação, disponibilizando aos seus peregrinos apoio e assistência permanentes.

A peregrinação a Compostela conta, inclusivamente, com o apoio do papado, além do contínuo apoio da Abadia de Cluny, merecendo destaque o Abade São Hugo que promoveu,

¹¹⁷ Reinado em Aragão entre 1063 e 1094, e em Navarra entre 1076 e 1094.

¹¹⁸ Reinado em Leão entre 1065 e 1109, em Castela entre 1072 e 1109, e na Galiza entre 1073 e 1109.

¹¹⁹ Arcebispo de Santiago de Compostela entre 1100 e 1140.

¹²⁰ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.101.

¹²¹ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Gran Obra de Los Caminos de Santiago: Iter Stellarum*. Vol. I: “Peregrinación y caminos”. A Coruña: Hércules Ediciones, 2004-2007, p.50.

juntamente com as ordens religiosas militares, a defesa e segurança do caminho e dos seus peregrinos.

O século XII é, sem dúvida, o “Século do Caminho”. A peregrinação aumenta consideravelmente, acolhendo peregrinos de toda a Europa, contribuindo em muito a publicação do *Codex Calixtinus*, no qual se inclui o livro V, *Liber Peregrinationis*, atribuído a Aymeric Picaud, um guia para o Caminho de Santiago¹²², dando indicações práticas sobre o itinerário, hospedagem, entre outras, apresentando a peregrinação a Compostela como algo generalizado, aberto a todas as pessoas, independentemente da sua condição social e económica. Posteriormente, foram publicados outros guias (não tão completos como o Livro V do *Codex Calixtinus*), indicando essencialmente os itinerários.¹²³

No século XIII, a peregrinação a Compostela amplia-se, graças à expansão geográfica de que é alvo, bem como ao crescente interesse e divulgação desta via de peregrinação através de guias. Além disso, há que valorizar o facto de se encontrar subjacente à peregrinação a Compostela o apoio eclesiástico ao mais alto nível, nomeadamente na celebração dos Anos Santos que muito contribuiu para a difusão e crescente importância do Caminho.

Curiosamente, desde o século XV, paralelamente à devoção religiosa, há notícia de que membros da nobreza percorriam o Caminho no sentido de se enriquecerem culturalmente, uma vez que contactavam com diferentes povos e, conseqüentemente, com diferentes culturas, conhecendo melhor o Caminho que os conduzia a Compostela. Além disso, era frequente o encontro ao desafio entre cavaleiros, disputando o seu valor entre eles.¹²⁴

Uma das aventuras mais conhecidas é a do “Paso Honroso”, protagonizada por D. Suero de Quiñones, no Rio Órbigo, ocorrida entre 10 de Julho e 9 de Agosto de 1434. “Tras una batalla en la que se quebraron ciento sesenta y seis lanzas, don Suero, herido en su cuerpo pero reforzado en su espíritu, peregrinó a Compostela para agradecer al Apóstol su respaldo y ofrendarle una cinta de plata que, a modo de gargantilla, adorna el cuello del busto que

¹²² Este tema será tratado no capítulo IV.

¹²³ AUGUSTO, Sara, “Peregrinações: Roma e Santiago de Compostela” in *Separata de Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Estudos e Bibliografias*. Lisboa: Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, Edições Cosmos, 1999, p.100.

¹²⁴ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago el Mayor y Compostela. Un apóstol, una ciudad, unos caminos*. Madrid: Aldeasa, 1999, p.87.

contiene la reliquia del cráneo de Santiago el Menor. Una inscripción grabada en la misma cinta recuerda el hecho histórico.”¹²⁵

Na Época Moderna, a peregrinação a Compostela continuou a ser uma das principais metas de peregrinação, sendo muito procurada por devotos do Apóstolo, que procuravam viver uma experiência enriquecedora, não só em termos espirituais, mas também em termos culturais e sociais.

Apesar dos problemas causados pela Reforma protestante, a peregrinação a Compostela teve um importante impulso na época da Contra-Reforma católica, nos séculos XVII e XVIII, beneficiando do impacto que a reforma da Catedral provocou, deslumbrando os fiéis com a exuberância e aparato do barroco.

No século XIX, a peregrinação a Compostela conta com um importante fluxo de peregrinos, muitos deles portugueses, aumentando consideravelmente a partir de 1879, data da re-descoberta do túmulo de São Tiago, momento em que é aberta ao público a cripta apostólica (sita por debaixo do altar-mor) e quando o papa Leão XIII (1878-1903), concede a célebre Bula *Deus Omnipotens*.

Com algumas condicionantes, como a I Guerra Mundial (1914-1918), a Guerra Civil de Espanha (1936-1939), a II Guerra Mundial (1939-1945), entre outras, a Época Contemporânea retrai muitos peregrinos a Compostela, mas recupera a sua essência, na segunda metade do século XX, com o impulso do Padre Elías Valiña¹²⁶, pároco de O Cebreiro (na fronteira entre a região de Leão e a região da Galiza), e de outros sacerdotes que, ao recuperarem a via, recuperam igualmente a peregrinação e o seu sentido.

Após um período de uma crise acentuada, a Europa começa a consolidar a ideia de um continente unido, sem fronteiras e com interesses comuns. Com a criação da União Europeia, este processo reafirmou-se; os Estados europeus tinham como objectivo aprofundar os valores culturais comuns, fomentar um espírito de confiança, trabalho e solidariedade, entre outros.

Com o sentido de futuro europeu partilhado, nos finais do século XX, existe um crescente interesse sobre os valores da peregrinação, bem como a valorização do espiritual e do social, além do aspecto cultural, turístico e desportivo que começa a revigorar no seio dos peregrinos a Compostela.

¹²⁵ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago el Mayor y Compostela. Un apóstol, una ciudad, unos caminos*. Madrid: Aldeasa, 1999, p.87.

¹²⁶ O Padre Elías Valiña é o principal impulsionador do Caminho de Santiago, principalmente no território galego, e a ele se deve a sinalização do mesmo, a partir de 1984, com as famosas setas amarelas (“las flechas amarillas”). Este assunto será aprofundado no capítulo IV, no subcapítulo 3., dedicado à sinalização do Caminho de Santiago.

Muitos foram os factores que contribuíram para este novo “impulso peregrino”: as Jornadas Mundiais da Juventude, em 1989, presididas pelo Papa João Paulo II, apelando à participação dos jovens nesta via de peregrinação; a declaração do Caminho de Santiago como Património Mundial da Humanidade, em 1993; o livro “O Diário de um Mago”¹²⁷ de Paulo Coelho que contribuiu para a difusão do Caminho de Santiago, principalmente em território brasileiro; o primeiro Ano Santo no século XXI, em 2004, que atraiu inúmeros peregrinos de todo o mundo; entre outros.

De facto, já em pleno século XXI, Santiago de Compostela continua a ser uma das metas de peregrinação mais importantes, atraindo cada vez mais peregrinos; “(...) un fenómeno de masas – espontáneo, alegre, solidario, mestizo en lo cultural – como lo había sido en los siglos XI y XII. La esperanza en una Europa unida, trabajadora, solidária y abierta al mundo tiene, por fuerza, que basarse en aquellos aspectos éticos y culturales, en aquellos valores universales, que definen la esencia de Occidente y su posición moral en el mundo de hoy. El legado histórico y espiritual de las peregrinaciones a Santiago, lejos de manifestarse como un hecho castizo y cerrado, producto supersticioso de un pasado medieval y de un mundo muerto y perdido, evidencia la fuerza de los valores inmutables de hospitalidad, solidaridad y ayuda mutua que dignifican al género humano.”¹²⁸

1.1. Dinâmicas em torno da Peregrinação a Compostela

Indubitavelmente, a peregrinação acaba por ditar o “destino” de Santiago de Compostela (fig.5), enquanto lugar de culto, meta de peregrinação, local de acolhimento de peregrinos e, posteriormente, como importante centro universitário e capital da região autónoma da Galiza.

A peregrinação a Compostela é, de facto, um fenómeno espiritual, mas com muitas repercussões a nível cultural e económico, estendendo-se pelos vários Caminhos de Santiago¹²⁹, espalhados por toda a Europa (mapa 2), que congregam em si vias de espiritualidade e religiosidade, caminhos de fé, espaços privilegiados de “comunhão”

¹²⁷ Este livro foi editado em 1987, no Brasil, e em 1990, em Portugal, tendo sido traduzido para vinte e um idiomas. A obra apresenta o Caminho de Santiago como um percurso cheio de magia e de misticismo, despertando nos leitores a curiosidade e interesse de conhecer.

¹²⁸ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Gran Obra de Los Caminos de Santiago: Iter Stellarum*. Vol. I: “Peregrinación y caminos”. A Coruña: Hércules Ediciones, 2004-2007, p.59.

¹²⁹ Este tema será tratado no capítulo IV.

européia (independente de raça, língua, cultura e religião), espaços máximos de interculturalidade, espaços de criação artística e de difusão cultural. O Caminho de Santiago é o expoente máximo de estilos artísticos, principalmente o românico e o gótico.

A peregrinação a Compostela terá contribuído, entre outros factores, para que na Europa de todos os tempos se vivesse uma cultura de valores universais, fruto da sensibilidade religiosa e de um sentido global de sociedade.

Um dos primeiros fenómenos associados à peregrinação é o movimento dos Cruzados que, assumindo-se como *milites Christi* (soldados de Cristo), protegem as vias de peregrinação e os seus peregrinos, reforçando assim o papel moral e a função social de uma classe dedicada à arte da guerra¹³⁰.

Paralelamente, surgem as ordens militares, cuja fundação está interligada à reconquista cristã e consequentemente à defesa dos lugares santos que tanto atraíam peregrinos de todo o mundo.

Provavelmente, o maior fenómeno da peregrinação a Compostela é a sua interculturalidade, na medida em que se cruzam culturas, oriundas de todo o mundo, e consequentemente se dinamiza a troca de ideias, criando um grande movimento cultural.

Em verdade, Compostela “abre” as portas da Península Ibérica à Europa, em que “los ideales y valores universales propios de una sensibilidad espiritual que tiene como seña de identidad fundamental el ejercicio de la hospitalidad com los peregrinos, la práctica de la caridad com el necesitado y el desarrollo de una sensibilidad positiva que incentivo el fecundo intercambio de ideas y experiencias que tantas virtudes demostró durante siglos.”¹³¹

No século XII, o *Codex Calixtinus* faz alusão a diversos povos e diferentes idiomas, assumindo-se já então a peregrinação a Compostela como fenómeno europeu e mundial. No entanto, alerta para a existência de alguns malfeitores no Caminho, cujo objectivo principal da “peregrinação” era o assalto aos objectos de valor dos peregrinos.

Paralelamente à peregrinação, e fruto dos tempos belicosos então vividos, nasce um novo estilo arquitectónico. Assim, “la necesidad de templos más amplios y seguros impulso la difusión del románico a lo largo de la ruta jacobea, constituyendo lo que podríamos llamar el primer estilo internacional europeo.”¹³²

¹³⁰ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Gran Obra de Los Caminos de Santiago: Iter Stellarum*. Vol. I: “Peregrinación y caminos”. A Coruña: Hércules Ediciones, 2004-2007, p.49.

¹³¹ *Idem*, pp.52-53.

¹³² *Idem*, p.53.

Graças aos milhares de peregrinos que acorriam a Compostela, o continente europeu foi vincando rotas em direcção a Compostela, criando uma verdadeira rede de caminhos que se viriam a tornar nos Caminhos de Santiago¹³³ (mapa 3), além da construção de santuários, mosteiros, igrejas, hospitais, que acolhiam e acolhem os peregrinos.

Paralelamente às rotas de peregrinação, foi, modernamente, criada a rede de albergues (fig.6), maioritariamente municipais, que acolhem os peregrinos, oferecendo um local para dormir, instalações sanitárias e, em alguns deles, sala de convívio, cozinha e espaço para lavar a roupa. Por norma, os albergues são gratuitos, devendo cada peregrino deixar uma módica quantia em sinal da sua gratidão pela hospitalidade; actualmente, os albergues da rede galega cobram uma tarifa de 5€ (cinco euros), fornecendo uma capa para o colchão e almofada.

A condição essencial para pernoitar num albergue é a apresentação da Credencial do Peregrino¹³⁴, devidamente autenticada com os carimbos recebidos durante o Caminho, seja em albergues, igrejas ou até mesmo restaurantes. De seguida, o hospitaleiro do albergue (voluntário responsável por acolher os peregrinos) faz o devido registo e atribui um espaço de dormida.

Quando existe um grande fluxo de peregrinos, principalmente em Anos Santos, na altura da Páscoa e durante os meses de Verão, os albergues estabelecem prioridades para a sua ocupação e utilização; assim sendo, a prioridade é atribuída aos peregrinos a pé, em seguida aos peregrinos a cavalo e, por fim, aos peregrinos de bicicleta.

Além dos tradicionais albergues municipais, foram surgindo os albergues privados que acolhem igualmente os peregrinos por uma módica quantia, oferecendo iguais ou melhores condições que os albergues municipais, tendo igualmente como condição de alojamento a apresentação da Credencial do Peregrino.

Não obstante a existência de albergues, subsistem unidades hoteleiras que oferecem estadias a preços mais reduzidos a peregrinos, desde que se identifiquem como tal, através da Credencial do Peregrino. Por exemplo, uma estadia num hotel para um turista poderá rondar os 40€ (quarenta euros), ao passo que para um peregrino pode apenas atingir o preço de 20€ (vinte euros), dependendo da zona e da época do ano.

¹³³ Este tema será tratado no capítulo IV.

¹³⁴ Este tema será tratado no capítulo III, no subcapítulo 2.2.1.

Mas são as unidades de restauração quem mais consegue atrair os peregrinos (fig.7), não só pelas suas iguarias¹³⁵, mas principalmente pelos tradicionais “menús de peregrino”, com os quais, por uma reduzida quantia, variando entre os 6€ (seis euros) e os 9€ (nove euros), se pode ter uma refeição bastante completa.

O Caminho de Santiago assumiu, desde cedo, um papel importantíssimo enquanto via comercial, através da qual os comerciantes transportavam as suas mercadorias, promoviam importantes mercados, além do abastecimento dos locais por onde passava o Caminho e da própria cidade de Santiago de Compostela, recebendo privilégios e regalias por parte da Igreja. “Os arcebispos composteláns tiveron que se preocupar de garanti-lo abastecemento da Cidade do Apóstolo, que non estaba preparada para responder á demanda da poboación flotante de peregrinos. Houbo exencións e franquias para os mercadores que viñan com aprovisionamento e máis dunha vez a xente do arcebispado tivo que reprimilos atropelos dos nobres galegos, que pasaban por riba dos privilexios arcebispaís en favor dos comerciantes. No Camiño existían provedores de todo o que necesitaban os peregrinos, tanto para a súa vestimenta coma para o seu sustento e aloxamento.”¹³⁶ Um grupo importante no Caminho de Santiago eram também os “cambiadores”, que tinham como principal função cambiar os diferentes dinheiros dos peregrinos, dado atravessarem diversos reinos no Caminho, “(...) con la consiguiente necesidad de proveerse de la moneda propia del territorio con la que hacer sus transacciones. Este trabajo tenía especial importancia en Santiago, en donde los cambeadores esperaban a los romeros con sus mesas instaladas al final del Camino, en la Plaza del Paraíso. Allí se hacían las correspondientes operaciones, en las que no es difícil que alguno de los profesionales, haciendo gala de no serlo tanto, buscara la manera de engañar al extranjero y de sacarle mayor provecho a la operación de trueque.”¹³⁷

Hoje, destacam-se ainda os estabelecimentos comerciais (fig.8) que têm muitas ofertas para os peregrinos, sejam vieiras, chapéus, t-shirts, azulejos, medalhas, canecas, porta-chaves, pin’s, entre outros, desde que tenham a simbologia associada ao Caminho de Santiago: Apóstolo, vieira, bordão e a seta.

¹³⁵ A título de exemplo, apresentamos uma experiência pessoal tida, em Agosto de 2003, no Caminho Francês: chegados ao Cebreiro (localidade fronteiriça entre a Galiza e Leão e Castela), tínhamos a indicação do local de “Venta Celta” para saborear o famoso caldo galego; esta informação foi recebida no Albergue de Ponferrada, na etapa anterior.

¹³⁶ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Catedral de Santiago de Compostela*. I. Patrimonio Histórico Gallego. 1. Catedrales, Xuntanza Editorial, A Coruña, 1993, p.119.

¹³⁷ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago Apóstol. Vida. Peregrinaciones. Catedral compostelana*. Santiago de Compostela: Coedición Follas Novas / Monte Casino, 1999, pp.111-112.

A própria cidade de Santiago de Compostela é o resultado do desenvolvimento e expansão da peregrinação jacobea, cidade que acolhe peregrinos oriundos de toda a Europa e que têm o Apóstolo Santiago como seu patrono. De facto, “la creación de una estructura urbana com capacidad habitacional y de servicios, peso demográfico y entidad social capaces de incentivar el desarrollo de la Compostela altomedieval fue producto espontáneo e inesperado de la peregrinación jacobea, fruto de la devoción de peregrinos y devotos llegados desde los rincones más diversos del reino e incluso del exterior. Gentes que por devoción al Apóstol se sintieron atraídas por el santuario y desearon vivir y morir a la sombra del sepulcro apostólico y del santuario compostelano.”¹³⁸

1.2. Motivos da Peregrinação¹³⁹

Naturalmente, os motivos para realizar uma peregrinação a Santiago de Compostela são diversos e inserem-se no enquadramento que já analisámos para as peregrinações em geral, contudo, como vamos ver alguns são específicos deste Caminho.

No entanto, “Hay un motivo fundamental para peregrinar que es la devoción. A ella hemos de atribuir la puesta en camino de la mayor parte de los romeros jacobeos. Eran gentes que acudían a Compostela, al sepulcro del Apóstol, para satisfacer lo que les pedia su corazón, para pedirle a Santiago su mediación en algún problema personal, familiar o de mayor alcance. O también para agradecerle el favor recibido en su local de origen, beneficio muchas veces vinculado por el solicitante y posterior beneficiario a un voto de peregrinación.”¹⁴⁰

De facto, tradicionalmente, o principal motivo da peregrinação é religioso. Contudo, “Hay que contar, sin duda, com aquellos aspectos que afectan a la mentalidad religiosa de la cristandad medieval y su pasión por el culto a las reliquias: la vivencia de la espiritualidad y

¹³⁸ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Gran Obra de Los Caminos de Santiago: Iter Stellarum*. Vol. I: “Peregrinación y caminos”. A Coruña: Hércules Ediciones, 2004-2007, p.57.

¹³⁹ Ainda que este tema já tenha sido tratado no capítulo II, no subcapítulo 2., consideramos importante a sua inclusão no contexto da peregrinação a Compostela, até porque conseguimos identificar outros motivos.

¹⁴⁰ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago Apóstol. Vida. Peregrinaciones. Catedral compostelana*. Santiago de Compostela: Coedición Follas Novas / Monte Casino, 1999, p.99.

del ambiente psicosocial próprio del mundo medieval. Las motivaciones que los peregrinos demostraban eran de índole devocional, piadosa y/o penitencial.”¹⁴¹

Na peregrinação a Compostela, o peregrino entrega-se totalmente ao Caminho, recebendo as indulgências oferecidas pela Igreja e alcançando as graças pedidas ao Apóstolo, abdicando das comodidades e oferecendo esse sacrifício a Deus.

Tal como já referido anteriormente¹⁴², um outro motivo da peregrinação prendia-se com motivos de penitência. Segundo Vásquez de Parga, “La peregrinación no fue, en la Edad Media, una práctica que respondiese únicamente a la satisfacción de un acto individual de devoción, ya fuese espontánea u obligada por un voto formulado en un momento de grave peligro o enfermedad. Muchos peregrinos emprendían el viaje forzados por una penitencia canónica o por una sentencia civil, y, cuando se admitió el principio de la sustitución, hubo peregrinos a sueldo y peregrinos por manda testamentaria... Santiago de Compostela fue preferida manifiestamente como una meta impuesta a los sancionados por la Iglesia o por la autoridad civil, reflejándose en ello su situación preeminente en la devoción del mundo Cristiano.”¹⁴³ Como já referido, a tradição cristã faz alusão à peregrinação penal, não só como uma forma de remissão de pecados, mas também como a tomada de consciência dos pecados cometidos, imposta tanto a leigos como a eclesiásticos. Normalmente, era atribuído o local da peregrinação ou indicado o tempo de peregrinação, deixando ao critério do “pecador” o local da peregrinação; durante a peregrinação, a visita aos santuários tinha um duplo sentido: a oferta do sacrifício da viagem e o pedido de ajuda aos santos visitados.¹⁴⁴

No entanto, associados aos motivos de penitência, encontram-se outro tipo de factores, tais como a deslocalização do “pecador” da sua comunidade, evitando represálias por parte das famílias das vítimas, e a publicidade da punição do(s) pecado(s) cometido(s), servindo como exemplo à comunidade.

Paralelamente aos motivos “tradicionais” da peregrinação, nomeadamente o devocional, o piedoso e o penitencial, encontramos a referência de peregrinos que se dirigem a Compostela na procura de saúde. “O Calixtino, logo de recorda-la presencia de Santiago

¹⁴¹ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Gran Obra de Los Caminos de Santiago: Iter Stellarum*. Vol. I: “Peregrinación y caminos”. A Coruña: Hércules Ediciones, 2004-2007, p.58.

¹⁴² No capítulo II, dedicado às Peregrinações.

¹⁴³ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Catedral de Santiago de Compostela*. I. Patrimonio Histórico Gallego. 1. Catedrales, Xuntanza Editorial, A Coruña, 1993, p.114.

¹⁴⁴ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago Apóstol. Vida. Peregrinaciones. Catedral compostelana*. Santiago de Compostela: Coedición Follas Novas / Monte Casino, 1999, p.100.

nalguns feitos ós que convidou especialmente Xesús, en compañía de Xoán e de Pedro, relata que o Apóstolo «devolvía la vista a los ciegos, el paso a los cojos, el oído a los sordos, el habla a los mudos, la vida a los muertos y curaba a las gentes de toda clase de enfermedades para gloria y alabanza de Cristo” e facíao “no com algunos medicamentos o elacterios o composiciones o jarabes o diversos emplastos, o pociones o soluciones, vomitivos u otros antídotos de los médicos, sino por la acostumbrada gracia que Dios le concedía». A lista de curacións amplíase, lembrándolle ó lector algúns dos enfermos que recoñeceron na recuperación da súa saúde un favor do Apóstolo: «leprosos, frenéticos, nefríticos, maniosos, sarnosos, paralíticos, artéticos, escotomáticos, flegmáticos, coléricos, energúmenos, devios, tremulosos, celafárgicos, emigránicos, podágricos, estranguriosos, disuriosos, febricantes, caniculosos, hepáticos, fistulosos, tísicos, disentéricos, mordidos por serpientes, ictéricos, lunáticos, estomáticos, reumosos, amentes, epifrosos, alguginosos».”¹⁴⁵ Muitos eram os peregrinos que acorriam a Compostela na procura da saúde, não só a título individual, como a título colectivo, como é o exemplo das cidades de Barcelona e Xirona, em 1484.

Vasquez de Parga apresentou um outro tipo de peregrinação: a cavaleiresca; definindo-a da seguinte forma: “con el siglo XV se inicia un nuevo tipo de peregrino caballaresco, para el que la meta piadosa del viaje era poco menos que un pretexto para tener ocasión de ver países y costumbres exóticas, frecuentar cortes extranjeras y lucir su valor, habilidad y destreza en los torneos”¹⁴⁶. Este tipo de peregrinação prende-se com motivos culturais, além de constituir uma aventura, por si só.

De facto, toda a peregrinação é um enriquecimento cultural, não só para os peregrinos, mas também para quem os acolhe. “Calquera que sexa o motivo da viaxe ó santuario, no noso caso ó compostelán, quen o leva a cabo ten a oportunidade de coñecer xente, costumes (...) linguas, cancións, comidas, terras, etc..., o que non cabe dúbida de que contribúe a aumenta-lo caudal cultural do peregrino. Póñeno de manifesto as crónicas ou itinerarios de viaxes escritos por moitos romeiros. O Camiño serviu de fonte cultural para o peregrino; pero tamén ós habitantes do mesmo Camiño cousas que eles descoñecían ata entón. Os peregrinos agrupábanse e, moitas veces co fin de conseguiren axudas da caridade da xente dos pobos por onde pasaban, interpretaban cancións e bailes dos seus propios países, co que a rota de

¹⁴⁵ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Catedral de Santiago de Compostela*. I. Patrimonio Histórico Gallego. 1. Catedrales, Xuntanza Editorial, A Coruña, 1993, p.113.

¹⁴⁶ Citado por RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Catedral de Santiago de Compostela*. I. Patrimonio Histórico Gallego. 1. Catedrales, Xuntanza Editorial, A Coruña, 1993, p.117.

peregrinación se internacionalizaba. E non podemos esquecer, finalmente, que ó longo do Camiño xurdiu a arte da peregrinación, claramente presente em moitas igrexas importantes, sobre todo nas que podemos considerar como puntos sobresalientes da rota, e el mesmo foi a forxa da unidade e da orixinalidade da cultura da vella Europa.”¹⁴⁷ Na peregrinação a Compostela, o aspecto cultural destaca-se claramente; unidos pelo mesmo Caminho, os peregrinos partilham a sua cultura entre eles, além de absorverem a cultura dos povos por onde passam. Paralelamente, a componente artística afirma-se no Caminho de Santiago, encontrando o seu expoente máximo nas igrejas, mosteiros e catedrais, locais de visita obrigatória por parte dos peregrinos.

De qualquer forma, independentemente dos motivos que levavam e levam os peregrinos a Santiago de Compostela, o encontro com Deus, através do Apóstolo, e o encontro consigo próprio são os elementos que mais se afirmam na peregrinação a Compostela.

Segundo o papa João Paulo II¹⁴⁸, a peregrinação permite a busca do sentido da vida, o fortalecimento da fé, a renovação da caridade e o ânimo da esperança; enriquecendo o peregrino à medida que caminha em direcção ao local sagrado.

1.3. Formas de Peregrinação

Tradicionalmente, a Peregrinação a Compostela, seja individual ou colectiva, é feita a pé, mas também pode ser feita a cavalo e mais recentemente de bicicleta.

A peregrinação a pé (fig.9) é a mais comum em Compostela; para tal, os peregrinos preparam-se para percorrer, no mínimo, os últimos 100 kms do Caminho de Santiago, independentemente do seu ponto de início, para que possam receber a *Compostela*¹⁴⁹. Esta forma de peregrinação atrai inúmeros peregrinos que, ao longo do Caminho, vão descobrindo a beleza do trajecto, admirando a natureza e os monumentos graciosos que a “decoram”, dando a conhecer o trajecto da própria história da arte. Em média, os peregrinos percorrem cerca de 30 kms por dia, dependendo da dificuldade da etapa e da distância entre os albergues (locais de apoio e/ou pernoita), carregando a sua mochila com os seus bens necessários. Ainda

¹⁴⁷ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Catedral de Santiago de Compostela*. I. Patrimonio Histórico Gallego. 1. Catedrales, Xuntanza Editorial, A Coruña, 1993, pp.117-118.

¹⁴⁸ *Idem*, pp.125-126.

¹⁴⁹ Este tema será tratado no capítulo III, no subcapítulo 2.2.2.

que não seja obrigatório, de forma a promover o sucesso físico da peregrinação, é conveniente promover um treino prévio de caminhadas, aumentando progressivamente a distância percorrida, bem como o peso da mochila a transportar.

A peregrinação em bicicleta (fig.10) começa a ganhar cada vez mais adeptos¹⁵⁰, até porque as bicicletas actualmente “estão na moda”. De facto, ao peregrino de bicicleta é-lhe atribuído, carinhosamente, o título de “bicigrino” e, para que receba igualmente a Compostela, terá que percorrer os últimos 200 kms do Caminho de Santiago, o que nem sempre é fácil. Em média, os “bicigrinos” pedalam cerca de 60 kms por dia, dependendo da dificuldade da etapa e da distância entre os albergues, e tendo em conta as condições físicas dos próprios. A opção de efectuar a peregrinação por este meio requer um treino prévio: inicialmente com a bicicleta por carregar, e gradualmente com os alforges carregados na mesma. Para além disso, será importante possuir um conhecimento técnico sobre bicicletas, ainda que existam cada vez mais oficinas específicas ao longo do Caminho.

Actualmente, a peregrinação a cavalo é muito rara, uma vez que não existem muitas condições para apoiar esta modalidade de peregrinação, nomeadamente no que diz respeito ao estabular os cavalos durante a noite, sendo necessário recorrer a acampamentos ou a quintas particulares que possam acolher os peregrinos e os seus cavalos, além de um veículo de apoio para o transporte de ração e de palha. Em média, os peregrinos a cavalo cavalgam entre 30 a 50 kms por dia, dependendo da dificuldade da etapa e das condições de “alojamento”. Obviamente, a opção pela peregrinação a cavalo requer um treino bastante adequado.

1.4. Estruturas e Instituições ligadas à Peregrinação

O Caminho de Santiago foi dando origem, nas localidades por onde passa, a instituições de apoio ao Peregrino, principalmente ao nível das necessidades mais primárias deste, tal como hospitalidade, cuidados de saúde, alimentação, entre outras, sempre com o sentido cristão da caridade e da misericórdia. Aliás, “a prática da hospitalidade do Novo Testamento foi desenvolvida, na Idade Média, por eclesiásticos, monges, reis e nobres, e difundiu-se entre o povo, especialmente no Caminho de Santiago (...) por se tratar de uma via

¹⁵⁰ A título de curiosidade, na última peregrinação no Caminho Português (desde Valença do Minho) efectuada durante o mês de Junho de 2011, cerca de 40% dos peregrinos eram “bicigrinos” (peregrinos de bicicleta), tendo feito parte da “estatística” em igual período no ano passado, ainda que percorrendo o Caminho Francês (desde Astorga).

de piedade e oração muito propícia para o exercício da caridade cristã, com um hóspede – o peregrino – que podia ser tomado como um enviado do Céu.”¹⁵¹

Dois dos exemplos mais emblemáticos no Caminho de Santiago pela assistência prestada e que, rapidamente, alcançaram a canonização foram Santo Domingo de la Calzada e São João de Ortega.¹⁵² Actualmente, os locais da sua acção são “paragem obrigatória” para quem faz o Caminho Francês¹⁵³.

A própria Catedral de Santiago é o exemplo máximo da hospitalidade, funcionando como albergue e centro de acolhimento. “A catedral estava sempre cheia de gente que fazia a vigília do Apóstolo. Os peregrinos juntavam-se debaixo das abóbadas românicas em veladas muito longas, fazendo oração, comendo, descansando e, muitos dos que chegavam enfermos, morrendo à beira do Apóstolo. No *Liber Sancti Jacobi* já se dizia, em cerca de 1135, que as portas da catedral permaneciam abertas dia e noite, e que a compreensão dos eclesiásticos catedralícios era muita, ao entenderem que os devotos do Apóstolo, chegados de terras muito distantes e dos países mais díspares do Ocidente, tinham direito de permanecer na Casa do Senhor São Tiago.”¹⁵⁴

Muitos foram os monarcas que se empenharam no acolhimento aos peregrinos, além dos privilégios concedidos, permitindo-lhes a livre circulação e facilitando-lhes o seu acolhimento.

Em 886, uma acção régia de Afonso III (866-910), promoveu a criação de uma instituição destinada ao acolhimento de peregrinos, o “xenodoquio, do latino *xenodoquium*, que ó mesmo tempo, responde á palabra grega que significa “hospedería”. Estaba perfectamente regulada a atención ós peregrinos ata a concreción mesma das cantidades mínimas de carne, pan e viño que había que lles dar, así como a dotación das habitacións, ainda que non se pode responder de que se realizara sempre o preceptuado. Pero, ó mesmo tempo, os peregrinos tiñan o deber de cumpriren coas súas obrigacións mentres recibiran as

¹⁵¹ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.84.

¹⁵² Santo Domingo de la Calzada (1019-1109) e São João de Ortega (1080-1163) foram dois sacerdotes que dedicaram parte da sua vida à assistência aos peregrinos do Caminho de Santiago, além de melhorar as condições do Caminho, construindo pontes e limpando os trilhos.

¹⁵³ Este tema será tratado no capítulo IV, no subcapítulo 1.1.

¹⁵⁴ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.87.

atencións da casa.”¹⁵⁵ Este monarca, em 886, concedeu privilégio à Igreja de Ourense, cedendo-lhe um terreno para o acolhimento de pobres e peregrinos; em 899, outorgou privilégio idêntico à Igreja de Santiago; e em 905, actua da mesma forma com o Mosteiro de Santo Adriano de Tuñón.

Em 1072, o rei de Castela e de Leão, Afonso VI (1065-1109) fundou a *Hospedaria de San Xiraldo de Aurillac*¹⁵⁶, sita em O Cebreiro (Caminho Francês), com a colaboração dos monges franceses da abadia de San Geraud d’Aurillac, para o acolhimento dos peregrinos.

Já em 1142, o seu sucessor, Afonso VII (1109-1157), doou uma herdade a São João de Ortega (1080-1163), fundador da Ordem dos Cónegos Regulares de Santo Agostinho, referindo-se já aos peregrinos de Compostela. “E da sua parte, Alfonso VIII mandou edificar o *Gran Hospital do Rei* em Burgos, o maior e mais bem dotado dos albergues do Caminho de Santiago e uma das instituições que mais fez pela peregrinação a Compostela. O Hospital do Rei já era considerado, no século XIII, pela *Crónica General* de Alfonso X, como uma obra excelente, a qual fazia com que o rei que o mandara edificar merecesse «ser coroado por Deus».”¹⁵⁷

Mas talvez o melhor exemplo de religiosidade, por parte da monarquia, no sentido do acolhimento aos peregrinos, é o *Gran Hospital Real*¹⁵⁸ (fig.11), em plena Praça do Obradoiro, em Santiago de Compostela, fundado pelos Reis Católicos, Isabel I, de Castela, e Fernando V, de Aragão, em 1499, após terem empreendido a sua peregrinação ao túmulo do Apóstolo em 1498.

Temos ainda o exemplo de nobres que beneficiavam o Caminho de Santiago com as suas doações, como é o caso do conde García Fernandéz e Ava, sua esposa, que doaram a casa e alguns terrenos para a construção do albergue de Villa Vascones, sito em Nájera (Caminho Francês).

¹⁵⁵ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Catedral de Santiago de Compostela*. I. Patrimonio Histórico Gallego. 1. Catedrales, Xuntanza Editorial, A Coruña, 1993, p.106.

¹⁵⁶ Na hospedaria actual, existem doze quartos, simbolizando os pequenos abrigos de peregrinos da Idade Média.

¹⁵⁷ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.86.

¹⁵⁸ Actualmente, o Hospital dos Reis Católicos funciona como um hotel de luxo, ainda que permaneça com o vínculo ao acolhimento e hospitalidade para com os peregrinos de Santiago, acolhendo-os e oferecendo as refeições aos primeiros dez peregrinos, mediante a apresentação da sua Credencial.

As Ordens Religiosas, especialmente a Ordem de Cluny, pela sua ligação ao Caminho de Santiago, ergueram hospedarias e hospitais ao longo do percurso, dando assim apoio aos Peregrinos que se dirigiam até ao túmulo do Apóstolo.

De facto, a Ordem de Cluny seguia escrupulosamente a sua Regra, no sentido da hospitalidade e do acolhimento. “Cada um que chegasse ao mosteiro – fosse peregrino, enfermo, devoto ou pobre – tinha que ser recebido como se fosse o próprio Jesus Cristo, principalmente se eram peregrinos a Santiago de Compostela (...).”¹⁵⁹ Além da hospitalidade, a Ordem de Cluny promovia peregrinações a Santiago de Compostela, tendo como apoio os inúmeros mosteiros estabelecidos ao longo do Caminho, merecendo destaque os mosteiros de San Xoán de la Peña, Leyre, Irache, Nájera, San Pedro de Cardeña, Carrión de los Condes, Sahagún e Astorga.

Em meados do século XII, a Ordem de Cister começou a instalar-se em território espanhol, e “rapidamente levantou grandes e sóbrios mosteiros, recebeu doações régias e nobiliárias, trabalhou terras, atendeu às obrigações do coro e deu amparo e atenção aos peregrinos, como mandava São Bento.”¹⁶⁰ O Mosteiro de Santa Maria de Sobrado foi o primeiro mosteiro da Ordem de Cister instalado na Península Ibérica, tendo aproveitado a estrutura existente de um convento abandonado. Posteriormente, foram construindo mosteiros em todo o território, contribuindo não só para o apoio e acolhimento dos peregrinos de Santiago, mas também para o desenvolvimento das localidades onde se instalaram.

A Ordem de São Francisco, fundada por São Francisco de Assis, tem igualmente uma presença forte no Caminho de Santiago (até pelo exemplo de São Francisco de Assis que peregrinou a Santiago de Compostela¹⁶¹), garantindo assistência e acolhimento aos peregrinos. De facto, “as casas franciscanas foram-se levantando fora das muralhas das cidades, e os austeros franciscanos exercitaram a pobreza e a caridade evangélicas nos seus conventos e hospitais, chegando a ser, a partir do século XIII, uma das ordens religiosas mais dedicadas à assistência dos peregrinos, repartindo comida e esmola nos refeitórios e na porta dos seus conventos.”¹⁶²

¹⁵⁹ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.93.

¹⁶⁰ *Idem*, p.94.

¹⁶¹ Referida no capítulo III, subcapítulo 2.4.

¹⁶² SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.95.

Além destas três Ordens, merecem também destaque a Ordem de São Jerónimo e a Ordem de Santo Agostinho, que também se encontram no Caminho de Santiago, dando igualmente assistência e acolhimento aos peregrinos.

Como sublinhou Singul Lorenzo, também as ordens religiosas militares foram acolhedoras dos peregrinos: “A fundação das ordens de cavaleiros é consequência das peregrinações cristãs à Terra Santa e das sucessivas cruzadas organizadas para libertar os Santos Lugares e lutar contra o Islão; em geral, confluem nas ordens de cavalaria o ideal ascético dos monges com o ideal guerreiro dos cavaleiros de Cristo, tendo como filosofia de vida os votos monásticos de pobreza, castidade e obediência, a caridade de atender os pobres e aos enfermos e a obrigação militar de proteção aos fiéis que peregrinam aos Santos Lugares: a Jerusalém e a Santiago de Compostela.”¹⁶³

Fundada na Palestina, em 1002, a Ordem dos Cavaleiros Hospitalários de São João de Jerusalém dedicou-se à defesa dos peregrinos na Terra Santa e no Caminho de Santiago. Foi reconhecida como irmandade hospitalária em 1113, pelo papa Pascoal II (1099-1118), mas só foi transformada em ordem militar em 1120, pelo francês Raimundo de Puy, então o grão-mestre da Ordem. Chegados à Península Ibérica em 1155, com o apoio dos monarcas e nobres, foram sendo fundadas Casas da Ordem ao longo do Caminho Francês, com o intuito de acolher e dar assistência aos peregrinos, entre as quais: Pamplona, Estella, Atapuerca, Puente de Fitero, Léon, Hospital de Órbigo, Puerto de Manzanal, Sarria, Portomarín e Santiago de Compostela.

A Ordem dos Templários, fundada em Jerusalém, em 1119, inspirava-se igualmente nos ideais da caridade, da hospitalidade e da defesa dos peregrinos, mas com um vínculo mais guerreiro em defesa dos valores cristãos e de Jesus Cristo. Fruto da herança recebida de Afonso I, rei de Aragão, aquando da sua morte, em 1119, esta Ordem recebeu o reino de Aragão, além de outras propriedades que detinha ao longo do percurso do Caminho de Santiago, assegurando assim o acolhimento, a segurança e protecção dos peregrinos. “(...) sabemos que os templários cuidavam do Caminho e davam hospitalidade aos mais necessitados, e leito a todos, mas também que não duvidaram em ter pequenas ganâncias, com a venda de pão e vinho aos peregrinos, privilégio concedido por García Ramírez em 1146. No trecho do Caminho que atravessa as terras de La Rioja e Castela há um bom número de lugares em que se menciona haver restos de centros templários; os restos em ruínas da Granja

¹⁶³ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.89.

de Buradón parecem que pode ser um deles; a igreja de São Miguel de Arlanzón também conta com atribuição templária. Villalcázar de Sirga (ou Villa Sirga), uma das pequenas cidades do Caminho não perderam o seu encanto popular e mistério medieval, contou com o estabelecimento de uma comenda da Ordem.”¹⁶⁴

Além desta importante Ordem Militar, merece destaque a Ordem dos Cavaleiros de Santiago, cuja origem é remota, sendo atribuída a sua fundação ao tempo de Ramiro I, rei das Astúrias (842-850), de acordo com Precado Lafuente.¹⁶⁵ No entanto, e de acordo com J. Martín, “a igreja galega de Santa Maria de Loio foi a Casa-Mãe da Ordem dos Cavaleiros de São Tiago da Espada, fundada em 1170 com o nome de «freyles de Cáceres», por ter este núcleo inicial o mandato régio de Fernando II de defender a cidade extremeña (1171). O arcebispo de Santiago, Dom Pedro, apadrinhou e apoiou a irmandade, dando-lhe o nome de São Tiago Apóstolo.”¹⁶⁶ A 5 de Julho de 1175, a Ordem dos Cavaleiros de Santiago recebe a aprovação do papa Alexandre III (1159-1181). “El distintivo es la cruz de color sangre en forma de espada de hoja ancha y corta, con el testero rematado en forma de punta de lanza y los brazos florenzados. Por un acuerdo entre el Cabido compostelano y la Orden de los Caballeros, los canónigos compostelanos llevan sobre su sotana la cruz de los Caballeros, y éstos tienen el privilegio de sentarse con los capitulares compostelanos en el coro de la Basílica. Los Caballeros de Santiago fueron siempre protectores de los Caminos de peregrinación.”¹⁶⁷

Bem presente no Caminho de Santiago está igualmente a Ordem de São Lázaro, com um sentido estritamente assistencial, até pela sua presença em hospitais ao longo do Caminho. Merecem destaque quatro hospitais desta Ordem: Sarria, Portomarín, Melide e Santiago de Compostela.

Uma outra instituição importante associada à peregrinação a Compostela é a Confraria. No final do século XIII, é fundada, em Paris, a primeira Confraria em Paris, com o intuito de juntar os que peregrinaram a Compostela, celebrando o dia do Apóstolo, a 25 de

¹⁶⁴ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.92.

¹⁶⁵ PRECADO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago el Mayor y Compostela. Un apóstol, una ciudad, unos caminos*. Madrid: Aldeasa, 1999, p.90.

¹⁶⁶ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.92.

¹⁶⁷ PRECADO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago el Mayor y Compostela. Un apóstol, una ciudad, unos caminos*. Madrid: Aldeasa, 1999, p.91.

Julho, com uma missa solene. Esta ideia foi igualmente adoptada em inúmeros países. No caso espanhol, “sede” do Caminho de Santiago, “(...) las Confradías de Santiago no eran de antiguos peregrinos, sino de gentes de los Caminos que se agrupaban para proteger y acoger a los romeros. Así tenemos, como ejemplo más relevante, la de los Falifos, en la provincia de Zamora, nacida de la voluntad de varios párrocos vecinos de la localidad de Rionegro del Puente, que se pusieron de acuerdo para ayudar a los que caminaban hacia Compostela. En Santiago de Compostela nació la Archicofradía en tiempos del Papa Alejandro VI para ayudar a las obras de construcción del Hospital de los Reyes Católicos. Cuando dejó de tener esta finalidad, se dedicó, como viene haciéndolo, a un fin espiritual, el de la difusión del culto jacobeo.”¹⁶⁸

Paralelamente a esta questão, tornava-se imperativo estabelecer uma legislação própria que abrangesse todos os aspectos intrínsecos a esta peregrinação. Segundo Lacarra, chegou a existir uma espécie de direito internacional do peregrino¹⁶⁹. De facto, pretendia-se que os Peregrinos circulassem livremente e que as populações que os acolhessem fossem benévolas, dando-lhes privilégios e isenções. “Se les permitía la circulación libre y, en alguna disposición legal como es el caso de *Las Partidas*, se advierte que se debe tener aún mayor consideración con el peregrino que con el mercader, con el que la mayor parte de las veces se le homologaba en lo que se refiere al respaldo legal. Se les otorgaron privilegios y exenciones, por ejemplo en cuanto a prestamos, empeños y portazgos, y se legisló de modo que se sintieran protegidos contra las tropelías de los aprovechados.”¹⁷⁰

Actualmente, a Xunta da Galicia é uma das entidades que assume parte desse corpo legislativo, articulando com entidades, públicas e privadas, o melhor acompanhamento dos peregrinos.

¹⁶⁸ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago el Mayor y Compostela. Un apóstol, una ciudad, unos caminos*. Madrid: Aldeasa, 1999, p.91.

¹⁶⁹ *Idem*, p.89.

¹⁷⁰ *Idem*, p.89.

1.5. Ano Santo

Além de promover o Apóstolo Tiago e a Catedral de Compostela, bem como estimular a peregrinação, o papa Calisto II (1119-1124), em 1119, no início do seu pontificado, decretou a comemoração do Ano Santo Compostelano. Mas seria apenas em 1179, pela Bula *Regis Aeterni*, da autoria do papa Alexandre III (1159-1181), que se estabeleceria o Ano Santo, no qual os fiéis recebem indulgência plena desde que cumpram a peregrinação nesses anos.

Na História do Cristianismo, o Ano Santo Compostelano é o mais antigo dos chamados Anos Santos¹⁷¹, repetindo-se com mais frequência que os restantes. Celebra-se sempre que o dia do martírio de São Tiago, 25 de Julho, coincida com Domingo, o que acontece a cada seis, onze, seis e cinco anos. No passado ano de 2010, celebrou-se o segundo Ano Santo do século XXI¹⁷², que voltará a celebrar-se em 2021, 2027, 2032, 2038, 2049, 2055, 2060, 2066, 2077, 2083, 2088 e 2094.

Presidida pelo Arcebispo de Santiago de Compostela, acompanhado pelos membros mais altos do clero espanhol, bem como de representantes da Casa Real e do Governo (nacional e regional), a cerimónia do Ano Santo tem início na tarde de 31 de Dezembro do ano anterior, com a abertura da Porta Santa¹⁷³ (fig.12, 13, 14), na Praça da Quintana, com centenas de fiéis a assistir com especial entusiasmo. A Porta Santa encerra na tarde de 31 de Dezembro do Ano Santo.

No Ano Santo, a entrada na Catedral de Santiago de Compostela processa-se pela Porta Santa, que possui especial significado, é o símbolo do abandono do pecado e da escolha do bem e da graça, assumindo-se publicamente como um acto de fé. “Os penitentes, quando cruzam o umbral da Porta Santa, entram na simbólica Jerusalém Celeste, passando sob a majestosa e monumental figura de São Tiago Peregrino, que se ergue triunfal para recebê-los, alcançando o bordão e compondo um gesto de seriedade apostólica enquadrada por um arco de meio ponto que dignifica e realça a figura.”¹⁷⁴ Muito a propósito, na entrada da Porta

¹⁷¹ O primeiro Jubileu Cristão foi comemorado em 1300, decretado pelo Papa Bonifácio VII.

¹⁷² O primeiro Ano Santo do século XXI aconteceu em 2004.

¹⁷³ A Porta Santa encontra-se esculpida no seu interior com as passagens da vida e trasladação de S. Tiago até Compostela.

¹⁷⁴ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.148.

Santa, as duas esculturas românicas que ladeiam Santiago anunciam que “Vendrán todos los pueblos y dirán: Gloria a ti, Señor”.¹⁷⁵

A maior graça que se pode obter no Ano Santo é a indulgência plena que, para os cristãos, significa o perdão de Deus a todos os pecados; paralelamente, exige-se aos cristãos uma atitude de mudança, estando mais disponíveis para os outros, com maior sentido de justiça e de caridade. Esta indulgência plena, extensível aos defuntos, é atribuída todos os dias, desde a tarde de 31 de Dezembro do ano anterior até à tarde do dia 31 de Dezembro do Ano Santo, desde que sejam cumpridos os seguintes requisitos¹⁷⁶:

- Visita à Catedral de Santiago, orando no seu interior, individualmente ou em comunidade, pelas intenções do Papa, sendo recomendadas as orações do Pai Nosso e do Credo;
- Confissão (devendo a mesma não ultrapassar os 15 dias até à visita da Catedral);
- Comunhão eucarística para cada indulgência.

Além dos rituais tradicionais¹⁷⁷, os peregrinos participam nas cerimónias próprias do Ano Santo. A peregrinação e a chegada a Santiago de Compostela, num Ano Santo, assumem um especial significado e simbolismo para os fiéis, diferente de uma peregrinação num ano comum.

2. Peregrinos a Santiago de Compostela

“Todos somos Peregrinos, pois a nossa vida é uma constante Peregrinação. Caminhamos através da nossa existência terrena em busca de algo, que muitas vezes nem sabemos o que é.”¹⁷⁸

¹⁷⁵ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago Apóstol. Vida. Peregrinaciones. Catedral compostelana*. Santiago de Compostela: Coedición Follas Novas / Monte Casino, 1999, p.165.

¹⁷⁶ No interior da Catedral, e em Ano Santo, encontram-se afixados estes requisitos para a obtenção da indulgência plena.

¹⁷⁷ Este tema será tratado no capítulo III, subcapítulo 2.3.

¹⁷⁸ FIORAVANTI, Celina, *Santiago pela Via Lunar – Peregrinação pelo Caminho Português*. Lisboa: Pergaminho, 2001, p.20.

Dante Alighieri refere “(...) na *Vita Nuova*, cap. XL (1293), que romeiro é aquele que vai a Roma por devoção; palmeiro, o que vai a Jerusalém, para orar nos Santos Lugares; e peregrino, o que vai à Casa de São Tiago, na Galiza, ou retorna dela.”¹⁷⁹

Ainda que existisse uma distinção entre os diferentes peregrinos e as suas metas de peregrinação¹⁸⁰, curiosa é a distinção entre os verdadeiros peregrinos e os falsos peregrinos, sendo frequente a utilização da indumentária do peregrino para poder usufruir de cuidados e hospedaria gratuitos.

De facto, as pessoas iam fixando os atributos que os peregrinos e devotos de São Tiago transportavam a caminho de Compostela, ajudando assim a identificá-los. “Os peregrinos usavam um tipo de roupa e carregavam objectos tão característicos e originais, que formaram os atributos – alguns deles usados até hoje – pelos quais se caracterizaram para sempre (...).”¹⁸¹

Segundo o *Codex Calixtinus*, nomeadamente no sermão *Veneranda dies*, são indicadas as principais características da indumentária do peregrino de Compostela. “Pues cuando los enviamos con motivo de hacer penitencia al santuario de los santos, les damos un morral bendito, según el rito eclesiástico, diciéndoles: *En nombre de nuestro Señor Jesucristo, recibe este morral hábito de tu peregrinación, para que castigado y enmendado después de haber hecho el viaje vuelvas al lado nuestro con gozo, con la ayuda de Dios, que vive y reina por los siglos de los siglos. Amén* También cuando le damos el báculo, así decimos: *Recibe este báculo que sea como sustento de la marcha y del trabajo, para el camino de tu peregrinación, para que puedas vencer las catervas del enemigo y llegar seguro a los pies de Santiago, y después de hecho el viaje, volver junto a nos con alegría, con la annuencia del mismo Dios que vive y reina por los siglos de los siglos. Amén*”¹⁸²

¹⁷⁹ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.57.

¹⁸⁰ Considerando apenas as principais, também chamadas de “maiores”, Roma, Jerusalém e Santiago de Compostela.

¹⁸¹ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.58.

¹⁸² MORALES, Abelardo (dir); TORRES, Casimiro; FEO, Julio, *Liber Sancti Iacobi. Codex Calixtinus*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia / Consellería de Cultura, Comunicación Social e Turismo / Xerencia de Promoción do Camiño de Santiago, 2004, p.196.

2.1. Símbolos dos Peregrinos

Tradicionalmente, os peregrinos a Santiago de Compostela distinguem-se pela sua indumentária e pelos símbolos que transportam durante a sua peregrinação. (fig.15)

Vítor Manuel Adrião descreve as vestes e acessórios dos peregrinos: “No princípio, os peregrinos jacobeos vestiam roupas comuns ao resto dos viajantes. Pouco a pouco, a indumentária foi concretizando-se num abrigo curto que não estorvava o movimento das pernas, uma esclavina, pelerina ou capa de couro que protegia do frio e da chuva, um chapéu redondo de abas largas e um bordão mais alto que a cabeça com ponta de ferro. Presa a ele, uma cabaça fazia as vezes de cantil.”¹⁸³

Simbolicamente, a túnica significa o abandono da vida anterior, que se foi alterando ao longo da peregrinação, adoptando-se esta indumentária aquando da decisão de iniciar a peregrinação. Actualmente, os peregrinos utilizam roupa desportiva e confortável, bem como calçado próprio para caminhadas (botas e ténis “trekking”).

Tradicionalmente, o peregrino transportava um surrão (bolsa de couro usada pelos pastores), no qual se encontravam os seus pertences necessários à sua peregrinação. Hoje, o surrão foi substituído pela mochila de montanha, mantendo o mesmo objectivo.

Normalmente, a esportilha, escarcela ou morral (pequena bolsa em pele) é atada à cintura, apresentando-se como símbolo da provisão, na qual se encontrava algum dinheiro, mas também aberta à caridade das pessoas, recebendo todo o tipo de dádivas, além das dádivas, materiais ou imateriais, do próprio peregrino, e também das “ofertas naturais” com que o próprio Caminho de Santiago presenteia os seus peregrinos, considerando que o Caminho de Santiago atravessa muitas zonas rurais que, nas várias épocas do ano e de acordo com a sua área geográfica, “oferecem” aos peregrinos os seus sabores. “O simbolismo da esportilha é sobretudo alusão ao acto penitencial da peregrinação jacobea que na Idade Média e Renascença a Igreja impunha não só à nobreza e ao povo como resgaste de algum pecado capital, mas também aos próprios clérigos cuja impenitência os obrigava à penitência. Nestes casos faltosos era obrigatória a peregrinação ao túmulo do Apóstolo Jacobo como resgaste das faltas cometidas.”¹⁸⁴

¹⁸³ ADRIÃO, Vitor Manuel, *Santiago de Compostela – Mistérios da Rota Portuguesa*. Lisboa: Livros Dinapress, 2011, p.207.

¹⁸⁴ *Idem*, p.208.

Presentemente, a esportilha não faz parte da indumentária do peregrino, sendo substituída por uma pequena bolsa, por vezes colocada no interior da mochila, na qual se encontram os documentos do peregrino e algum dinheiro.

A concha ou vieira (fig.16) é um dos símbolos máximos do Caminho de Santiago e dos seus peregrinos, simbolizando o nascimento biológico, espiritual ou simbólico da vida.¹⁸⁵ “A vieira foi um *intersigna peregrinorum* do Caminho de Santiago; uma insígnia da peregrinação que identificava os devotos jacobitas que caminhavam a Santiago ou iam de volta para os seus lares. (...) O costume de levar estas conchas na roupa, com finalidade profilática, era muito antigo; já o faziam os cartagineses e os romanos. A vieira era o símbolo de Vénus, deusa do amor e da beleza, e para aqueles povos mediterrâneos antigos servia como amuleto contra o mal-olhado. Na cultura da peregrinação a Santiago de Compostela, a vieira exerceria um poder curativo e milagroso derivado do poder de apóstolo com o qual se vai identificando com o passar do tempo, sendo um dos atributos de São Tiago-Peregrino. (...).”¹⁸⁶

Os peregrinos envergam, presa aos próprios ou às mochilas, a vieira como símbolo das boas obras¹⁸⁷, sendo assim referenciada no sermão *Veneranda dies*, no *Codex Calixtinus*¹⁸⁸. A importância e simbolismos da vieira tiveram repercussões a nível comercial: “Tal significado curativo, prolifático e simbólico das conchas de vieira acaba criando um florescente comércio de vieiras que se desenvolverá, a partir do século XII e durante muitos anos, diante da porta norte da Catedral de Santiago. Aymeric Picaud já informava sobre o negócio de vieiras no capítulo nove do Livro V do *Liber Sancti Jacobi*, quando descreve a Praça do Paraíso, o adro em que se organizava uma grande manifestação de mercado medieval diante da fachada norte da basílica jacobéia. Entre as vieiras ali expostas para venda havia as naturais e as manufacturadas, feitas pelo grémio dos *concheiros* em metal (chumbo e estanho).”¹⁸⁹

¹⁸⁵ FERNÁNDEZ ARENAS, José, “Elementos Simbólicos de la Peregrinación Jacobea” in *Actas del Congreso de Estudios Jacobeos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995, p.272.

¹⁸⁶ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.59.

¹⁸⁷ Há notícia, por exemplo, de que, em vida, os peregrinos pedem que, na sua morte, lhes coloquem a vieira, insígnia das boas obras, de forma a identificá-los no Juízo Final.

¹⁸⁸ MORALES, Abelardo (dir); TORRES, Casimiro; FEO, Julio, *Liber Sancti Jacobi. Codex Calixtinus*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia / Conselleria de Cultura, Comunicación Social e Turismo / Xerencia de Promoción do Camiño de Santiago, 2004.

¹⁸⁹ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.60.

Além disso, a vieira é também utilizada na sinalização do Caminho¹⁹⁰.

O cajado ou bordão é também um dos símbolos do peregrino, que serve de apoio e de instrumento de defesa, e evoca as limitações humanas e a necessidade que o homem tem da força divina. O bordão, ligeiramente mais alto que a estatura do peregrino, tem a ponta em metal para se tornar mais resistente nos trilhos mais difíceis. “Também chamado cajado, báculo e muleta ou *tau*, nesta última forma tem uma conotação mística relacionada com a Santíssima Trindade, por cada um dos três braços do tau representar uma Pessoa ou Hipóstase de Deus: Pai – Filho – Espírito Santo. Neste sentido, apoiar-se no *tau*, como o fez a franciscana peregrina Rainha Santa Isabel de Portugal em 1325 e em 1335, era o mesmo que apoiar-se na Trindade Divina e a cada passo do caminho iniciático, na sua cogitação interior e contemplação exterior, ia aprofundando cada vez mais o entendimento do Divino.”¹⁹¹

Além disso, “el bordón es uno de los más gratos recuerdos del Camino. Sin embargo, el significado, del bordón se ha extendido a otros conceptos. «Bordonear», andar vagando y pidiendo limosna; «bordonería», costumbre viciosa de andar vagando sin trabajar; «bordonero», ser vagabundo o vagamundo. Son significados que aluden a la parte pícaro de la peregrinación jacobea. Podríamos añadir también belitres, goliardos, giróvagos, al nombre de «bordoneros».”¹⁹²

Actualmente, o bordão continua a ser um elemento presente na peregrinação a Santiago de Compostela, ainda que alguns peregrinos utilizem sticks de ski por serem mais leves e fáceis de transportar e arrumar.

Associado ao bordão aparece um outro símbolo, a cabaça: “Com o bordão do peregrino vai a cabaça amarrada a ele, um palmo abaixo da extremidade superior. (...) Bordão e cabaça apresentam um binómio ocultado que interessa desocultar: enquanto o bordão era apoio corporal e medidor do espaço peregrinado, a cabaça continha o líquido necessário à vida e caminhada, nela expressando o gasto do tempo.”¹⁹³

Tradicionalmente, a cabaça era utilizada para transportar água ou vinho recebidos nas rações dadas aos peregrinos, simbolizando “un estímulo para agradece-los dons de Deus

¹⁹⁰ Este tema será tratado no capítulo IV, subcapítulo 3.

¹⁹¹ ADRIÃO, Vitor Manuel, *Santiago de Compostela – Mistérios da Rota Portuguesa*. Lisboa: Livros Dinapress, 2011, p.209.

¹⁹² FERNÁNDEZ ARENAS, José, “Elementos Simbólicos de la Peregrinación Jacobea” in *Actas del Congreso de Estudios Jacobeos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995, p.272.

¹⁹³ ADRIÃO, Vitor Manuel, *Santiago de Compostela – Mistérios da Rota Portuguesa*. Lisboa: Livros Dinapress, 2011, p.212.

expresados na caridade dos homes, evocando a recollida de restos que mandou facer Cristo despois da multiplicación dos pans e dos peixes, no que temos que ver unha invitación ó respecto ós bens creados.”¹⁹⁴ Hoje, os peregrinos utilizam os cantis, ainda que se encontrem alguns transportando a tradicional cabaça, muitas das vezes com carácter somente decorativo.

O chapéu de aba larga protegia o peregrino do sol, da chuva e do frio, representando a atitude humilde do peregrino, inclinando-se perante a bondade divina.

Associado à Via Láctea, constituída por inúmeras estrelas, o Caminho de Santiago é também conhecido como o “Caminho das Estrelas”, até porque, segundo a lenda, como começou por ser referido no início deste trabalho, terá sido depois de uma chuva de estrelas que o corpo do Apóstolo foi descoberto.

A Cruz de Santiago é também um dos símbolos dos peregrinos, que se assemelha a uma espada, remontando-nos para as batalhas em nome de Cristo, simbolizando a espada a milícia e a cruz o caminho, em que cada um carrega a cruz de Cristo. (fig.17)

2.2. Documentação Própria dos Peregrinos

Além da simbologia característica dos peregrinos, estes fazem-se acompanhar por uma documentação própria que os identifica enquanto peregrinos de Santiago de Compostela.

2.2.1. Credencial (fig.18)

As origens da Credencial remontam à época medieval, em que os peregrinos se faziam acompanhar das cartas de apresentação e dos salvo-condutos, que lhes permitiam a passagem em certos territórios e lhes concediam alguns privilégios.

Actualmente, a Credencial do Peregrino funciona como o seu “passaporte” no Caminho, que contém a informação relativa à identificação pessoal e à condição de peregrino, como o nome, a nacionalidade, o local onde começou a peregrinação, a data de início e a forma como peregrina (a pé, a cavalo ou em bicicleta).

Durante o Caminho, o peregrino apresenta a sua Credencial, não só para atestar a sua condição de peregrino, mas também para ter acesso aos albergues, a locais de assistência, descontos em unidades hoteleiras e restaurantes, e outros. Nos albergues e nos locais de passagem e de visita, a credencial do peregrino vai recebendo carimbos de certificação.

¹⁹⁴ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Catedral de Santiago de Compostela*. I. Patrimonio Histórico Gallego. 1. Catedrales, Xuntanza Editorial, A Coruña, 1993, p.132.

2.2.2. Compostela (fig.19)

A *Compostela* é o documento que atesta a execução da peregrinação, pelo que só é dada após a realização do Caminho. Assim, o peregrino, chegado a Santiago de Compostela, dirige-se à *Oficina do Peregrino* e apresenta a sua Credencial devidamente carimbada, comprovando a sua passagem pelo Caminho.

A única condição que se impõe para receber a *Compostela* é ter percorrido, no mínimo, 100kms a pé ou a cavalo ou 200kms em bicicleta.

2.3. Rituais dos Peregrinos

Chegados a Santiago de Compostela (fig.20), os peregrinos são convidados a participar nos rituais tradicionais da peregrinação jacobea, tais como o toque na coluna do Pórtico da Glória, o toque na cabeça de Mateo, o contacto com o báculo de São Tiago, o abraço ao Apóstolo, a visita ao sepulcro do Apóstolo e a participação na Missa do Peregrino, com o ritual do botafumeiro.

A coluna central do Pórtico da Glória (fig.21, 22) apresenta a genealogia humana e divina de Jesus, merecendo a atenção do peregrino; paralelamente, existe a crença de que se receberá a resposta a cinco desejos ao colocar os cinco dedos da mão sobre os espaços da árvore de Jessé, ficando mais próximo de Jesus. “O peregrino, lonxe da idea tan espallada que non acredita com ningún documento de que obtén cinco desexos poñendo os seus cinco dedos nos cinco espacios que a piedade profundizou entre as pólas da árbore que nace no peito de Xesé, debe facerse unha idea básica deste rito, a de que se achega á figura de Xesús, camiño e meta do camiño de cada home.”¹⁹⁵ De facto, os peregrinos continuam a dirigir-se à coluna central do Pórtico da Glória, agradecendo a protecção a São Tiago durante a sua peregrinação e as graças recebidas no Caminho. “Segundo essa velha tradição oral ou lenda popular atemporal, corrente em Santiago, fora a mão mesma de Deus que deixara impressos os Seus dedos na coluna central do Pórtico, ao endireitar Ele mesmo a catedral, que estava sendo construída mal orientada, por certa incompetência dos mestres-de-obras daqueles tempos tão

¹⁹⁵ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Catedral de Santiago de Compostela*. I. Patrimonio Histórico Gallego. 1. Catedrales. A Coruña: Xuntanza Editorial, 1993, p.128.

longínquos. Logo, os peregrinos poriam a sua mão onde o próprio Deus a pusera para que a catedral do apóstolo São Tiago fosse bem feita e orientada.”¹⁹⁶

O toque com a cabeça na escultura de Mateo, mestre que terá construído o Pórtico da Glória, é um dos rituais que o peregrino deve cumprir, não só para apreciar a obra por ele realizada, mas também por se inspirar no seu exemplo de humildade e gratidão pela inspiração divina recebida. “La creencia adscrita a este rito, que no tiene nada de religioso, es la de que se contagia la inteligencia de Mateo a quien entra en contacto con su cabeza.”¹⁹⁷

Segundo a tradição, o báculo de São Tiago, encontrado pelo Bispo Teodomiro, entre as relíquias do Apóstolo e do peregrino São Francisco de Siena, que recuperou a visão em Compostela, encontra-se numa coluna de cobre, coroada por uma imagem de São Tiago, sita no transepto da Catedral. “Unha vella columnna de cobre, se cadra do século XI ou comezos do XII, coroada por unha imaxe de Santiago, do século XVI, encerra, segundo din, os báculos de Santiago o Maior, encontrado pólo bispo Teodemiro xunto coas relíquias do Apóstolo e de San Francisco de Siena, peregrino penitente que recuperou en Compostela a vista perdida. O peregrino adoita tocar, pola parte de abaixo, o regatón. Neste rito hai que ve-la imaxe do sacrificio da peregrinación, comezando pola de Santiago mesmo, que trouxo ata Fisterra a mensaxe do Evanxeo, e gratitude de quen se sente favorecido por Deus, como o peregrino de Siena.”¹⁹⁸

O abraço ao Apóstolo é, sem dúvida, o ritual mais significativo de todos os outros, sendo que o peregrino, após a sua longa jornada, abraça o Apóstolo, sito no altar-mor (fig.23, 24), recordando uma das frases mais trocadas entre os peregrinos: “Antes de abraçares o Apóstolo, já ele te abraçou ao longo do Caminho”. De facto, o abraço “tiene un significado religioso que es preciso destacar. El abrazo se daba tradicionalmente después de haber cumplido los requisitos para ganar las indulgencias de la peregrinación. Los dos últimos se llevaban a cabo en la capilla de la Magdalena, detrás del altar mayor, y, posteriormente, desde el siglo XVI, en la capilla del Salvador. Se trataba de la confesión y la comunión, a las que seguía la entrega al peregrino del certificado correspondiente, la *compostela*. Los peregrinos, en esse momento, como el hijo pródigo de la parábola, se acercaban a darle el abrazo de paz

¹⁹⁶ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.154.

¹⁹⁷ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago El Mayor y Compostela. Un apóstol, una ciudad, unos caminos*. Madrid: Aldeasa, 1999, p.105.

¹⁹⁸ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Catedral de Santiago de Compostela*. I. Patrimonio Histórico Gallego. 1. Catedrales. A Coruña: Xuntanza Editorial, 1993, pp.128-129.

al amo de la casa, el apóstol Santiago. Se ha escrito incluso que cada peregrino, al darle el abrazo – en lengua gallega, *aperta o apreta* –, le diría a Santiago: «Encomiéndame a Dios, amigo».”¹⁹⁹

A visita ao sepulcro de São Tiago (fig.25, 26) é um momento muito especial para todos os peregrinos que chegam a Compostela. Situado debaixo do altar-mor da Catedral, encontra-se uma urna de prata, na qual se encontram os restos mortais de São Tiago e dos seus dois discípulos, Atanásio e Teodoro. “La presencia de la cripta debajo del altar mayor responde al deseo de celebrar la Eucaristía sobre el sepulcro del mártir, que en este caso es además Apóstol de Cristo. Aunque mejor se diría que el altar mayor está donde está para mantener la conexión con el sepulcro manifestativo de la confesión de Cristo por parte de Santiago a través de la propia vida, en cumplimiento de la palabra dada a Jesús.”²⁰⁰

A Missa do Peregrino (fig.27) é celebrada diariamente ao meio-dia, sendo que o peregrino participa dela e tem o privilégio de ouvir anunciada a sua chegada²⁰¹ perante os demais presentes. No final da Eucaristia, os peregrinos são presenteados com o botafumeiro (fig.28), um grande incensário, que balança por todo o transepto da Catedral, ao som de música litúrgica, perfumando toda a Catedral. “Se pone en funcionamiento para incensar la imagen del Apóstol o las reliquias que se llevan en la procesión en las grandes solemnidades. Cuando se acciona el Botafumeiro sin que haya procesión, por ejemplo, com motivo de una peregrinación, es un homenaje a la Eucaristía celebrada y recibida, de modo que puede considerarse como un modo de dar gracias a Dios. Es posible que en algún tiempo, además, se haya utilizado el Botafumeiro como un ambientador, sobre todo en los siglos en los que la Catedral, abierta día y noche, servía de dormitorio para muchos peregrinos.”²⁰²

¹⁹⁹ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago El Mayor y Compostela. Un apóstol, una ciudad, unos caminos*. Madrid: Aldeasa, 1999, p.105.

²⁰⁰ *Idem*, p.57.

²⁰¹ No momento de acolhimento inicial, o sacerdote dá conta dos peregrinos que chegaram a Santiago de Compostela, referindo a sua nacionalidade e o seu ponto de partida, dividindo-os pelos diversos Caminhos. Estes dados são fornecidos pela Oficina do Peregrino, à qual os peregrinos se deslocam para receber a sua Compostela.

²⁰² PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago El Mayor y Compostela. Un apóstol, una ciudad, unos caminos*. Madrid: Aldeasa, 1999, p.102.

2.4. Peregrinos Notáveis

Ainda que tenham já sido muitos os milhares a percorrer o Caminho de Santiago, temos notícia de alguns peregrinos famosos que, pela sua posição social, incluíram na sua biografia a peregrinação a Santiago de Compostela²⁰³, além dos santos peregrinos que, ao empreender a peregrinação a Compostela, se tornam exemplos a seguir para os demais cristãos.

Tal como referido anteriormente²⁰⁴, os primeiros peregrinos conhecidos foram o bispo Gotescalco, da diocese de Le Puy, e o abade de Montserrat, Cesáreo, que peregrinaram a Compostela em meados do século X. Merecem ainda destaque o arcebispo de Reims, Hugo de Vermandois, e Guilherme de Aquitânia que alternava as suas peregrinações a Roma e a Compostela.²⁰⁵

No início do século XII, Santa Paulina, que já tinha percorrido os mais importantes santuários cristãos, “(...) que había ido encontrando en cada santuario un motivo y una ocasión para elevar al alma a Dios, piensa ahora que también el camino es oportunidad de santificación; el trabajo de peregrinar es obra de satisfacción y penitencia, con la que se puede merecer, y que prepara para las gracias que el Señor suele conceder por la intercesión de los santos en sus santuarios.”²⁰⁶

Um outro Santo Peregrino é Francisco de Assis que, segundo San Buenaventura e Tomás de Celano, peregrinou até Compostela, em 1215, na qual “ (...) achándose o Santo orando perante a tumba apostólica, tivo unha revelación na que se lle anunciou o crescimento que ía te-la orde por el fundada.”²⁰⁷; tendo fundado o primeiro Convento da Ordem de São Francisco em Compostela, às portas da cidade, em terras cedidas pelos monges beneditinos de San Martiño Pinario.

No mesmo século XIII, temos notícia da peregrinação a Compostela de São Domingo de Gusmão, por duas vezes, tendo solicitado ao Apóstolo ajuda para o desenvolvimento e

²⁰³ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago Apóstol. Vida. Peregrinaciones. Catedral compostelana*. Santiago de Compostela: Coedición Follas Novas / Monte Casino, 1999, p.70.

²⁰⁴ Esta referência encontra-se no capítulo III, dedicado à Peregrinação a Compostela.

²⁰⁵ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago Apóstol. Vida. Peregrinaciones. Catedral compostelana*. Santiago de Compostela: Coedición Follas Novas / Monte Casino, 1999, p.70.

²⁰⁶ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Catedral de Santiago de Compostela*. I. Patrimonio Histórico Gallego. 1. Catedrales, Xuntanza Editorial, A Coruña, 1993, p.108.

²⁰⁷ *Idem*, p.107.

expansão da Ordem por ele fundada, bem como a construção do Convento de Santa Maria de Bonaval. Curiosamente, São Domingo de Gusmão “(...) tenía familiares en Santiago, los Traba, con lo que sus dos viajes a Compostela seguramente tuvieron el doble objetivo de visitar la tumba de Santiago y de reunirse con sus parientes, que tuvieron una influencia notable en la política gallego-leonesa.”²⁰⁸

A rainha Santa Isabel (c.1270-1336) empreendeu, em 1326 e em 1335, a peregrinação a Compostela, tendo recebido um tratamento especial pelo prelado compostelano.²⁰⁹

Apenas cinco anos depois da segunda peregrinação da rainha portuguesa a Compostela, em 1340, foi a vez da Santa Brígida da Suécia (1303-1373) realizar a sua própria peregrinação.

A Compostela também peregrinou São Franco de Sena que foi alvo de um milagre do Apóstolo, pois chegou cego a Compostela e recuperou a visão, deixando como sinal de gratidão pela graça recebida o seu bastão de peregrino.

Ainda no século XIV, há o registo da peregrinação do Duque de Lancaster, que após ter conquistado A Coruña, se dirigiu a Santiago de Compostela com o mesmo objectivo, agradecendo a graça concedida ao Apóstolo, juntamente com a sua família²¹⁰.

No século XV, merece destaque a famosa história do “Paso Honroso”, protagonizada por D. Suero de Quiñones²¹¹, no Rio Órbigo, que, em agradecimento ao Apóstolo, ofereceu uma gargantilha em prata, “(...) reliquia venerada en la Catedral desde los tiempos del arzobispo Gelmírez.”²¹²

Mas, uma das mais famosas peregrinações foi a empreendida pelos Reis Católicos: Isabel I de Castela (1451-1504) e Fernando II de Aragão (1452-1516), em 1498, na qual os reis “Hicieron numerosas limosnas a los romeros que encontraron en el camino y en la ciudad. Y debió de ser tanta la impresión que les causaron el número de los romeros y las condiciones en que se encontraban los que llegaban hasta Santiago, que tomaron la decisión de mandar

²⁰⁸ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago Apóstol. Vida. Peregrinaciones. Catedral compostelana*. Santiago de Compostela: Coedición Follas Novas / Monte Casino, 1999, p.71.

²⁰⁹ Este tema será tratado no capítulo III, subcapítulo 2.5.

²¹⁰ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago Apóstol. Vida. Peregrinaciones. Catedral compostelana*. Santiago de Compostela: Coedición Follas Novas / Monte Casino, 1999, p.72.

²¹¹ Defensor da integridade dos peregrinos a Compostela.

²¹² PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago Apóstol. Vida. Peregrinaciones. Catedral compostelana*. Santiago de Compostela: Coedición Follas Novas / Monte Casino, 1999, p.73.

construir el Hospital que llevaba su nombre y lo mantiene ahora desde que se há convertido en hotal de lujo.”²¹³

De facto, são muitos os famosos que peregrinaram até Santiago de Compostela e, alguns deles, são hoje venerados na Igreja.

2.5. Peregrinos Portugueses

A notícia da descoberta do túmulo de São Tiago correu rapidamente no mundo europeu, sendo acolhida com grande fervor entre muitos dos futuros peregrinos.

Em Portugal, e provavelmente devido à proximidade, foram muitos os peregrinos portugueses que partiram em direcção a Compostela, ainda que não haja muitos registos sobre essas peregrinações.

Segundo Mário Martins, “(...) Compostela estava ao pé da fronteira portuguesa. Ir lá era certamente maravilhoso, porque era grande o poder do Apóstolo. No entanto, não tinha o sabor da perigosa aventura duma peregrinação à Terra Santa. Isto explica que nos ficasse uma documentação relativamente muito maior acerca das peregrinações portuguesas a Jerusalém. Porém, muito mais gente seguia pelas estradas que levavam a S. Tiago de Compostela. Eram contínuas as nossas relações piedosas com o famoso santuário de Compostela.”²¹⁴

Ainda no século XI, no alvor da nacionalidade portuguesa, temos notícia da peregrinação de D. Sancha, esposa de D. Fernando I, o Magno (1037-1065), em 1063, solicitando o auxílio do Apóstolo para a conquista de Coimbra, tendo regressado novamente para agradecer a graça recebida e uma terceira vez simplesmente por motivo devocional.

Os condes portugalenses, D. Henrique de Borgonha (1066-1112) e D. Teresa de Leão (1080-1130), em 1097, “(...) lá se deslocaram «orationis causa», como afirmam no citado documento de confirmação da doação do couto da Correlhã à igreja de Santiago, datado de 9 de Dezembro de 1097.”²¹⁵

²¹³ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago Apóstol. Vida. Peregrinaciones. Catedral compostelana*. Santiago de Compostela: Coedición Follas Novas / Monte Casino, 1999, p.73.

²¹⁴ AUGUSTO, Sara, “Peregrinações: Roma e Santiago de Compostela” in *Separata de Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Estudos e Bibliografias*. Lisboa: Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, Edições Cosmos, 1999, p.102.

²¹⁵ MARQUES, José, “O culto a S. Tiago no Norte de Portugal” in *Actas del II Encuentro sobre los Caminos Portugueses a Santiago*. Vigo: Asociación Amigos de los Pazos, 1994, p.65.

O bispo do Porto, D. Hugo, “(...) havia de voltar à cidade das peregrinações para ver o seu amigo D. Gelmirez e rezar junto do sepulcro do apóstolo.”²¹⁶

Foram igualmente peregrinos a Santiago de Compostela: D. Afonso II (1212-1223), em 1220, tendo deixado registado no seu testamento a sua devoção para com São Tiago; e D. Sancho II (1223-1247), em 1244, igualmente devoto de São Tiago até por ser o patrono dos exércitos cristãos.

Talvez a peregrinação mais conhecida, e provavelmente a mais mediática, foi a realizada pela Rainha Santa Isabel, em 1325, fazendo uma parte por mar e as últimas etapas a pé. “A primeira vez que veu a Compostela fíxoo a pé dende o Milladoiro, o lugar no que, por esta rota, a dos camiños portugueses, se albiscaban por vez primeira as torres da catedral santiaguesa. Participou nas celebracións solemnes do día 25 de xullo e, no ofertório da Misa que oficiaba o arcebispo Berenguel de Landoria, presentou como ofrenda a rica coroa e os vestidos máis elegantes que usara na súa vida oficial de consorte do rei portugués, así como ornamentos sagrados. O prelado santiaguês regaloulle unha ‘escarcela’, que é a mochila do peregrino, e un bordón, do que se di que foi instrumento de moitos milagres.”²¹⁷ Por se tratar de Ano Santo²¹⁸, solicitou indulgência, “sedo este anno Iubileu de Sanctiago da Galiza, ella por aver do tizouro da misericórdia, e piedade de Deus indulgencia, e remissão de seus pecados foy a elle, e tornou de pé aforada, e muy desconhecida, pedindo pello caminho esmolos aos fieis christãos com seu bordão na mão, e fardel às costas como hua bem pobre romeyra”²¹⁹, oferecendo grandes riquezas à catedral compostelana, em honra do Apóstolo, e por alma do seu marido, D. Dinis. Regressou, em 1335, como uma simples peregrina, “(...) profundamente marcada pela virtude da humildade, a pé, sem aparato externo, trajando com simplicidade e com um reduzidíssimo número de acompanhantes. Não era já a peregrinação da rainha, que indubitavelmente, acabaria por assumir um aspecto oficial, político, que temos

²¹⁶ MARQUES, José, “O culto a S. Tiago no Norte de Portugal” in *Actas del II Encuentro sobre los Caminos Portugueses a Santiago*. Vigo: Asociación Amigos de los Pazos, 1994, p.65.

²¹⁷ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Catedral de Santiago de Compostela*. I. Patrimonio Histórico Gallego. 1. Catedrales, Xuntanza Editorial, A Coruña, 1993, p.109.

²¹⁸ O Ano Santo foi tratado no capítulo III, no subcapítulo 1.5.

²¹⁹ AUGUSTO, Sara, “Peregrinações: Roma e Santiago de Compostela” in *Separata de Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Estudos e Bibliografias*. Lisboa: Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, Edições Cosmos, 1999, p.104.

de compreender e aceitar. Agora, era a religiosa, que, aos 64 anos, mais sentia a necessidade de se aproximar do túmulo deste Apóstolo, que foi um dos confidentes de Jesus.”²²⁰

Outra peregrinação conhecida foi a de D. Manuel I (1469-1521), em 1502, que peregrinou a Compostela, dando graças pelo sucesso dos Descobrimentos. “Saindo de Lisboa, passou por Tomar, parou em Coimbra, seguiu por Montemor-o-Velho e Aveiro, em direcção ao Porto, Dume, Ponte de Lima, Valença, e depois por Tui, em direcção a Compostela.”²²¹

Ainda no século XVI, são conhecidas as peregrinações de Simón Fogaza (fidalgo da casa real) e da sua família, em 1519; dos jesuítas Melchior Carneiro e Martin da Cruz, em 1543; de Francisco de Holanda e do Infante D. Luís, em 1544.

Nos séculos seguintes, são raros os relatos das peregrinações, reaparecendo no final dos séculos XIX e XX.

Relativamente aos inúmeros peregrinos anónimos não temos dados que nos permitam avaliar a quantidade, a sua origem social e as especificidades da sua acção durante a peregrinação.

²²⁰ MARQUES, José, “O culto a S. Tiago no Norte de Portugal” in *Actas del II Encuentro sobre los Caminos Portugueses a Santiago*. Vigo: Asociación Amigos de los Pazos, 1994, p.66.

²²¹ AUGUSTO, Sara, “Peregrinações: Roma e Santiago de Compostela” in *Separata de Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Estudos e Bibliografias*. Lisboa: Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, Edições Cosmos, 1999, p.105.

CAPÍTULO IV

O Caminho de Santiago

O Caminho de Santiago

São muitos os “caminhos” que constituem o Caminho de Santiago, percorrendo toda a Europa e fazendo de Santiago de Compostela o seu porto de abrigo. De facto, “(...) hay tantos caminos de Santiago como puntos de procedencia y consiguientes rutas de los peregrinos que hicieron la romería jacobea y que la hacen en nuestros dias.”²²²

A partir do momento da descoberta do sepulcro de S. Tiago, Compostela torna-se um importante local de peregrinação, atraindo peregrinos de todo o mundo. “Este acontecimento dará lugar a tres interesantes hechos: el nacimiento de una ciudad y centro de espiritualidad de gran renombre en Occidente, el fenómeno de la peregrinación jacobea y una red de itinerários conocidos como Camino de Santiago.”²²³

O Caminho de Santiago, enquanto construção histórica, assenta na rede viária romana e medieval, convertida à causa da peregrinação, além de importante via de comunicação e de trânsito comercial entre o território peninsular e os restantes países europeus.²²⁴

“O Camiño de Santiago, como un traxecto preciso que discorre por vías de comunicación propias e moitas veces marxinais, deixa ver con claridade o carácter liminal da peregrinación xacobea e a súa constitución como un ámbito en ruptura coa vida cotiá do individuo e coas súas pautas convencionais de vida. Convertirse en peregrino viaxando ata Roncesvalles en coche ou autobús para despois continuar a pé o traxecto preciso, recibir o envío, ataviarse coa concha e o bastón, tomar a carta de viaxe, supón para o peregrino

²²² PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago Apóstol. Vida. Peregrinaciones. Catedral compostelana*. Santiago de Compostela: Coedición Follas Novas / Monte Casino, 1999, p.74.

²²³ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Gran Obra de Los Caminos de Santiago: Iter Stellarum*. Vol. I: “Peregrinación y caminos”. A Coruña: Hércules Ediciones, 2004-2007, p.212.

²²⁴ REY CASTELAO, Ofelia, *Los Mitos del Apóstol Santiago*. Santiago de Compostela: Consorcio de Santiago / Nigratrea, 2006, p.96.

incorporarse a un camiño que non é físico e que el vai asumindo progresivamente como tal desde antes mesmo de comezar a viaxe. Os peregrinos mostran o seu rexeitamento á vida nas cidades, desenténdense das noticias dos medios de comunicación, incluso moitas veces dos familiares, dormen en refuxios compartidos, comen en horas e alimentos inhabituais, visten incluso de xeito diferente.”²²⁵

Com a expansão geográfica da peregrinação a Compostela, em pleno século XIII, são definidos os caminhos que convergem nos Pirinéus e se unem no chamado Caminho Francês²²⁶ (mapa 4), o mais conhecido e imponente, principalmente pelo impulso crucial dado pelo Mosteiro de Cluny que, além da vincada impressão religiosa dada ao Caminho, também imprimiam a sua influência e “cultura”. De facto, “(...) aprovechando en un primer momento que Compostela estaba bajo el cetro de Alfonso VI, muy inclinado hacia Francia, los de Cluny vinieron a prestigiar la peregrinación, pero también a hacer realidad sus deseos de adquisición de influencia, de captación de mitras y de fundación de nuevos cenobios de la familia benedictina. (...) Tiene razón Teodoro Martínez cuando escribe que, en el campo de la peregrinación a Compostela, el monasterio de Cluny fue «la primera agencia turística exclusivamente religiosa.» El monasterio francés dio lugar a muchas instituciones similares en el Camino.”²²⁷

1. Rotas de Peregrinação

Apesar de existirem imensas ramificações, o Caminho de Santiago apresenta oito rotas históricas principais, ainda que se cruzem ou unam em determinado ponto do Caminho, a saber: Caminho Francês, Caminho Aragonês, Caminho Primitivo, Caminho do Norte, Caminho Inglês, Caminho Português, Caminho do Sudeste/Via da Prata e Caminho do Mar de Arousa e Rio Ulla. (mapa 5) No entanto, só os Caminhos Francês, Inglês e Português chegam directamente a Santiago de Compostela, os restantes unem-se a estes três durante o percurso.

²²⁵ HERRERO, Nieves, “Camino de Santiago, metáfora da vida humana” in *Compostellanum* (vol. XL, nº. 3-4, Julio-Diciembre). Santiago de Compostela: Archidiócesis de Santiago de Compostela, 1995, p.471.

²²⁶ Tradicionalmente, quando é referido no singular ao Caminho de Santiago, refere-se ao Caminho Francês.

²²⁷ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago El Mayor y Compostela. Un apóstol, una ciudad, unos caminos*. Madrid: Aldeasa, 1999, p.84.

Para além destes itinerários, há ainda a considerar o Caminho de Fisterra/Muxía, que faz de Santiago de Compostela o seu ponto de partida.

1.1. Caminho Francês (mapa 6)

O Caminho Francês é, sem dúvida, o itinerário com maior tradição histórica, atravessando o norte da Península Ibérica, graças ao impulso dado pelos monarcas espanhóis, e posteriormente pela publicação do *Codex Calixtino*, com especial relevância o Livro V, atribuído a Aymeric Picaud, que pode ser considerado o primeiro guia do Caminho de Santiago.

Sendo apontado como o principal Caminho, enquanto rota de espiritualidade e de cultura, o Caminho Francês junta, em Roncesvalles, três das quatro vias descritas no Livro V do *Codex Calixtino*: “Son cuatro los caminos a Santiago que en Puente de la Reina, ya en tierras de España, se reúnen en uno solo. Va uno por Saint-Gilles, Montpellier, Toulouse y el Somport; pasa outro por Santa María del Puy, Santa Fe de Conques y San Pedro de Moissac; un tercero se dirige allí por Santa Magdalena de Vézelay, por San Leonardo de Limoges y por la ciudad de Périgueux; marcha el último por San Martín de Tours, San Hilario de Poitiers, San Juan d’ Angély, San Eutropio de Saintes y Burdeos. El que va por Santa Fe y el de San Leonardo y el de San Martín se reúnen en Ostabat y, pasado por Port de Cize, en Puente la Reina se unen al camino que atraviesa el Somport y desde allí forman un solo camino hasta Santiago”.²²⁸

De facto, as três rotas Paris-Tours, Vézelay-Limoges e Le Puy-Conques entram em território espanhol, cruzando os Pirinéus, por Roncesvalles (território da comunidade autónoma de Navarra) e a quarta rota, Arles-Toulouse, tem início em Somport e continua até Jaca (território da comunidade de Aragão), unindo-se totalmente em Puente la Reina, formando um só Caminho.

O Caminho Francês tem início em Saint Jean Pied de Port ou em Roncesvalles, percorrendo as comunidades autónomas de Navarra, A Rioja, Castela e Leão e Galiza, passando por locais importantes na peregrinação jacobea, tais como Estella, Logroño, Santo

²²⁸ MORALEJO, Abelardo (dir); TORRES, Casimiro; FEO, Julio, *Liber Sancti Iacobi. Codex Calixtinus*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia / Conselleria de Cultura, Comunicación Social e Turismo / Xerencia de Promoción do Camiño de Santiago, 2004, p. 527.

Domingo de la Calzada, Burgos, Frómista, Sahagún, León, Astorga, Ponferrada, Villafranca del Bierzo, O Cebreiro, Triacastela, Samos, Sarria, Portomarín, Melide, Arzúa e Monte do Gozo.

1.2. Caminho Primitivo (mapa 7)

Sendo a rota mais antiga do(s) Caminho(s) de Santiago, é denominado de Caminho Primitivo por ter sido, provavelmente, o Caminho escolhido por Afonso II, no século IX, para se deslocar até ao local do sepulcro de São Tiago, a pedido do bispo Teodomiro.

A este Caminho, nascido em Oviedo, confluem um dos percursos do Caminho do Norte e um desvio do Caminho Francês desde León. O ponto de partida do Caminho Primitivo conta com “una extraordinaria colección de reliquias en la Cámara Santa de su Catedral del Salvador; entre ellas, el sudario de la Pasión (...). De ahí el dicho popular: *Quien va a Santiago / y no al Salvador, / visita al criado / y deja al señor.*”²²⁹

De facto, muitos são os peregrinos que atribuem a este Caminho um carácter de extremo valor espiritual, tendo em conta as relíquias da Catedral de San Salvador de Oviedo e a exposição permanente do Santíssimo na Catedral de Lugo.

O Caminho Primitivo tem início em Oviedo, percorrendo as comunidades autónomas de Castela e Leão e das Astúrias, unindo-se ao Caminho Francês, em Melide, pertencente à comunidade autónoma da Galiza.

1.3. Caminho do Norte (mapa 8)

As peregrinações pelo Caminho do Norte remontam ao século IX, por altura da descoberta do túmulo do Apóstolo. Muitos eram os peregrinos que escolhiam a Rota da Costa (nome igualmente atribuído a este Caminho) para se dirigirem a Santiago de Compostela, passando pela Catedral de Oviedo.

“Entre os milhares de peregrinos que caminharam até Santiago pelo Caminho do Norte destaca-se a figura de S. Francisco de Assis. De acordo com a tradição, peregrinou a San

²²⁹ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Gran Obra de Los Caminos de Santiago: Iter Stellarum*. Vol. I: “Peregrinación y caminos”. A Coruña: Hércules Ediciones, 2004-2007, p.214.

Salvador de Oviedo e a Compostela em 1214. Em finais do s. XV o bispo arménio Mártir de Azerbaijão peregrinou a Roma e a Santiago; tanto para a ida como para o regresso, escolheu o Caminho do Norte (...).²³⁰

O Caminho do Norte tem início em Irún, percorrendo as comunidades autónomas do País Basco, Cantábria, Astúrias e Galiza, unindo-se ao Caminho Francês, em Arzúa, já em território galego.

1.4. Caminho Inglês (mapa 9)

Considerando a situação geográfica da Galiza, nomeadamente a sua zona costeira, era frequente a chegada de inúmeras pessoas à costa galega, entre comerciantes, peregrinos e viajantes. Muitos eram os portos de chegada para os peregrinos de Santiago, como Baiona, Ribadeo, Padrón, entre outros; no entanto, “(...) A Coruña y Ferrol eran los puertos jacobeos por excelencia y de ellos arrancan los itinerarios que dieron nombre a la parte terrestre de este recorrido: el Camino Inglés.”²³¹

A partir do século XII, as peregrinações pelo Caminho Inglês começam a ser frequentes, estando referenciadas, juntamente com as oferendas dos seus peregrinos ao Apóstolo S. Tiago. “A mais importante é o célebre retábulo portátil de alabastro, sobre a vida de Santiago, doado em 1456 à catedral compostelana pelo clérigo John Goodyear, reitor da igreja de Chale, na ilha de Wright (diocese de Winchester). A obra, conservada no Museu da catedral, mostra em cinco cenas a vida do apóstolo: a sua vocação, a sua predicação na Hispânia, o seu martírio na Palestina e a sua trasladação em barco até à Galiza.”²³²

O Caminho Inglês tem início em Ferrol ou em A Coruña, percorrendo a comunidade autónoma da Galiza.

²³⁰ SINGUL, Francisco, *Os Caminhos de Santiago na Galiza. Caminho do Norte*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2004, p.4.

²³¹ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Gran Obra de Los Caminos de Santiago: Iter Stellarum*. Vol. I: “Peregrinación y caminos”. A Coruña: Hércules Ediciones, 2004-2007, p.218.

²³² SINGUL, Francisco, *Os Caminhos de Santiago na Galiza. Caminho Inglês*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2004, pp.4-5.

1.5. Caminho Português²³³ (mapa 10)

O Caminho Português é, sem dúvida, o segundo itinerário mais escolhido pelos peregrinos, logo a seguir ao Caminho Francês. Graças à proximidade territorial, logo desde a descoberta do túmulo do Apóstolo, são muitos os peregrinos que se deslocam a Santiago de Compostela.

“Desde então, o culto jacobeu e a peregrinação a Compostela, considerada como uma das marcas de identidade da cultura europeia, tiveram em terras lusitanas uma projecção muito importante. Durante séculos, o povo português contribuiu para esta experiência colectiva com altos níveis de participação, sempre apoiado com singular fortuna pelo exemplo de reis, nobres e altos clérigos. Basta recordar que a maior parte da rede viária de Portugal foi testemunha, do século XII até aos nossos dias, do caminhar de peregrinos originários dos diversos núcleos populacionais do país – Lisboa, Santarém, Coimbra, Porto, Braga, Chaves... - até à meta compostelana.”²³⁴

O Caminho Português tem início em vários pontos do país, que se vão unindo desde o sul até ao norte, assumindo o caminho entre o Porto e Santiago de Compostela um papel primordial na escolha de inúmeros peregrinos. Chegando a Valença do Minho, atravessa-se o rio Minho, entrando em território galego, por Tui. Esta via cruza locais muito importantes para a peregrinação jacobea, tais como S. Pedro de Rates, Barcelos, Ponte de Lima, Valença do Minho, Tui, Redondela, Pontevedra, Caldas de Reis, Padrón e Esclavitude.

1.6. Caminho do Sudeste / Via da Prata (mapa 11)

Tendo por base a antiga estrada romana, a chamada Via da Prata, que unia Emerita Augusta (Mérida) a Asturica Augusta (Astorga), o Caminho do Sudeste atravessa o ocidente da Península Ibérica até Santiago de Compostela.

“Na Alta Idade Média a rota manteve-se viva, primeiro na época visigótica e depois sob o domínio islâmico. O termo «Via da Prata» deriva, precisamente, do sentido etimológico

²³³ O tema do Caminho Português de Santiago será mais desenvolvido na Parte II, no capítulo II.

²³⁴ SINGUL, Francisco, *Os Caminhos de Santiago na Galiza. Caminho Português*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2004, p.3.

original árabe *Bal'latta*, com o qual os muçulmanos designaram aquela larga via pública empedrada e de sólido traçado que se encaminhava em direcção ao norte cristão.”²³⁵

O Caminho da Via da Prata, também chamado de Caminho Leonês, tem início em Sevilha, percorrendo as comunidades autónomas da Andaluzia, Estremadura, Castela e Leão e Galiza.

1.7. Caminho do Mar de Arousa e Rio Ulla (mapa 12)

“Esta rota marítima e fluvial pela ria de Arousa e o rio Ulla comemora a chegada à Galiza, por mar, do corpo do apóstolo Santiago o Maior, após o seu martírio em Jerusalém no ano 44.”²³⁶ Ainda hoje é comemorada a *Translatio* na ria de Arousa, através de uma procissão com a participação de várias embarcações que percorrem a ria de Arousa até Padrón (onde se encontra depositada, na igreja de Santiago, a coluna à qual teria estado amarrada a barca que transportou o corpo do Apóstolo).

O Caminho do Mar de Arousa e Rio Ulla tem início na Ria de Arousa, atravessando as localidades de O Grove, Sanxenso, Meaño, Cambados, A Illa, Vilanova de Arousa, Vilagarcía de Arousa, Catoira, Valga, Pontecesures, Ribeira, Pobra do Caramiñal, Boiro, Rianxo e Dodro, unindo-se, em Padrón, ao Caminho Português.

1.8. Caminho de Fisterra / Muxía (mapa 13)

Tradicionalmente, entendia-se por Fisterra ou Finisterra o fim da terra, tendo em conta a sua localização geográfica: o extremo ocidental da Península Ibérica, além do mar tumultuoso daquela costa irregular e escarpa, chamada “Costa da Morte”. Para muitos, era o fim do mundo conhecido. De facto, “a Costa da Morte era para os antigos – e assim foi até ao final da Idade Média – o último reduto da terra conhecida, a ponta ocidental da Europa continental, o trecho final de um itinerário marcado no céu pela Via Láctea, um espaço mítico

²³⁵ SINGUL, Francisco, *Os Caminhos de Santiago na Galiza. Caminho do Sudeste – Via da Prata*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2004, p.3.

²³⁶ SINGUL, Francisco, *Os Caminhos de Santiago na Galiza. Rota do Mar de Arousa e Rio Ulla*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2004, p.3.

e simbólico que tinha no impressionante volume do cabo Fisterra (“Finisterre”) a sua parte mais extrema. Era um lugar carregado de todo o tipo de crenças e ritos pagãos, no qual os romanos (s.II a.C.) se surpreenderam ao ver o enorme sol a desaparecer entre as águas.”²³⁷

Esta zona extrema da Península Ibérica tem grande ligação à peregrinação jacobea, além de possuir diversas tradições e lendas associadas a S. Tiago, como, por exemplo, a aparição de Nossa Senhora ao Apóstolo, na sua “barca de pedra”, incentivando-o na sua predicação.

O Caminho de Fisterra/Muxía parte de Santiago de Compostela, atravessando Pontemaceira, Negreira e chegando a Hospital (mais precisamente a Dumbría), os peregrinos optam por tomar o Caminho até ao Cabo Fisterra (ou Finisterre) ou até Muxía (onde se encontra o Santuário A Barca, uma importante referência no culto jacobeu).

2. Sinalização

Uma das particularidades do Caminho de Santiago é a sua sinalização, cuja marca principal é a seta amarela. Esta opção deve-se à acção do Pároco de O Cebreiro²³⁸, Elias Valiña Sampedro²³⁹, que, graças ao seu interesse pelo Caminho de Santiago, e conversando imenso com os peregrinos que passavam pela localidade de O Cebreiro e lhe perguntavam qual o caminho a seguir, decidiu, em 1984, sinalizar o Caminho de Santiago, desde a fronteira entre França e Espanha, até Santiago de Compostela, com setas amarelas (aproveitando os restos de tinta amarela de umas obras na sua paróquia). Questionado pelas autoridades sobre o que estava a fazer, dizia frequentemente: “estou a preparar uma grande evasão”, algo que ainda hoje os Peregrinos recordam ao passar pela localidade de O Cebreiro.

²³⁷ SINGUL, Francisco, *Os Caminhos de Santiago na Galiza. Caminho de Fisterra-Muxía*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2004, p.3.

²³⁸ Sito na fronteira entre as regiões autónomas da Galiza e de Leão.

²³⁹ Nascido a 2 de Fevereiro de 1929, em Lier, no Município de Sarria, Elias Valiña ingressa, aos 12 anos, no Seminário de Lugo, terminando os seus estudos eclesiásticos em 1953. Mais tarde, em 1957, matricula-se na Faculdade de Direito Canónico da Universidade Pontifícia de Comillas, licenciando-se em 1959. A partir deste momento, Elias Valiña dedica a sua vida à comarca de O Cebreiro e também ao estudo e investigação do Caminho de Santiago, tendo elaborado a tese de doutoramento dedicada ao tema “O Caminho de Santiago. Estudo Histórico e Jurídico”, defendida, em 1965, na Universidade de Salamanca. Com a “feliz coincidência” de lhe terem oferecido a tinta amarela (restos de umas obras na Paróquia), resolveu sinalizar o Caminho de Santiago, sendo ainda a seta amarela a grande referência da sinalização. A Elias Valiña também se deve a instituição das primeiras Associações do Caminho de Santiago, com o intuito do estudo do Caminho, bem como do apoio aos Peregrinos de Santiago. Acaba por falecer em Dezembro de 1989, sendo ainda hoje uma referência na história do Caminho de Santiago.

Curiosamente, esta sinalização acabou por se espalhar por todos os Caminhos que ligavam a Europa a Santiago de Compostela, contribuindo para a uniformidade do Caminho de Santiago e ajudando milhares de peregrinos a seguirem uma rota histórica de peregrinação, fruto do trabalho e investigação do Pároco de O Cebreiro, figura marcante no desenvolvimento do Caminho de Santiago.

Posteriormente, a sinalização complementou-se com a colocação de painéis institucionais, sinais de trânsito, placas e marcos de granito, com a indicação da localidade, a vieira (símbolo máximo do Caminho de Santiago) e a informação dos quilómetros que faltam para chegar a Santiago de Compostela. (fig. 30, 31, 32, 33)

A partir do momento em que o Caminho de Santiago foi classificado como *Primeiro Itinerário Cultural Europeu*, em 1987, pelo Conselho da Europa, e *Património da Humanidade*, em 1993, em Espanha, e em 1998, em França, pela UNESCO, a vieira sobre o fundo azul (fig.34) tornou-se o símbolo de identificação do Caminho de Santiago.

Para além da sinalização oficial, é frequente encontrar marcações feitas por Peregrinos, principalmente quando a “oficial” se encontra em mau estado de conservação ou até mesmo desaparecida... além de alguns “recados” para os Peregrinos, como por exemplo, *Animo, Peregrino!* (fig.35), sendo praticamente impossível um Peregrino perder-se no Caminho de Santiago.

3. Itinerário Cultural Europeu e Património da Humanidade

Independentemente de ser um itinerário em direcção ao sepulcro de S. Tiago, um dos primeiros Apóstolos de Jesus, o Caminho de Santiago é igualmente uma rota comercial, mercado internacional, comunicação de culturas, exposição universal de arte, nomeadamente do românico, fonte de lendas, romances e canções, tendo por isso recebido os títulos de *Conjunto Histórico-Artístico Espanhol*, a 5 de Setembro de 1962, e de *Património Histórico Espanhol*, a 25 de Junho de 1985.²⁴⁰

²⁴⁰ VIÑAYO GONZÁLEZ, Antonio, *Camino de Santiago. Guía del Peregrino. A pie, a caballo, en bicicleta y en coche*. Léon: Edilesa, 1999, p.24.

A 23 de Novembro de 1987, o Caminho de Santiago foi declarado o *Primeiro Itinerário Cultural Europeu*, pelo Conselho da Europa²⁴¹. Esta denominação deve ser entendida em sentido amplo, uma vez que o “Camino de Santiago no es una ruta trazada topográficamente (esto sería una carretera) sino una dirección, en sentido espiritual e interior especialmente, que conduce a un fin: el encuentro con lo que significa la tumba de Santiago de Compostela en el orden espiritual, artístico y social. En todo caso, el Camino de Santiago es exteriormente una ruta señalada y fijada por todos los elementos artísticos, históricos y humanos que han ido quedando, dejados por o para los peregrinos. Es decir, el patrimonio artístico y cultural, que está formado por múltiples elementos.”²⁴²

O Caminho de Santiago foi igualmente declarado *Património da Humanidade*, em 1993, em Espanha, e em 1998, em França, pela UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization²⁴³, que assume uma posição importante no que diz respeito à salvaguarda e defesa do Património, desempenhando um papel fulcral no “estudo, reflexão e divulgação de normas técnicas e jurídicas orientadoras do esforço dos Estados na sua vasta responsabilidade de detecção e conservação dos testemunhos físicos do passado.”²⁴⁴

Além disso, o Caminho de Santiago recebe o Prémio Príncipe de Astúrias da Concórdia 2004, outorgado pela Fundação Príncipe das Astúrias.

²⁴¹ Com efeito, a declaração europeia refere que “O Conselho da Europa propõe hoje a revitalização de um dos caminhos, aquele que conduz a Santiago de Compostela. Este caminho, altamente simbólico no processo da construção europeia, servirá de referência e exemplo a acções futuras. Para tal, apelamos às autoridades, instituições e indivíduos, a:

1. Prosseguir o trabalho de identificação dos Caminhos de Santiago em todo o território europeu;
2. Estabelecer um sistema de sinalização dos principais pontos do itinerário através da utilização do emblema proposto pelo Conselho da Europa;
3. Desenvolver uma acção coordenada tendente a restaurar e a valorizar tanto o património arquitectónico como o natural, situados nas proximidades destes caminhos;
4. Lançar programas de animação cultural a fim de redescobrir o património histórico, literário, musical e artístico criado pelas peregrinações a Santiago de Compostela;
5. Promover a implementação de programas de intercâmbio permanente entre as cidades e as regiões situadas ao longo dos caminhos;
6. Estimular, no quadro deste intercâmbio, a criação artístico-cultural contemporânea a fim de renovar esta tradição e testemunhar os valores intemporais da identidade cultural europeia;
7. Que a fé que, ao longo dos tempos, animou os peregrinos e, para além das diferenças e interesses nacionais, os reuniu numa aspiração comum, nos inspire hoje, e muito particularmente os jovens, a percorrer estes caminhos, em ordem a construirmos uma sociedade fundada na tolerância, no respeito do outro, na liberdade e na solidariedade.” in ALMADA, Lourenço José de (Conde de), *A Caminho de Santiago – Roteiro do Peregrino*. Porto: Lello Editores, 2000, pp.9-11.

²⁴² FERNÁNDEZ ARENAS, José, “Elementos Simbólicos de la Peregrinación Jacobea” in *Actas del Congreso de Estudios Jacobeos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995, p.268.

²⁴³ UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, fundada a 16 de Novembro de 1945, com o principal objectivo de contribuir para a paz e segurança no mundo através da educação, da ciência, da cultura e das comunicações.

²⁴⁴ LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito, *Património Arquitectónico e Arqueológico: Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004, p.11.

CAPÍTULO V

Iconografia

1. Iconografia de São Tiago

Etimologicamente, o termo iconografia deriva do grego “eikon”, que significa imagem, e “graphia”, que significa escrita; ou seja, iconografia é o estudo das imagens, que assumiram um papel importantíssimo no Cristianismo, uma vez que “A Igreja, desde os primórdios do Cristianismo encontrou sempre na Arte uma das melhores formas de se relacionar com os Fiéis. Ainda que pela Palavra a comunicação seja estabelecida, ainda que pelo Gesto esta seja reforçada e ampliada na sua significação, a obra de arte, pela sua carga simbólica, expressa mais rápida e profundamente a mensagem desejada, sendo de igual modo mais facilmente compreensível por aqueles a quem se destina.”²⁴⁵

Desenvolvida uma linguagem de cariz simbólico, a arte agrega os princípios e os ideais cristãos. De facto, a iconografia religiosa representa a leitura que os cristãos fazem dos mistérios de Deus, existindo uma certa preocupação em encontrar a “verdadeira efígie” dos Santos, permitindo assim a identificação por parte dos fiéis e evitando erros e confusões. No caso dos Apóstolos, apesar de não se ter um conhecimento autêntico da sua fisionomia, a hagiografia conseguiu caracterizá-los,²⁴⁶ associando-lhes determinados símbolos que se tornaram distintivos.

Iconograficamente, os santos são identificados pela sua indumentária e pelos seus atributos; no caso de santos mártires, é comum estarem presentes os instrumentos do seu martírio ou até mesmo as partes do corpo que lhes foram amputadas aquando do martírio, no entanto existem outros símbolos associados à sua vivência (sejam sacerdotes, militares, peregrinos, entre outros) que nos permitem identificar os santos.

²⁴⁵ ALVES, Natália Marinho Ferreira, “Iconografia e Simbólica cristãs. Pedagogia da Mensagem” in *Theologica* (II Série, Vol. XXX, Fasc. 1). Braga: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia – Braga, 1995, p.57.

²⁴⁶ ANDRES ORDAX, Salvador, “La Iconografia Artistica Jacobea” in *El Camino de Santiago. Camino de Europa. Curso de Conferencias*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 22-26 Julho de 1991, p.148.

Ao longo da História da cultura ocidental, a representação de São Tiago desempenhou um papel fundamental, categorizando-o em três principais vertentes: Apóstolo, Peregrino e Soldado de Cristo.

De facto, a partir do século XII, a iconografia de São Tiago começa a ser divulgada, principalmente pelo impulso da Catedral de Compostela e da peregrinação ao sepulcro do Apóstolo, que se estende por toda a Europa. “Haciéndose eco de los cantos entremezclados de los peregrinos que resuenan bajo las bóvedas de la basílica la víspera de su fiesta, evocados en el sermón *Veneranda dies*, las imágenes del Apóstol reflejan a su modo la multiplicidad de lenguas y de naciones que se unen para celebrarlo.”²⁴⁷

A representação mais antiga de São Tiago “(...) es la que lo retrata como un Apóstol más, sin ningún distintivo o atributo especial, si bien coinciden los especialistas en afirmar que los artistas procuraron representarlo siempre como más bello y esbelto que la mayoría de sus colegas de apostolado. En algunos lugares se le añade la espada, instrumento de su martirio, y en otros un rollo o un libro que igual pueden hablarnos de su función de predicador del Evangelio que de la atribución a él del apócrifo *Evangelio de Santiago*.”²⁴⁸

Apresentando um importante interesse iconográfico, já que era um dos discípulos de Jesus, a iconografia de São Tiago assenta, essencialmente, na sua vida, paixão e morte, bem como nos seus milagres e nas suas intervenções como patrono da Península Ibérica, sobretudo na época da Reconquista Cristã.

No período da Idade Média, a iconografia de São Tiago “(...) inaugura, com éxito y proyección de futuro, el ciclo de la evangelización de Santiago como mártir de Cristo y el traslado de sus restos a Galicia.”²⁴⁹, sendo muito frequente esta representação do Apóstolo, que se prolonga até à Idade Moderna. De facto, a vida do Apóstolo, com destaque para o seu martírio e transladação, constitui um dos temas mais retratados na escultura e pintura entre os séculos XIII e XV. O tema do martírio de São Tiago divulga-se amplamente na Europa, sendo frequente a sua representação em gravuras e pinturas, principalmente a partir do final do século XV.

²⁴⁷ JACOMET, Humbert, “Iconografía de Santiago” in *Santiago el Mayor y la Leyenda Dorada* (catálogo da exposición – Museo de Belas Artes da Coruña). Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1999, p.27.

²⁴⁸ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago El Mayor y Compostela. Un apóstol, una ciudad, unos caminos*. Madrid: Aldeasa, 1999, p.97.

²⁴⁹ SINGUL LORENZO, Francisco, “Las Edades del Camino: Iconografía del Apóstol: escrito en el arte” in *Peregrino – Revista del Camino de Santiago* (nº. 96, Diciembre). Santiago de Compostela, 2004, p.16.

Na Idade Moderna, este tema continua a ser representado nas diferentes vertentes artísticas, em paralelo com a representação de São Tiago como peregrino e como cavaleiro.

Em suma, a representação de São Tiago subdivide-se em três tipos: o apóstolo, o peregrino e o cavaleiro²⁵⁰ (conhecido igualmente como Matamouros).

1.1. São Tiago Apóstolo

A iconografia de São Tiago Apóstolo surge, indubitavelmente, associada à sua função enquanto Apóstolo de Cristo, cumprindo a Sua ordem de espalhar a Palavra de Deus, predicando o Evangelho até terras ibéricas.

Na primeira metade do século XII, a Igreja Compostelana potencia a imagem apostólica de São Tiago, tendo como “(...) principal instrumento litúrgico de la Iglesia jacobea, el *Liber Sancti Jacobi*, “*Codex Calixtinus*” (ca. 1135-1140), apresenta a Santiago el Mayor como apóstol (...).”²⁵¹

A representação de São Tiago enquanto Apóstolo apresenta-se com os mesmos elementos que os restantes apóstolos: pés descalços, túnica, manto e Evangelho.

Dentro da iconografia de São Tiago Apóstolo, merece destaque a representação do “São Tiago em Majestade” ou “São Tiago Sedente” (fig.36), na qual o Apóstolo se apresenta sentado, descalço, vestindo uma túnica e manto, segurando numa mão o báculo e na outra um rolo de pergaminho ou o Livro das Sagradas Escrituras, reportando assim à sua missão evangelizadora.

1.2. São Tiago Peregrino

A representação de São Tiago enquanto Peregrino encontra-se associada à sua “passagem” pela Península Ibérica, dando testemunho da sua fé e espalhando a Palavra

²⁵⁰ Cada uma destas representações será tratada em subcapítulo próprio. Assim, dedicado a São Tiago Apóstolo, temos o subcapítulo 1.1; dedicado a São Tiago Peregrino, o subcapítulo 1.2; e dedicado a São Tiago Cavaleiro/Matamouros, o subcapítulo 1.3.

²⁵¹ SINGUL LORENZO, Francisco, “Las Edades del Camino: Iconografía del Apóstol: escrito en el arte” in *Peregrino – Revista del Camino de Santiago* (nº. 96, Diciembre). Santiago de Compostela, 2004, p.18.

Divina, trilhando caminhos que, mais tarde, terão o seu nome. “Santiago aparece entonces como el primero de los peregrinos de su propio camino (...).”²⁵²

Na realidade, São Tiago foi “(...) o primeiro peregrino a Compostela. E fai o camiño polas duas vías que, antes da aparición dos modernos medios de comunicación, podían empregar os romeiros: o mar e a terra. Foi tamén peregrino, porque veu a terras afastadas, que é o que significa, na súa primeira acepción, a palabra *peregrinus*.”²⁵³

Nas suas origens, “esta concepção iconográfica nasce quando se produz a identificação entre a figura do apóstolo São Tiago como mais um dos peregrinos que acorrem a Compostela. São Tiago, nestas imagens que o representam com os seus atributos dos seus mais íntimos devotos, é mais do que nunca o apóstolo andarilho que evangeliza os confins do Ocidente. Nas representações de peregrino, a iconografia de São Tiago mostra a indumentária característica da peregrinação a Compostela. O apóstolo veste um manto até aos pés, está descalço, leva a escarcela em bandoleira e chapéu decorado com vieira; porta numa das mãos o bordão com a cabaça (ou uma inscrição do doador, em caso dos ex-votos de ourivesaria) e, na outra, o Livro das Sagradas Escrituras.”²⁵⁴

De acordo com Figueira Valverde²⁵⁵, a iconografia de São Tiago Peregrino aparece subdividida em quatro formas: “Santiago de manto” (próxima à ideia de Apóstolo, apresentando a simbologia da peregrinação jacobea, apesar de não adoptar qualquer atitude de marcha); “Santiago em traje de caminhante” (também conhecido como “Santiago de pernas”, uma vez que se apresenta com um traje curto); “Santiago sedente” (como Mestre da Fé); e “Santiago Peregrino diante a Virgem” (intimamente ligada à tradição da evangelização na Península Ibérica e à aparição de Maria a São Tiago).

Tradicionalmente, São Tiago Peregrino apresenta-se com o manto, o báculo, a cabaça e a vieira (que tanto poderia estar envergada ao peito como no centro do chapéu de aba larga). A representação de São Tiago Peregrino é reconhecida desde o século XI, apresentando-o

²⁵² RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *Santiago. Para conocer y no olvidarte*. A Coruña: Hércules Ediciones, 2003, p.30.

²⁵³ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, “Santiago, Apóstolo, Peregrino e Cabaleiro” in *Todos con Santiago: Patrimonio Eclesiástico* (catálogo de exposición). Santiago de Compostela: Mosteiro de San Martiño Pinario / Museo Diocesano / Xunta de Galicia, 1999, p.146.

²⁵⁴ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.73.

²⁵⁵ FIGUEIRA VALVERDE, Xosé, “La Iconografía de Santiago y el Grabado Compostelano” in *Cuadernos de Estudios Galegos*. Santiago de Compostela: Consejo Superior de Investigaciones Científicas / Instituto Padre Sarmiento, 1944, pp.189-195.

com o báculo, túnica, manto e bolsa decorada com uma vieira, símbolo das boas obras e que, posteriormente, se tornará o elemento identificador do santuário compostelano e dos peregrinos jacobeus.²⁵⁶ (fig.37)

Estas imagens de São Tiago Peregrino surgem com frequência na transição do românico para o gótico, generalizando-se o fenómeno a partir do século XIV. “Tamén é frecuente que a imaxe na que se representa deste xeito nos ofrezca un rostro máis xuvenil de Santiago, en contraposición ó venerable ancián que esixía a condición apostólica. É, por outra parte, un momento no que a peregrinación, aproveitando o tempo de paz, adquire un novo auxe, por iso resulta oportuno contar cun santo peregrino que sirva de estímulo e de modelo ós romeiros santiaguistas.”²⁵⁷

1.3. São Tiago Cavaleiro

A iconografia de São Tiago Cavaleiro é riquíssima ao nível da sua representação, destacando-se o “Santiago cavaleiro a pé” (transição entre o São Tiago peregrino e o cavaleiro); “Santiago peregrino a cavalo” (igual transição); “Santiago cavaleiro” (montado a cavalo e com armadura) e “Santiago guerreiro”²⁵⁸.

Este tipo iconográfico assumiu particular simbolismo durante o período da reconquista cristã: “Entre as representações do apóstolo, talvez a mais conhecida popularmente seja a de São Tiago Cavaleiro e a sua derivação em São Tiago Matamouros. A representação de São Tiago como soldado de Cristo – *Jacobus miles Christi* – foi muito promovida pela sensibilidade militar e aristocrática feudal. Quando foram acrescentados, à imagem do Apóstolo equestre, os mouros vencidos aos seus pés, ficará mais evidente o carácter de São Tiago como «santo padroeiro e defensor especialíssimo».”²⁵⁹ (fig.38)

²⁵⁶ SINGUL LORENZO, Francisco, “Las Edades del Camino: Iconografía del Apóstol: escrito en el arte” in *Peregrino – Revista del Camino de Santiago* (nº. 96, Diciembre). Santiago de Compostela, 2004, p.21.

²⁵⁷ PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, “Santiago, Apóstolo, Peregrino e Cavaleiro” in *Todos con Santiago: Patrimonio Eclesiástico* (catálogo de exposición). Santiago de Compostela: Mosteiro de San Martiño Pinario / Museo Diocesano / Xunta de Galicia, 1999, p.147.

²⁵⁸ FIGUEIRA VALVERDE, Xosé, “La Iconografía de Santiago y el Grabado Compostelano” in *Cuadernos de Estudios Galegos*. Santiago de Compostela: Consejo Superior de Investigaciones Científicas / Instituto Padre Sarmiento, 1944, pp.196-199.

²⁵⁹ SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.73.

Esta representação relembra o primeiro grande sinal da protecção da Península Ibérica por São Tiago que seria dado na “(...) batalla de Clavijo del año 834, cuando Santiago se aparece al rey Ramiro I (842-850) en sueños, venciendo a los moros sobre un caballo blanco y con un estandarte blanco – color que simboliza la victoria –, hecho que fue transmitido a partir de una narración legendaria. Esta noticia fue recogida por R. Ximénez de Rada quien dice que el rey venció al grito de «Aduva nos D(omine) et Ste. Iacobe». Y, por su parte, Alfonso X explica que «Y Santiago con una espada en la mano desbarata el ejército de los infieles».”²⁶⁰

Indubitavelmente, a iconografia de São Tiago Cavaleiro / Matamouros surge associada à época da reconquista cristã da Península Ibérica e aos milagres realizados por São Tiago na luta contra os muçulmanos, merecendo destaque a sua intervenção na Batalha de Clavijo, em 844, e na Tomada de Coimbra, em 1064.²⁶¹

Tradicionalmente, a figura de São Tiago como Cavaleiro apresenta-se envergando uma túnica e uma capa vermelha, sentado sobre um cavalo branco, segurando na mão direita a espada e o escudo com a cruz de Santiago, tendo, por vezes, aos pés do cavalo, mouros vencidos ou até mortos. Em certas representações, surge a bandeira branca, atributo intimamente ligado à batalha de Clavijo.

Esta iconografia de São Tiago Matamouros nem sempre foi bem aceite na sociedade, decorrente de dois principais actos: “El primero está constituído por las críticas formuladas por los historiadores denunciando la falta de pruebas que puedan apoyar la realidad histórica de la aparición de Santiago en la batalla de Clavijo. El segundo está constituído por la acentuada tendencia de una considerable parte del clero español (a partir del Concilio Vaticano II) a despojar Santiago de su carácter de guerrero matamoros, por considerar este

²⁶⁰ ANDRES ORDAX, Salvador, “La Iconografía Artística Jacobea” in *El Camino de Santiago. Camino de Europa. Curso de Conferencias*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 22-26 Julho de 1991, pp.154-156. Apesar de na citação se encontrar referida a Batalha de Clavijo como tendo acontecido em 834, o facto é que a referida Batalha ocorreu em 844.

²⁶¹ “Aconteceu na segunda metade do século XI, pouco antes da tomada de Coimbra (1064) pela mão das forças do rei Fernando I de Leão. Dois textos capitais, algo posteriores, relatam a decidida ação de combate protagonizada pelo santo padroeiro na conquista da cidade islâmica. E foi a partir da Galiza que se foi difundindo a notícia da intervenção divina do Senhor São Tiago nos acontecimentos bélicos da conquista cristã de Coimbra. (...) Chegara por aquele tempo a Compostela um peregrino grego que, ao ouvir certas invocações de outros peregrinos na igreja de Santiago, revoltou-se contra eles, porque o faziam tratando a São Tiago como santo cavaleiro. O grego, recorrendo irritado ao Evangelho, destacava que de todos era bem sabido que a profissão de São Tiago, filho de Salomé e Zebedeu, era a de pescador como seu pai e não a de cavaleiro. Depois da querela, quando todos foram dormir, o peregrino grego teve em sonhos um encontro com São Tiago, no qual o Apóstolo lhe assegurava a sua condição de *Miles Christi* e para comprová-lo faz-lhe a predição de que, no dia seguinte, Coimbra cairia em mãos do rei cristão e os muçulmanos perderiam a luta, graças à sua celestial intervenção. E assim acontece. O peregrino grego assegurou, desde aquele dia da vitória de Coimbra, que o cavaleiro celeste São Tiago acudirá sempre a lutar pela causa da Cristandade, ao ser invocado devotamente.” SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.74.

carácter poco adecuado para un apóstol del Señor, sin entrar en más consideraciones acerca de la autenticidad o inautenticidad históricas de la aparición de Santiago en la citada batalla.”²⁶²
De facto, algumas pinturas e esculturas chegaram mesmo a ser ocultadas dos fiéis e substituídas por outra representação iconográfica de São Tiago.

Ultimamente tem vindo a ser bastante discutida esta questão, porque foi associado a um carácter intolerante que os espanhóis têm querido apagar da sua história, ainda que a sua devoção pelo Apóstolo seja imensa.

²⁶² RODRIGUEZ-BORDALLO, Ramón; RÍOS-GARCIA, Ana Maria, “Aportación a la iconografía jacobea” in *Atti del Convegno Internazionale di Studi. Il Pellegrinaggio a Santiago de Compostela e la Letteratura Jacopea*. Perugia: Università Degli Studi di Perugia, 23-24-25 Settembre 1983, p.220.

II PARTE

CAPÍTULO I

Turismo e Peregrinação

Desde os primeiros tempos da Humanidade, o Homem tem necessidade de encontrar um caminho que o leve ao encontro do divino e do espiritual, assumindo a fé um papel primordial neste âmbito.

Nesse sentido, o Homem é impelido não só a construir locais de culto, mas também de visitar outros locais fora da sua área de residência, podendo ser designado de peregrino, de romeiro, de turista religioso, entre outras denominações que lhe são atribuídas de acordo com o local visitado e o âmbito dessa visita.

De facto, turismo e peregrinação encontram-se intrinsecamente ligados, uma vez que ambos os conceitos têm o pressuposto de abandono do quotidiano e de novas experiências, além de muitos considerarem a peregrinação como uma forma de turismo.

No entanto, a diferença entre estes dois conceitos consiste no primordial motivo que leva o turista/peregrino a empreender uma viagem/peregrinação, ainda que alguns motivos secundários possam ser partilhados, como, por exemplo, o enriquecimento cultural, existindo uma ligação muito próxima entre o turismo religioso (no qual se incluem as peregrinações, ainda que com características distintas) e o turismo cultural.

1. Conceitos de Turismo

Considerando que o turismo é uma área multidimensional, multifacetada e complexa, são possíveis “(...) múltiplas abordagens, sob o ponto de vista sociológico, cultural, geográfico, económico, psicológico e tecnológico. Cada uma destas disciplinas estuda o turismo conforme a sua perspectiva, entendendo-o e conferindo-lhe uma abordagem

multidimensional, pois nenhuma delas, isoladamente, poderá estudar e compreender o turismo cabalmente.”²⁶³

Por essa mesma razão, a sua definição é igualmente controversa, uma vez que a mesma pode ser enquadrada em diversas áreas de conhecimento. Na opinião de Burkhart e Medlick (1974) e Heeley (1980), as definições de turismo devem ser divididas em dois grupos: “definições conceptuais que tentam elucidar a natureza do turismo como actividade; [e] definições técnicas dentro das quais está a designação do tipo de turistas e do que constitui a actividade turística.”²⁶⁴

No final do século XIX, começam a surgir as preocupações no que concerne à definição de turismo, e no século seguinte, as primeiras definições são trazidas a público. Em 1910, Herman von Schullern apresenta a seguinte definição: “o turismo é o conjunto de todos os fenómenos, em primeiro lugar de ordem económica, que se produzem pela chegada, a permanência e a partida de viajantes numa comuna, província ou um Estado determinado e que estão directamente ligados entre eles.”²⁶⁵

De facto, no início do século XX, considerava-se turismo a entrada de estrangeiros num país, ao contrário do que actualmente acontece.

Em 1942, Walter Hunziker e Kurt Krapf estabelecem, pela primeira vez, a definição de turismo: “é o conjunto das relações e fenómenos originados pela deslocação e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocações e permanências não sejam utilizadas para o exercício de uma actividade lucrativa principal, permanente ou temporária.”²⁶⁶, definição essa aceite pelos especialistas em turismo, membros da Association Internacionale des Experts Scientifiques du Tourisme.

Bernecker, em 1965, considera que o turismo engloba dois grupos distintos: as relações materiais (serviço e bens de consumo por parte dos visitantes) e as relações imateriais (contacto com os locais visitados e a sua cultura), definindo o turismo como “(...) a

²⁶³ SAER (Sociedade de Avaliação de Empresas e Risco), *Reinventando o Turismo em Portugal. Estratégia de Desenvolvimento Turístico Português no I Quartel do Século XXI*. Lisboa: Confederação do Turismo Português, 2005, p.219.

²⁶⁴ HENRIQUES, Cláudia, *Turismo, Cidade e Cultura. Planeamento e Gestão Sustentável*. Lisboa: Edições Sílabo, 2003, p.21.

²⁶⁵ CUNHA, Licínio, *Economia e Política do Turismo*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006, p.19.

²⁶⁶ *Idem*.

soma das relações e dos serviços que resultam de uma alteração de residência, temporária e voluntária, não motivada por razões de negócios ou profissionais.”²⁶⁷

Mais tarde, em 1982, a definição de Mathieson e Wall aponta o turismo como o “movimento temporário de pessoas para destinos fora dos seus locais normais de trabalho e de residência, as actividades desenvolvidas durante a permanência nesses destinos e as facilidades criadas para satisfazer as suas necessidades.”²⁶⁸

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU)²⁶⁹, “turismo é o conjunto de relações e fenómenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que esses deslocamentos e permanência não sejam motivados por uma actividade lucrativa principal, permanente ou temporária.”

Em 1985, a Organização Mundial de Turismo (OMT)²⁷⁰ define que “O turismo engloba todas as deslocações temporárias de pessoas fora do seu habitual local de residência ou de trabalho, seja qual for o motivo concreto da deslocação, a duração da estadia, e o lugar de destino. As duas manifestações principais do turismo são as deslocações realizadas durante o tempo livre motivadas pela necessidade humana de diversidade e as viagens por motivos profissionais ou de obrigação. (...) O conceito de turismo engloba também a oferta turística, na qual se incluem todos os produtos e serviços criados para satisfazer as necessidades nascidas com as deslocações das pessoas.”

Na Conferência de Otava, em 1991, a OMT refere que “o turismo é o conjunto de actividades desenvolvidas por pessoas durante viagens e permanências em locais situados fora do seu ambiente habitual por um período consecutivo inferior a um ano, por motivos de lazer, negócio e outros.”

Desde o início do século XX, a preocupação em definir turismo é constante, no entanto, ainda não se chegou a nenhum consenso, sendo opção para alguns autores em adoptar o conceito de turismo na perspectiva da procura ou na perspectiva da oferta.

²⁶⁷ CUNHA, Licínio, *Economia e Política do Turismo*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006, p.20.

²⁶⁸ *Idem*.

²⁶⁹ Fundada em 1945, após a II Guerra Mundial, a Organização das Nações Unidas tem como principal objectivo a cooperação, entre todos os seus membros, no sentido do direito internacional, segurança internacional, desenvolvimento económico, progresso social, defesa dos direitos humanos e estabelecimento da paz mundial. (a partir deste momento, sempre que nos referirmos à Organização das Nações Unidas será indicada como ONU)

²⁷⁰ Pertencente à ONU, a Organização Mundial de Turismo é, desde 2003, uma agência especializada na gestão e organização do turismo a nível internacional, funcionando como um fórum global para as políticas turísticas e como fonte de conhecimento prático sobre o turismo. (a partir deste momento, sempre que nos referirmos à Organização Mundial de Turismo será indicada como OMT)

Assim sendo, na perspectiva da procura, “o turismo abrange todas as deslocações de pessoas, quaisquer que sejam as suas motivações, que dêem origem a consumos, durante a sua deslocação e permanência temporária fora do seu ambiente habitual, de valor superior ao rendimento que, eventualmente, auferam em locais visitados.”²⁷¹ Ao passo que, na perspectiva da oferta, “o turismo pode ser encarado como todo o vasto conjunto de lugares, organizações, empresas, profissões e relações que se combinam para satisfazer as necessidades decorrentes das viagens temporárias. As pessoas deslocam-se para lugares onde existem atractivos que correspondem a uma grande diversidade de necessidades e motivações que para serem satisfeitas exigem uma grande variedade de bens e serviços: transporte, alimentação, dormir, diversão, cuidados de saúde e muitos outros. Os lugares onde existem atractivos dão origem a destinos que se transformam em espaços territoriais complexos e, a produção de bens e serviços, dá origem a organizações, empresas e profissões muito variadas com objectivos idênticos: proporcionar experiências e satisfação aos visitantes.”²⁷²

Em suma, e segundo Mário Baptista, “o turismo é um fenómeno humano e social que se define pelo deslocamento de pessoas, provisório e limitado no tempo, de forma a que tal não implique a transferência do local habitual de vivência, tendo como causa fundamental motivações diversas que poderão ir do simples lazer aos aspectos de ordem profissional.”²⁷³

Associado ao conceito de turismo, encontra-se inevitavelmente o conceito de turista, indivíduo que “protagoniza” a acção. O termo turista terá tido origem na expressão “tour” (entendida como viagem por prazer), derivada da “Grand Tour”, uma viagem pelas principais capitais europeias realizada por estudantes pertencentes às classes mais altas da sociedade na segunda metade do século XVIII, com o intuito de complementar a sua formação académica, além do enriquecimento pessoal.

O conceito acabou por evoluir, considerando turista quem se desloca para fora da sua residência habitual. No entanto, “a definição de turista, tal como acontece com a de turismo, não tem sido tarefa fácil nem pacífica em virtude de abranger realidades, por vezes, muito distintas mas com pontos comuns inseparáveis e gerando fenómenos semelhantes nem sempre produzindo resultados iguais.”²⁷⁴

²⁷¹ CUNHA, Licínio, *Economia e Política do Turismo*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006, p.21.

²⁷² *Idem*, p.22.

²⁷³ BAPTISTA, Mário, *Turismo Competitividade Sustentável*. Lisboa: Editorial Verbo, 1997, p.40.

²⁷⁴ CUNHA, Licínio, *Economia e Política do Turismo*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006, p.24.

Nesse sentido, é importante referir as principais tentativas de definição de turista. A Comissão Económica da Sociedade das Nações Unidas, em 1937, apresenta uma definição de turista com o intuito de tornar possível a comparação de estatísticas turísticas a nível internacional.

Mais tarde, em 1950, a União Internacional dos Organismos Oficiais de Turismo (que viria a transformar-se na actual OMT) anuncia um novo conceito: o de excursionista, que será, mais tarde, adoptado pela ONU, substituindo turista por visitante temporário.

Passados quatro anos, é estabelecida, na Convenção sobre Facilidade Aduaneira em favor do Turismo, a distinção dos fins turísticos (lazer, desporto, saúde, família, religioso, profissional, entre outros).

Na cidade de Roma, em 1963, é promovida pela ONU a Conferência sobre Turismo e Viagens Internacionais, onde se distinguiu visitante, turista e excursionista, “(...) sendo os primeiros «aqueles que se deslocam temporariamente para fora da sua residência habitual, quer seja no seu próprio país ou no estrangeiro, sem que aí exerçam uma profissão remunerada», englobando, pois, esta categoria as duas seguintes, as quais se distinguem consoante se trate de um visitante que permanece no local visitado por mais de vinte e quatro horas – caso em que se designa *turista* – ou, pelo contrário, que não permanece no local visitado por mais de vinte e quatro horas – caso em que se designa *excursionista*.”²⁷⁵

Tendo em conta as anteriores definições de turista que se referiam ao turismo internacional, a OMT, em 1983, acrescenta o termo de visitante nacional, valorizando igualmente o turismo doméstico.

Mas será, em 1991, na Conferência Internacional sobre Viagens e Estatísticas de Turismo, promovida pela ONU, em Otava, que se define turista, sendo esta definição aprovada, em 1993, pela Comissão de Estatísticas da ONU.

“De acordo com a definição aprovada pela ONU, em 1993, o termo «visitante» é o conceito básico de todo o sistema estatístico do turismo do qual derivam os restantes, que são os seguintes:

Visitante, toda a pessoa que se desloca a um local situado fora do seu ambiente habitual durante um período inferior a doze meses consecutivos e cujo motivo principal da visita é outro que não seja o de exercer uma actividade remunerada no local visitado;

²⁷⁵ MATIAS, Álvaro, *Economia do Turismo. Teoria e Prática*. Lisboa: Instituto Piaget, 2007, p.28.

Turista, é todo o visitante que passa pelo menos uma noite num estabelecimento de alojamento colectivo ou num alojamento privado no local visitado;

Visitante de dia (excursionista), é todo o visitante que não passa noite no local visitado.”²⁷⁶

Esclarecidos os conceitos de turismo e de turista, é possível identificarem-se várias classificações de turismo, considerando as suas causas e influências. Assim sendo, as principais classificações de turismo prendem-se com a origem dos visitantes (dividindo-se em turismo doméstico ou interno – resultante das deslocações de residentes no próprio país; turismo receptor – resultante das visitas a um país por não residentes; turismo emissor – resultante das visitas de residentes de um país a outros países); a repercussão na balança dos pagamentos (considerando o impacto económico, positivo ou negativo, dos turistas); a duração da permanência (dividindo-se em turismo de passagem e turismo de permanência – local escolhido); a natureza dos meios utilizados (respeitante aos meios de transporte utilizados); o grau de liberdade administrativa (dividindo-se em turismo limitado e turismo livre, resultante das regulamentações existentes nos países); e a organização da viagem (diferenciando-se turismo individual e turismo colectivo ou de grupo).

Paralelamente às classificações de turismo, torna-se premente referir as diversas tipologias de turismo, a saber: turismo de recreio (tendo subjacente a ideia da viagem por prazer), turismo de repouso (direccionado para locais tranquilos), turismo de saúde (direccionado para locais com tratamentos de saúde, destacando-se o termalismo), turismo desportivo (direccionado para as grandes actividades desportivas, como, por exemplo, os Jogos Olímpicos), turismo de negócios (englobando viagens de negócios, feiras, exposições, seminários, entre outros), turismo político (direccionado para reuniões ou acontecimentos políticos), turismo cultural²⁷⁷ (direccionado para o património cultural) e turismo religioso (direccionado para as tradições religiosas, englobando as peregrinações).

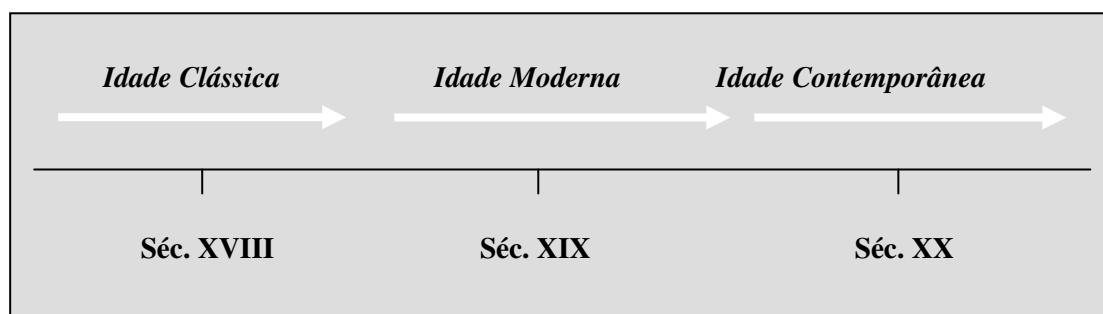
1.1. Evolução Histórica do Turismo

De acordo com Licínio Cunha²⁷⁸, a evolução do turismo apresenta-se em três épocas: a idade clássica, a idade moderna e a idade contemporânea, conforme seguinte gráfico:

²⁷⁶ CUNHA, Licínio, *Economia e Política do Turismo*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006, pp.24-25.

²⁷⁷ Este tema será abordado mais profundamente no subcapítulo 2.

²⁷⁸ CUNHA, Licínio, *Economia e Política do Turismo*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006.



A idade clássica compreende o período entre o início das primeiras civilizações e o século XVIII, caracterizando-se por viagens individuais ou em pequenos grupos (família), direccionadas, entre outras, para o enriquecimento cultural (como por exemplo as viagens à Grécia e ao Egipto), o fortalecimento da saúde (desempenhando um papel crucial as termas, instituídas pelos romanos, que ainda hoje são consideradas como uma forte atracção turística) e o sentido religioso (destacando-se as peregrinações maiores – Roma, Jerusalém e Santiago de Compostela).

“Neste período, os centros que, na perspectiva actual, se podiam considerar como turísticos eram as estâncias termais, que atraíam principalmente as pessoas que procuravam remédio para os seus males e os centros religiosos que atraíam os peregrinos.”²⁷⁹ Ao longo dos séculos, foram surgindo relatos de viagens, normalmente por pessoas notáveis da sociedade, despertando o interesse e fazendo com que surgissem os primeiros guias de viagens.

A idade moderna compreende o período entre o século XVIII e início do século XX, caracterizada principalmente pela forte “explosão” do turismo, graças às grandes alterações a nível económico, social, cultural e tecnológico que se fizeram sentir, modificando significativamente o conceito de viagem. De facto, é nesta idade do turismo que se popularizam as viagens de recreio, merecendo destaque a chamada “Grand Tour” (anteriormente referida), que irá, posteriormente, desplotar o conceito de turismo e de turista.

Contribuindo para o desenvolvimento do turismo, é importante referir a acção de Robert Smart que, em 1822, se assume como o primeiro agente de viagens, responsável pelas reservas dos passageiros do barco entre Inglaterra e Irlanda; e a acção de Thomas Cook que, em 1841, organiza uma viagem de comboio entre Leicester e Loughborough; em 1864, prepara uma viagem colectiva à Suíça; e, em 1872, promove a primeira viagem à volta do

²⁷⁹ CUNHA, Licínio, *Economia e Política do Turismo*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006, p.40.

mundo, assumindo-se assim como a primeira organização turística mundial que prevalece até aos dias de hoje.

Neste período, “o turismo inicia a sua expansão mundial, caracterizando-se pela procura de diversão e descanso pelas viagens culturais. Inicia-se o desenvolvimento dos transportes modernos com o lançamento de redes internacionais de caminho-de-ferro, de barco, a criação das primeiras companhias aéreas e o nascimento do automóvel e do autocarro. Surgem as primeiras organizações nacionais e internacionais de turismo das quais se destaca a Federação Franco-Hispano-Portuguesa de Sindicatos de Iniciativa e Propaganda, primeira organização internacional de turismo, e que está na origem da actual Organização Mundial de Turismo (OMT) depois de ser ter transformado na União Internacional dos Organismos Oficiais de Turismo (UIOOT).”²⁸⁰

A idade contemporânea compreende o período entre o início do século XX e a actualidade, caracterizada pela tomada de consciência da importância do turismo na sociedade, não só a nível económico, mas também social. A nível internacional, o turismo alcança dimensões significativas, ainda que acontecimentos como a I Guerra Mundial, a Grande Crise de 1929, a Guerra Civil de Espanha e a II Guerra Mundial tenham provocado instabilidade.

De acordo com Licínio Cunha²⁸¹, a partir da II Guerra Mundial, o turismo evolui significativamente, graças às principais características: democratização (abertura do turismo a todos); planetarização (turismo global, ignorando fronteiras, estendido por todos os continentes); desenvolvimento do turismo social (tido como factor de compensação de trabalho, acedido por todas as camadas sociais); inquietação (opção de visita a vários destinos no caso de viagens intercontinentais; frequente procura de viagens curtas, as chamadas “escapadinhas”); valorização (preocupação com aspectos imateriais do turismo, existindo uma valorização e afirmação pessoal); e diversificação da oferta (abrangente a todo o tipo de públicos).

“O século XXI inicia-se com um turismo consolidado a nível mundial, porque se democratizou, porque se transformou num fenómeno planetário e porque passou a fazer parte do modo de vida da maior parte dos países que vão ascendendo a níveis de desenvolvimento

²⁸⁰ CUNHA, Licínio, *Economia e Política do Turismo*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006, p.44.

²⁸¹ CUNHA, Licínio, *Economia e Política do Turismo*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006, pp.53-54.

mais elevado, e, no futuro, em que se alargarão as origens da procura, manterá o sentido da evolução verificada no passado recente.”²⁸²

2. Turismo Cultural e Turismo Religioso

Tanto o turismo cultural como o turismo religioso partilham património, isto é, partilham alguns dos muitos bens culturais materiais e imateriais, ainda que os seus objectivos, enquanto tipologia turística, sejam distintos.

2.1. Turismo Cultural

Considerando que cultura é o conjunto de costumes, de instituições e de obras que constituem a herança de uma comunidade ou grupo de comunidades, ou, noutra perspectiva, um sistema complexo de códigos e padrões partilhados por uma sociedade ou grupo social e que se manifesta nas normas, crenças, valores, criações e instituições que fazem parte da vida individual e colectiva dessa sociedade ou grupo, pode apontar-se a cultura como todo o produto do ser humano.

Nesse sentido, o património assume-se como aglutinador da identidade colectiva, uma vez ser o testemunho de uma determinada comunidade, devendo ser alvo de protecção e valorização.

De acordo com Yves Lacoste, o termo património deriva “Do latim «Patrimonium», herança do pai. Este termo designou durante muito tempo os bens de uma pessoa ou de uma família que os recebeu por herança e que, em princípio, os transmitirá aos seus herdeiros. A expressão “património cultural” é hoje utilizada para designar, já não ao nível privado, mas colectivo, os monumentos e obras de arte como a língua (ou o dialecto) e as diversas formas de expressão artística. São mesmo considerados parte do património aspectos da paisagem humanizada que os intelectuais e cidadãos de uma cidade, de uma região ou de um país

²⁸² CUNHA, Licínio, *Economia e Política do Turismo*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006, p.54.

consideram um conjunto de valores que receberam dos seus antepassados, pelos quais devem velar, prevenindo tentativas de uma formização, sejam elas estatais ou económicas.”²⁸³

De facto, “La contemplación, la comprensión, el disfrute, la motivación, el respeto son algunas de las experiencias y sensaciones que un admirador del patrimonio tiene que sabe manejar y procurar transmitir. El patrimonio no tiene setido al margen de la sociedad. En el mundo globalizado de hoy el patrimonio confiere, a los que quieren y saben apreciarlo, un elemento distintivo y diferenciador que es muy fácil de transformar en foco de atracción y en lugar de encuentro.”²⁸⁴

O património cultural desempenha um papel principal não só na identidade de um povo, assente nas suas raízes, reforçando a sua importância, mas também no desenvolvimento de uma região e país, promovendo o turismo e o diálogo intercultural, além de revitalizar a identidade cultural e preservar os bens culturais materiais e imateriais.

De acordo com Ashworth, é possível materializar a relação entre turismo e cultura em três grandes formas: a relação entre turismo e a arte consubstanciada no designado turismo de arte, a relação entre turismo e património monumental assente no designado turismo patrimonial/turismo de património, e a relação entre turismo e um lugar específico, denominado de turismo étnico.²⁸⁵

Na relação entre turismo e arte, a cultura é materializada em museus, galerias e exposições de arte, além de manifestações artísticas como a música, o teatro e a dança; neste caso, a arte assume-se como importante recurso cultural, fomentador de atracção turística²⁸⁶.

A relação entre turismo e património monumental preconiza uma acção mais direccionada para o património histórico construído, enquanto memória histórica e cultural, assumindo-se como importante produto turístico²⁸⁷.

²⁸³ LACOSTE, Yves, *Dicionário de Geografia*. Lisboa: Teorema, 2003, p.300.

²⁸⁴ HERNÁNDEZ, Josep B.; TRESSERRAS, Jordi J., *Gestión del patrimonio cultural*. Barcelona: Editorial Ariel, 2011, p.270.

²⁸⁵ HENRIQUES, Cláudia, *Turismo, Cidade e Cultura. Planeamento e Gestão Sustentável*. Lisboa: Edições Sílabo, 2003, p.47.

²⁸⁶ A título de exemplo, indicam-se as exposições de Paula Rêgo, que constituem uma atracção turística onde quer que se encontrem patentes.

²⁸⁷ A título de exemplo, indica-se a emblemática Torre de Belém que, além do seu valor patrimonial arquitectónico, tem presente a história dos Descobrimentos Portugueses.

Na relação entre turismo e um lugar específico, a cultura encontra-se associada ao sentido do lugar, assumindo as práticas quotidianas de determinada comunidade, como a gastronomia, costumes, folclore, entre outros, um papel fundamental na oferta turística.²⁸⁸

De acordo com Urry, “turismo é cultura, pois qualquer deslocação de pessoas, por curta que seja, entre o lugar de residência e qualquer outro, satisfaz a necessidade humana de diversidade ao propiciar novos conhecimentos, experiências, encontros.”²⁸⁹

Ainda que tenham sido apontadas como esferas distintas, as interacções entre turismo e cultura vão-se afirmando cada vez mais, graças à “culturalização da sociedade” e à “culturalização das práticas turísticas”, fenómenos que originaram a “cultura do turismo”.

Nos finais dos anos 70, o turismo cultural assume-se como importante produto turístico, ainda que se afirme mais vincadamente nos anos 90 graças ao mercado de massas.

Tal como a definição de turismo, é igualmente difícil apontar uma definição de turismo cultural, fruto das diversas perspectivas que o conceito provoca.

Em 1984, o International Council on Monuments and Sites (ICOMOS) apresenta a *Carta de Turismo Cultural*, na qual “concebe turismo cultural como uma forma de turismo cujo objecto é, entre outros, a descoberta de monumentos e lugares. Ele exerce nestes últimos um efeito positivo na medida em que contribui, para satisfazer os seus próprios fins, para a sua manutenção e protecção. Esta forma de turismo justifica os esforços de protecção, conservação e manutenção devido aos benefícios económicos e sócio-culturais que produz para toda a população envolvida.”²⁹⁰

Posteriormente, em 1999, a *Carta de Turismo Cultural Internacional* “reafirma a importância da conservação assim como salienta a natureza dinâmica da relação turismo/património. Paralelamente, faz referência à necessidade de se estabelecerem mecanismos de reinvestimento das receitas geradas pelo turismo no processo de preservação/conservação, o que constitui um inegável passo em frente para a gestão da cidade histórica.”²⁹¹

²⁸⁸ A título de exemplo, apresenta-se a Festa dos Tabuleiros em Tomar, onde a tradição agrega em si o folclore e os usos e costumes.

²⁸⁹ HENRIQUES, Cláudia, *Turismo, Cidade e Cultura. Planeamento e Gestão Sustentável*. Lisboa: Edições Sílabo, 2003, p.48.

²⁹⁰ *Idem*, pp.48-49.

²⁹¹ *Idem*, p.49.

De acordo com a OMT, o turismo cultural é constituído pelos movimentos de pessoas que obedecem a motivações essencialmente culturais e não deve restringir-se apenas, por exemplo, ao aproveitamento do património cultural construído, mas sim na concepção e organização de produtos nesta área, tais como a gastronomia, o folclore, os usos e costumes populares, o artesanato e os festivais.

No âmbito da investigação relativa ao turismo cultural conduzida pela Association for Tourism and Leisure Education (ATLAS), Richards aponta uma definição conceptual, na qual considera o turismo cultural como “o movimento de pessoas para atracções culturais fora do seu local normal de residência, com a intenção de compilar novas informações e experiências para satisfazer as suas necessidades culturais”; e uma definição técnica, na qual refere o turismo cultural como “o movimento de pessoas para atracções culturais específicas, tais como lugares de património, manifestações culturais e artísticas, de arte e drama para fora do seu local normal de residência.”²⁹²

Nesse sentido, o turismo cultural congrega em si todo o património: histórico, cultural e artístico, apresentando um forte recurso e produto turísticos.

Um impulso importante para o turismo cultural prende-se com a criação do conceito de “Capital da Cultura”²⁹³, cujos principais objectivos são tornar a cultura das cidades mais acessível e valorizar o quadro da cultura europeia. Paralelamente, a Capital Europeia da Cultura, além da publicidade recebida, é alvo de uma importante projecção nacional e internacional, bem como de renovação a vários níveis.

Paralelamente à Capital Europeia da Cultura, há que referir que “os locais considerados pela UNESCO como de interesse cultural e natural (788), que incluem os classificados como Património Mundial, são factores de atracção do Turismo Cultural (inclusivamente, os definidos como em risco são os locais objecto de maior procura).”²⁹⁴

Quanto aos “consumidores” do turismo cultural, Licínio Cunha considera ser possível estabelecer uma distinção entre quatro grupos de turistas com base na importância dos valores culturais na tomada de decisões de viagens:

²⁹² HENRIQUES, Cláudia, *Turismo, Cidade e Cultura. Planeamento e Gestão Sustentável*. Lisboa: Edições Sílabo, 2003, p.50. (ambas as transcrições do parágrafo)

²⁹³ Esta ideia pertence a Mercouri que, em 1983, propôs que se designasse anualmente uma “Capital da Cultura”. A Comunidade Europeia adoptou a ideia, em 1985, designando Atenas como a primeira Capital Europeia da Cultura. Portugal, em 2012, apresenta Guimarães como Capital Europeia da Cultura.

²⁹⁴ SAER (Sociedade de Avaliação de Empresas e Risco), *Reinventando o Turismo em Portugal. Estratégia de Desenvolvimento Turístico Português no I Quartel do Século XXI*. Lisboa: Confederação do Turismo Português, 2005, p.634.

- “1. Culturalmente motivados: turistas para quem a cultura é a motivação determinante da viagem;
2. Culturalmente inspirados: turistas cuja viagem é inspirada por razões culturais, mas é decidida também em função de outros factores;
3. Culturalmente influenciados: turistas para quem a cultura é acessória no momento da decisão da viagem exercendo, contudo, um papel significativo na organização da viagem;
4. Culturalmente neutros: turistas que viajam por razões alheias à cultura.”²⁹⁵

De facto, a cultura assume um papel primordial no sector do turismo. Além de contribuir para o desenvolvimento económico da região e do país, o turismo cultural permite a protecção e valorização do património cultural, bem como a promoção de produtos turísticos relacionados com a cultura.

2.2. Turismo Religioso

Ainda que o turismo religioso tenha subjacente a ideia de uma viagem com sentido turístico, os seus motivos são de carácter religioso, devocional e espiritual. De facto, esta tendência está a crescer, no entanto, é preciso ter em atenção a fronteira entre turismo religioso e turismo cultural, uma vez que a maior parte do património histórico-cultural é de origem ou cariz religioso, confundindo-se, por vezes, a tipologia dos próprios visitantes.

Maria Olinda Marques defende que “O turismo religioso é difícil de separar do turismo cultural, já que não é fácil distinguir aqueles turistas, cujo motivo da visita é a curiosidade pela cultura ou a fé, ou se os dois motivos.”²⁹⁶

Segundo Licínio Cunha, “as peregrinações e os centros religiosos são as formas mais antigas de turismo tendo, desde sempre, originado viagens em todas as épocas e em todas as partes do mundo. A religião, motor espiritual de todas as civilizações, teve sempre os seus centros de peregrinação: o templo de Amon no Egipto, Delfos e Olímpia na Grécia, Benares na Índia, Meca na Arábia Saudita, Lourdes em França, Santiago de Compostela em Espanha,

²⁹⁵ CUNHA, Licínio, *Perspectivas e Tendências do Turismo*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2003, p.229.

²⁹⁶ MARQUES, Maria Olinda, *Turismo e Marketing Turístico*. Mem Martins: Cetop, 2005, p.48.

Roma em Itália, ou Fátima em Portugal, são exemplos do passado e de hoje que originam a movimentação de milhões de pessoas em cada ano.”²⁹⁷

Frequentemente, o turismo religioso e a peregrinação são confundidos, distinguindo-se pelas suas motivações e finalidades, muito distintas, embora os processos sejam próximos ou idênticos, processos tais como as viagens, os alojamentos, os guias, entre outros.

No entanto, “alguns recusam a designação «turismo» para as peregrinações e não aceitam designar o peregrino por turista mas trata-se de um preconceito sem sentido. Aliás, o próprio Papa João Paulo II considerou o «turismo como um meio para implementar certos valores religiosos», dando como exemplo as peregrinações.”²⁹⁸

O turismo religioso engloba não só as grandes manifestações religiosas e as peregrinações, mas também as festas e as romarias. De facto, as grandes manifestações religiosas e as peregrinações permitem a estruturação de correntes turísticas, abrangendo, além do local de peregrinação, os circuitos de locais sagrados ligados à peregrinação desenvolvida; por outro lado, as festas e romarias permitem uma atracção pontual.

Em todo o caso, “Para algumas regiões, o turismo religioso pode ser uma base para o seu desenvolvimento turístico e, conseqüentemente, económico. Para elas as atracções mais importantes e que lhes concedem uma assinalável vocação turística são constituídas pelo património e pelas manifestações religiosas.”²⁹⁹

Em 1960, na Conferência Mundial de Roma, o turismo religioso é definido como “uma atividade que movimenta peregrinos em viagens pelos mistérios da fé ou da devoção a algum santo. Na prática, são viagens organizadas para locais sagrados, congressos e seminários ligados à evangelização, festas religiosas que são celebradas periodicamente, espetáculos e representações teatrais de cunho religioso.”³⁰⁰

O turismo religioso pode ser entendido em três vertentes: espiritual, cultural e intermédia. Na vertente espiritual, associada às peregrinações, “(...) a motivação principal da deslocação/estadia é a fé e os lugares directamente relacionados, chamados santuários («lugar por excelência da proximidade de Deus»).” Na vertente cultural, denominada de “«Turismo em lugares religiosos e Turismo de objectos religiosos» (...) a principal razão das visitas «não

²⁹⁷ CUNHA, Licínio, *Economia e Política do Turismo*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006, p.234.

²⁹⁸ *Idem*.

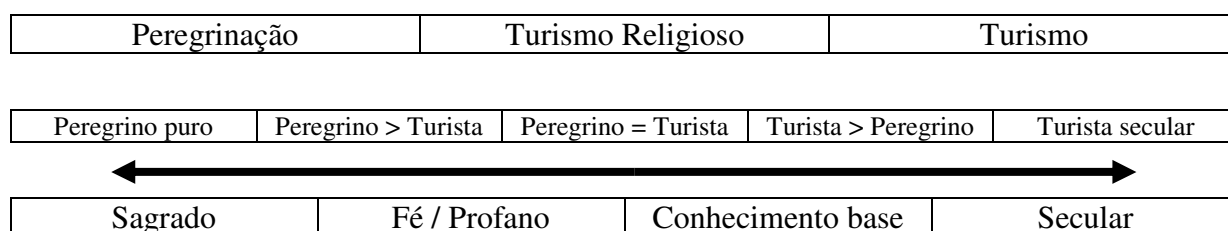
²⁹⁹ *Idem*, p.235.

³⁰⁰ SILVEIRA, Emerson J. Sena da, “Turismo Religioso Popular? Entre a ambiguidade conceitual e as oportunidades de mercado” in *Revista de Antropologia Experimental* (nº. 4), 2004, p.4. (<http://www.geografia.ufr.br>)

é conhecer o objecto religioso como tal, mas como um produto da cultura humana», *i.e.*, é uma abordagem sociológica de «acesso à cultura emanada das grandes religiões». Na vertente intermédia, “a componente religiosa é menor e em que a peregrinação é sobretudo pretexto para fazer turismo, *i.e.*, visitar lugares e monumentos que de outra forma não se visitariam; nesta categoria o Turismo Religioso pode-se definir como «um complemento do cultural e do espiritual que dá lugar a uma interacção valorizante para o homem».”³⁰¹

De facto, o turismo religioso, além dos motivos religiosos e espirituais, impele os turistas a deslocarem-se igualmente por motivos de cultura, considerando o património existente em torno do “sagrado”, no qual o património religioso assume um importante recurso turístico de uma região ou país, que, além do seu valor histórico e artístico, tem uma forte componente religiosa ou espiritual.

Segundo Katharina Maak³⁰², o turismo religioso pode situar-se entre a peregrinação e o turismo, uma vez que agrega elementos religiosos, turísticos e económicos, apresentando assim as tipologias de turistas/peregrinos.³⁰³



No turismo religioso, é possível identificar as diversas tipologias dos turistas/peregrinos: peregrino³⁰⁴, situando-se completamente fora do turismo, adoptando uma vivência religiosa e espiritual; praticante tradicionalista, que viaja em grupo, normalmente com guia ou assistente espiritual; praticante liberal, que tem como objectivo estimular a sua

³⁰¹ SAER (Sociedade de Avaliação de Empresas e Risco), *Reinventando o Turismo em Portugal. Estratégia de Desenvolvimento Turístico Português no I Quartel do Século XXI*. Lisboa: Confederação do Turismo Português, 2005, p.645. (as três transcrições do parágrafo)

³⁰² MAAK, Katharina, “El Camino de Santiago como posible motor turístico en zonas rurales de escasos recursos: el caso de Brandeburgo” in *Cuadernos de Turismo* (nº. 23). Murcia: Universidad de Murcia, 2009, p.155.

³⁰³ Esquema adaptado, tendo por base o consultado na referência bibliográfica anterior (Katharina Maak).

³⁰⁴ Ainda se pode apontar uma “subtipologia” do peregrino: peregrino-piedoso (que sai de casa com motivação religiosa), peregrino-devoto (que vai em peregrinação e devoção todo o caminho), peregrino-turista (que parte com intenção religiosa e turística em simultâneo), turista-peregrino (que se deixa envolver pelo sagrado do lugar visitado) e turista-secular (que visita lugares sagrados).

espiritualidade, lembrando os mistérios da salvação e a procura da santidade; apreciador de arte e cultura, que encara a sua experiência apenas do ponto de vista das ciências sociais.

Em suma, o turismo religioso é uma tipologia muito especial, uma vez que os locais ou caminhos são repletos de carga espiritual, além de aglutinar uma componente importante na vida humana. “A especificidade deste tipo de Turismo, sobretudo nas acepções mais espirituais e menos culturais reflecte-se na forma como as pessoas viajam e nas exigências destes turistas. (...) A forte componente emocional associada ao Turismo Religioso evidencia-se na sensibilidade deste tipo de turista e obriga os agentes que actuam neste segmento a políticas comerciais e de *marketing* específicas.”³⁰⁵

3. Potencialidades Turísticas

Retomando a dicotomia turismo/peregrinação e enquadrando-a nos conceitos de turismo religioso e de turismo cultural, o Caminho de Santiago (independentemente da rota escolhida) assume um papel muito importante enquanto impulsionador de turismo.

Além do património histórico que envolve o Caminho de Santiago, conta igualmente com o título e as acções que lhe estão adjacentes enquanto Primeiro Itinerário Cultural da Europa, declarado em 1987 pelo Conselho da Europa, atribuindo “uma forte carga simbólica de união, fazendo votos para «que a fé que animou os peregrinos ao longo de toda a história e que os reuniu em torno de uma aspiração comum, para além das diferenças e dos interesses nacionais», inspirasse também a Europa moderna «e muito particularmente os jovens a percorrer esses caminhos na construção de uma sociedade estabelecida nas bases da tolerância, do respeito pelo outro, da liberdade e da solidariedade»”.³⁰⁶

De acordo com Vera Rebollo, a partir do momento da declaração do Conselho da Europa, na qual o Caminho de Santiago se torna no Primeiro Itinerário Cultural, está subjacente o impulso para uma nova fórmula turística, entendendo o Caminho de Santiago

³⁰⁵ SAER (Sociedade de Avaliação de Empresas e Risco), *Reinventando o Turismo em Portugal. Estratégia de Desenvolvimento Turístico Português no I Quartel do Século XXI*. Lisboa: Confederação do Turismo Português, 2005, pp.648-649.

³⁰⁶ PINHEIRO, Ana Elias, “Itinerários Culturais: viajando pela História” in *Mathésis* (16). Viseu: Universidade Católica Portuguesa, 2007, p.221.

como um verdadeiro produto, definindo para tal uma estratégia integrada e uma comunicação de imagem diferente.³⁰⁷

Posteriormente, em 1993, a UNESCO³⁰⁸ declara o Caminho de Santiago Património da Humanidade, dando-lhe assim mais projecção.

Importa referir que, para a constituição de um verdadeiro itinerário cultural com interesse turístico, são necessárias as seguintes componentes: tema; suporte de rede viária ou outra via de comunicação; regulamento; local de apoio; sinalização; e mapa com conteúdo explicativo.³⁰⁹ No caso do Caminho de Santiago, estas condicionantes encontram-se devidamente cumpridas.

Enquanto itinerário cultural, o Caminho de Santiago não se cinge apenas à vertente cultural, explorando igualmente outras vertentes, entre as quais, a social e a económica. De facto, ao promover o Caminho, é dado a conhecer o património cultural existente, além de permitir a sua valorização e preservação, contando igualmente as populações com um acréscimo em termos económicos, dada a passagem de peregrinos de Santiago.

De facto, em pleno século XXI, denota-se um crescente fluxo de peregrinos, que influencia o percurso de todo o Caminho, independentemente do itinerário escolhido (considerando as diferentes rotas do Caminho).

O Caminho de Santiago agrega milhares de peregrinos que se deslocam a Santiago de Compostela não só com o sentido espiritual e religioso, mas também com outros sentidos e motivos, até porque é um fenómeno mundial, unindo pessoas de diferentes culturas e eliminando fronteiras religiosas.

Na verdade, o Caminho de Santiago é uma importante atracção turística, contribuindo para tal a política turística para a promoção do Caminho de Santiago e da cidade de Santiago de Compostela, implementada em 1993, aquando do Xacobeo, tal como refere Santos Solla: “El camino de Santiago se convirtió en el producto estrella. Se mejoran notablemente las distintas rutas, se abren albergues, se inauguran casas de turismo rural cerca de las vías más transitadas, se construyen hoteles y, sobre todo, se acompaña de una fuerte campaña promocional. A todo esto se le unen fuertes inversiones en la ciudad de Santiago para renovar

³⁰⁷ VERA REBOLLO, J. Fernando, “El Camino de Santiago en el contexto de las nuevas motivaciones de la demanda turística” in *Congreso Internacional de Geografía. Los Caminos de Santiago y el territorio*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, Consellería de Relaciones Institucionais e Portavoz do Goberno, 1993, p.714.

³⁰⁸ Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

³⁰⁹ PINHEIRO, Ana Elias, “Itinerários Culturais: viajando pela História” in *Mathésis* (16). Viseu: Universidade Católica Portuguesa, 2007, p.222.

la oferta alojativa y complementaria así como para mejorar la accesibilidad. Al tiempo se crea un entramado institucional en torno al turismo y al xacobeo entre los que figuran Turgalicia, la S.A. para la Gestión del Xacobeo o el Consorcio de la ciudad de Santiago, pasando el departamento autonómico de turismo a depender directamente de la presidencia de la Xunta. Por tanto se puede decir que en 1993 se inaugura una nueva etapa en el turismo de Galicia que tiene como eje principal el fenómeno jacobeo.”³¹⁰

É nessa mesma altura que o Caminho de Santiago é declarado Património da Humanidade, afirmando-se assim como um dos principais destinos turísticos espanhóis, despertando o interesse a nível mundial, considerando a já notável promoção anterior.

De acordo com Campesino Fernández, o “ (...) Camino de Santiago como eje cultural europeo y su inserción en los circuitos de agencias de viajes internacionales auguran un relanzamiento de las peregrinaciones jacobeanas a finales del segundo milenio, bajo las motivaciones de siempre, pero con nuevos medios de transporte y modalidades diversas según usuarios y exigencias al hijo de los tiempos.”³¹¹

Nesse sentido, o “produto” Caminho de Santiago é algo singular e com especificidades muito particulares, dadas as suas distintas dimensões (espiritual, cultural, desportiva, ecológica, entre outras), chegando assim a públicos distintos. “El Camino puede ser así fórmula de turismo alternativo para demandas cualificadas y todavía emergentes, entre las que priman motivaciones auténticas de tipo cultural, artístico, religioso o tipológico-tradicional. A la vez el Camino encaja en las preferencias del turismo joven, donde se valora la actividad deportiva y el contacto con la naturaleza. A todo ello cabe añadir una demanda más masiva orientada puntualmente a Compostela. Y, desde luego, la valoración de un significado espiritual que desde hace más de un milenio justifica la existencia misma de este verdadero Itinerario Europeo.”³¹²

³¹⁰ SANTOS SOLLA, Xosé Manuel, “El Camino de Santiago: turistas y peregrinos hacia Compostela” in *Cuadernos de Turismo* (nº. 18). Murcia: Universidad de Murcia, 2009, p.139.

³¹¹ CAMPESINO FERNÁNDEZ, Antonio José, “Los Caminos de Santiago: ciudades y recursos turísticos” in *Congreso Internacional de Geografía. Los Caminos de Santiago y el territorio*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, Consellería de Relaciones Institucionais e Portavoz do Goberno, 1993, p.694.

³¹² VERA REBOLLO, J. Fernando, “El Camino de Santiago en el contexto de las nuevas motivaciones de la demanda turística” in *Congreso Internacional de Geografía. Los Caminos de Santiago y el territorio*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, Consellería de Relaciones Institucionais e Portavoz do Goberno, 1993, p.723.

CAPÍTULO II

Caminhos Portugueses de Santiago

1. Os Caminhos Portugueses de Santiago ao longo dos séculos

São inúmeros os caminhos que ligam Portugal a Santiago de Compostela, muitos deles ainda anteriores ao descobrimento do sepulcro do Apóstolo, uma vez que correspondem à rede viária romana pré-existente, da qual se destacava a via que ligava Bracara Augusta (Braga) a Olisipo (Lisboa), além de outras vias estruturantes que ligavam Bracara a Lucus Augusti (Lugo), a Asturica Augusta (Astorga), a Emerita Augusta (Mérida), a Aeminium (Coimbra) e a Veseo (Viseu); e que ligavam Olisipo a Emerita e a Myrtilis (Mértola).

Os estudos relativos à rede de vias de comunicação no período medieval são ainda escassos. De acordo com Oliveira Marques, “essas vias assentavam sobre uma tríplice infraestrutura de meios de comunicação que se interpenetravam e completavam: terrestres, fluviais e marítimas. As vias terrestres continuavam a ter por base as redes traçadas por romanos e muçulmanos.”³¹³ O desenvolvimento da rede de caminhos não era uniforme no território nacional, sendo naturalmente mais desenvolvida nas regiões de maior densidade populacional: Lisboa, Santarém, Coimbra, Entre Douro e Minho.

De facto, a Idade Média conservou muito do traçado das vias romanas, tendo algumas sido objecto de adaptações e rectificações, como é o caso das que atravessavam importantes cidades, tais como Lisboa, Braga, Viseu, Lamego, Chaves, Coimbra, entre outras; além de outras vias que, mercê das condicionantes políticas e económicas, acabaram por ser abandonadas.

Ao longo dos séculos, as estradas principais foram sendo alvo de pequenas alterações e ajustes, até que, em finais do século XVIII, foi lançado o desafio de modernização de toda a rede viária nacional.

Na vasta rede de caminhos, existiam localidades fulcrais onde convergiam importantes eixos viários, tais como Évora, Lisboa, Coimbra, Porto, Viseu, Braga, entre outras, sendo a

³¹³ Oliveira Marques citado por GIL, Carlos; RODRIGUES, João, *Por Caminhos de Santiago. Itinerários Portugueses para Compostela*. 3ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p.14.

saída para a Galiza frequentemente feita por Valença do Minho (Tui), Chaves (Verín) e Portela do Homem (Serra do Gerês). (mapa 14)

Desde o século XIII, é possível identificar os principais itinerários de peregrinação a Santiago de Compostela:

“- o primeiro ia de Lisboa a Coimbra, por Alcobaça ou com desvio por Santarém, seguindo depois para o Porto de onde derivava para Braga-Ponte de Lima-Valença-Tui ou pela Ponte do Ave-Rates-Barcelos-Ponte de Lima-Valença-Tui;

- o segundo ligava as Beiras (Viseu e Lamego) a Braga, desdobrando-se também após a travessia do Douro, quer em direcção ao Minho, quer por Chaves e Orense;

- o terceiro, referente apenas à província de Trás-os-Montes, levava os peregrinos a Chaves, com o mesmo desvio para Orense, ou a prosseguir pelas agrestes paragens da Serra do Bouro até à sede Metropolitana de Portugal.”³¹⁴

As informações documentais e os relatos das peregrinações a Compostela por caminhos portugueses são escassos, sendo o mais completo “(...) o do padre Confalonieri que, em finais do século XVI, foi de Lisboa a Compostela acompanhando monsenhor Fabio Biondo da Montalto, patriarca de Jerusalém e representante papal no nosso país. Mas já muito antes, no século XII, o geógrafo árabe Edrisi, autor de uma extraordinária obra intitulada *Recreio do que anseia percorrer os horizontes do mundo*, descrevera dois itinerários portugueses para Compostela: Coimbra-Compostela por mar e Coimbra-Compostela por terra. Edrisi conhecia possivelmente Lisboa, que também descreveu, mas aqueles percursos devem ter-lhe sido narrados por vários viajantes, entre eles um marinheiro galego-português e um muçulmano da região de Coimbra. Dos relatos conhecidos de peregrinações de importantes personagens portuguesas a Compostela não podemos retirar grandes informações sobre o trajeto.”³¹⁵

No que concerne à cartografia dos caminhos portugueses, encontra-se traçada desde o século XVI, “(...) baseada no relato documental fornecido por Juan Bautista Confalonieri (1594), que apesar de não corresponder integralmente à peregrinação feita a pé de Lisboa a Compostela, e sim a marcos considerados emblemáticos no caminho português, ainda assim não deixa de ser preciosa fonte de informações. Além dessa, há as fontes anteriores dos

³¹⁴ CORREIA, João Rosado, “Monsaraz nos Caminhos de Santiago?” in *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*. Lisboa: Távola Redonda, 1992, p.240.

³¹⁵ GIL, Carlos; RODRIGUES, João, *Por Caminhos de Santiago. Itinerários Portugueses para Compostela*. 3ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p.15.

relatos de peregrinos nacionais e estrangeiros que serviram de base a obras de informação histórica de absoluta credibilidade, tais como: *Transportes e Comunicações em Portugal*, de Artur Teodoro de Matos, *A rede viária romana na faixa atlântica entre Lisboa e Braga*, por Vasco Gil Mantas, *As Grandes Vias da Lusitânia*, por Mário de Saa.”³¹⁶

Segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida, “(...) os caminhos situados ao norte do Douro foram largamente percorridos. Sobretudo duas vias que arrancavam da cidade do Porto. Uma delas dirigia-se a Braga, tomando a partir daí a direcção de Ponte de Lima, Valença e Tui. Outra das vias possíveis que partia do burgo portuense tomava o sentido de Ponte do Ave, daqui a Rates, Barcelos, Ponte de Lima, Valença e Tui. Ainda uma terceira variante aparece admitida pelo citado historiador e que consistia na ida do Porto a Guimarães e a partir desta vila medieval inflectia em direcção a Braga.”³¹⁷ (mapa 15)

Assim sendo, considerando o território nacional e tendo como ponto de partida a região do Algarve, eram possíveis dois itinerários: o primeiro ao longo da costa ocidental, tendo como meta Odemira e Santiago do Cacém; e o segundo, mais pelo interior, contornando o Rio Guadiana, chegando até Mértola, tendo como meta Beja e Évora; a estes dois itinerários, uniam-se outros que partiam da zona central do Algarve. Paralelamente à opção terrestre, “Os peregrinos que desde o Algarve demandavam Santiago de Compostela optavam usualmente pela via marítima, que os conduzia directamente à Galiza ou a alguma localidade portuária no Norte de Portugal, com destaque para Aveiro, para o Porto ou para Viana da Foz do Lima.”³¹⁸

Em território alentejano, a cidade de Évora assume-se como ponto fulcral, uma vez que ali convergiam os eixos viários vindos do sul português e do leste espanhol (região da Andaluzia) e dali partiam as vias para Coimbra (por Tomar), para Lisboa (por Montemor-o-Novo) e para o interior (por Estremoz e Vila Velha de Ródão).

À cidade de Lisboa confluíam as estradas vindas do sul e daqui partiam para o Porto, tomando a via mais interior (por Santarém) ou mais atlântica (por Sintra), ainda que esta última se fosse unir à primeira em Coimbra.

³¹⁶ ADRIÃO, Vitor Manuel, *Santiago de Compostela – Mistérios da Rota Portuguesa*. Lisboa: Livros Dinapress, 2011, p.271.

³¹⁷ MORENO, Humberto Baquero, “Vias Portuguesas de Peregrinação a Santiago de Compostela na Idade Média” in *Revista da Faculdade de Letras. História*. II Série, Vol. III, Porto, 1986, p.79.

³¹⁸ ADRIÃO, Vitor Manuel, *Santiago de Compostela – Mistérios da Rota Portuguesa*. Lisboa: Livros Dinapress, 2011, pp.230-232.

A partir de Coimbra, seguia-se pelo litoral para chegar ao Porto (por Albergaria) ou pelo interior para chegar a Viseu (por Santa Comba Dão).

De Viseu, seguia-se a estrada para Lamego e Chaves, ainda que em Peso da Régua se pudesse optar pela alternativa de seguir a estrada de Guimarães, em direcção a Braga.

Seguindo a estrada de Vila Velha de Ródão, optava-se pelo interior do país, atravessando os territórios de Castelo Branco, Covilhã e Belmonte, e chegando à cidade da Guarda, onde se abriam três caminhos: o de Pinhel (tendo por meta Barca de Alva), o de Marialva (tendo por meta o Vale da Vilarica) e o de Trancoso (tendo por meta Lamego).

Ao Porto chegavam estradas de todo o país e partiam estradas por todo o Minho, sendo as mais percorridas pelos peregrinos de Santiago de Compostela as que seguiam em direcção a Viana do Castelo (mais litoral) ou a Ponte de Lima (mais interior), entrando ambas na Galiza, por Tui.

Braga, como centro episcopal, sempre foi um ponto de referência nas peregrinações, podendo partir daí a estrada que seguia até à Portela do Homem, entrando em território galego, ou seguir até Ponte de Lima e ingressar o Caminho oriundo do Porto, entrando em Espanha por Tui.

Por Trás-os-Montes, as entradas em território galego eram feitas por Miranda do Douro, Bragança e Chaves, unindo-se ao Caminho do Sudeste ou Via da Prata, que seguia para Santiago de Compostela.

De facto, eram inúmeras as vias portuguesas de peregrinação a Santiago de Compostela, evidenciando a importância que este santuário e o apóstolo representavam no quadro da religiosidade e das devoções dos portugueses. Alguns desses caminhos continuam a ser vias de peregrinação e possuem as estruturas necessárias para essa funcionalidade, enquanto outras foram abandonadas e estão actualmente a ser objecto de investigações, estudos e projectos de reabilitação e de valorização.

1.1. Os Caminhos Portugueses marcados

Apesar de existirem inúmeros caminhos em direcção a Santiago de Compostela, apenas alguns se encontram devidamente marcados (com a simbólica seta amarela e as indicações próprias) e com publicações e materiais específicos.

Actualmente, o Caminho Português tem início em vários pontos do país, sendo que, na actualidade, o mais percorrido o que sai do Porto e entra em território galego pela cidade fronteiriça de Tui. Na verdade, “(...) entre todos assume particular relevo a estrada real Porto – Barcelos – Valença, onde confluem quase todos os demais, reforçando este percurso como a espinha dorsal dos caminhos portugueses de Santiago. Verificamos, assim, que há uma continuidade na utilização deste itinerário, que era escolhido pela maior parte dos peregrinos que demandaram Santiago, pelo menos a partir do início do séc. XIV, o que bem se demonstra pelos inúmeros relatos que se conservam nos arquivos compostelanos e nas referências conhecidas aos seus caminheiros mais ilustres – a Rainha Santa Isabel, Leão de Rotzmithal, Jerónimo Münzer, el-Rei D. Manuel, Confalonieri, Albani, e provavelmente também S. Francisco de Assis, o Beato Francisco Pacheco e tantos outros egrégios peregrinos que a memória não registou.”³¹⁹

De facto, o percurso mais afamado e popular é o que liga Porto a Tui, atravessando as localidades de Vilarinho (Vila do Conde), S. Pedro de Rates, Barcelos, Ponte de Lima, Rubiães, Valença do Minho e Tui; a partir de Tui, entra-se em território galego, atravessando as localidades de O Porriño, Redondela, Pontevedra, Caldas de Reis, Padrón, Iria Flavia, Milladoiro até chegar a Santiago de Compostela, entrando na Porta Faxeira (entrada tradicional do Caminho Português no casco histórico de Santiago), tendo sido o primeiro itinerário a ser estudado e sinalizado, na década de 1990, graças ao trabalho voluntarioso das Associações dos Amigos do Caminho de Santiago, nomeadamente a de Valença do Minho (a primeira associação nascida em Portugal), a de Ponte de Lima (que contribuiu na investigação do Caminho Português de Santiago) e a Asociación Galega Amigos do Camiño de Santiago³²⁰.

Outros Caminhos têm a cidade do Porto como ponto de partida, nomeadamente, o “Caminho do Noroeste ou Caminho da Costa” que atravessa as localidades de Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Esposende, Viana do Castelo, Vila Praia de Âncora, Caminha, Vila Nova de Cerveira e Valença; o denominado “Caminho do Norte” que atravessa as localidades de Vila do Conde, Barcelos, Deão, Vilar de Mouros, Vila Nova de Cerveira e Valença; e o “Caminho da Geira Romana” que atravessa as localidades de Braga, Caldelas, Covide, Portela

³¹⁹ LIMA, João Gomes de Abreu de, *Caminho Português Porto – Santiago*. Ponte de Lima: Associação dos Amigos do Caminho Português de Santiago, 2004, p.4.

³²⁰ SUÁREZ TRIGO, Ramón (coord), *Caminho Central Português. Lisboa – Santiago*. Vigo: Asociación Galega Amigos do Camiño de Santiago, 2008, pp.4-5.

do Homem, entrando aqui em território espanhol e atravessando as localidades de Ourense, Silleda até Santiago de Compostela, existindo duas opções de trajecto a partir de Portela do Homem: a primeira segue por Lobios, Bande e Celanova, a segunda segue por Ameixoeira, Castro Laboreiro, Portelinha, Melgaço, A Cañiza, Ribadavia, unindo-se em Ourense e seguindo para Lalin e Silleda, até Santiago de Compostela.³²¹

Em 2006, ficou totalmente sinalizado o chamado “Caminho Central Português”, que liga Lisboa a Santiago de Compostela, atravessando as localidades de Alhandra, Azambuja, Santarém, Golegã, Tomar, Alvaizere, Rabaçal, Coimbra, Mealhada, Águeda, Albergaria-a-Velha, Oliveira de Azeméis, Grijó, Porto, Vilarinho (Vila do Conde), S. Pedro de Rates, Barcelos, Ponte de Lima, Rubiães, Valença do Minho, Tui, O Porriño, Redondela, Pontevedra, Caldas de Reis, Padrón, Milladoiro até chegar a Santiago de Compostela. Este trabalho foi possível graças ao empenho de Alexandre Rato, um Peregrino de Santiago, e ao apoio das associações jacobitas: AACCS – Norte de Portugal, AGACS – Asociación Galega Amigos do Camiño de Santiago e AVACS – Associação de Valença dos Amigos do Caminho de Santiago,³²² constituídas por inúmeros Peregrinos que, voluntariamente, se disponibilizaram para este trabalho.

2. O Caminho Português Interior de Santiago

Tradicionalmente, aponta-se como Caminho Português Interior de Santiago (ainda que existam outras denominações) o que liga Viseu a Chaves, considerando a importância que Viseu e Lamego detinham na região entre o Douro e o Mondego. (mapa 16)

Segundo Francisco Rodriguez Iglesias, existem algumas notícias de antigas peregrinações nesta região; de facto, “No século X o muçulmano Al-Istrajri viajou entre Santarém e o Porto, com trânsito por Lamego. No século XII, um outro viajante árabe, de seu nome Edrisi, partiu de Coimbra e dirigiu-se a Braga, passando por Avô e São Miguel de Outeiro, seguindo dali para Vila Boa (Marco de Canaveses), já do outro lado do rio Douro. Em qualquer dos casos os dois viajantes passaram por Coimbra e foram até Viseu. Que caminho seguiram? Possivelmente um que passava em Lervão ou nas imediações e ia a

³²¹ SAMPAIO, Francisco, *Caminhos de Santiago*. Viana do Castelo: Região de Turismo do Alto Minho, 2001.

³²² SUÁREZ TRIGO, Ramón (coord), *Caminho Central Português. Lisboa – Santiago*. Vigo: Asociación Galega Amigos do Camiño de Santiago, 2008, p.9.

Penacova, Santa Comba Dão, Tondela, São Miguel de Outeiro – onde se sabe que Edrisi esteve, Vil de Moinhos e Viseu, de onde partiam caminhos para norte e para outros destinos.”³²³

Com efeito, a Viseu chegavam importantes vias, como a antiga via romana que ligava Coimbra (Aeminium) a Viseu e onde passava a estrutural via entre Mérida (Emerita Augusta) e Braga (Bracara Augusta). Parte da via Emerita Augusta-Bracara Augusta ainda hoje se conserva, denominando-se de estrada romana de Pousa Maria (topónimo), pertencente ao traçado³²⁴ do Caminho Português Interior de Santiago.

Partindo de Viseu, “(...) floreció el Camino Portugués Oriental o de Tras-os-Montes, una de las más importantes vías portuguesas de peregrinación a Compostela que, después de pasar por Lamego, Peso da Regua, Vila Real, Vila Pouca de Aguiar, Pedras Salgadas, Vidago y Chaves, entra en Galicia por Verín, para seguir hacia Orense y Santiago. A pesar de la excepcional dureza de este Camino (...) fue utilizado con gran intensidad en la Edad Media, por lo cual no sorprende la acrisolada devoción que se tiene al Apóstol en la zona; así lo testimonian iglesias, imágenes, tradiciones y la propia toponímia.”³²⁵

Chegando à cidade de Chaves, importante cidade romana e cidade fronteiriça, o Caminho segue para Verín, unindo-se à Via da Prata (que tem como ponto de partida a cidade de Sevilha) para seguir até Santiago de Compostela.

Presentemente, este Caminho está a ser objecto de um projecto de reabilitação e de valorização. Iniciado o projecto do “Caminho Português Interior de Santiago” em 2007, apesar de algumas interrupções durante um longo período de tempo, os Municípios de Viseu, Castro Daire, Lamego, Peso da Régua, Santa Marta de Penaguião, Vila Real, Vila Pouca de Aguiar e Chaves, em 2010, retomaram o projecto em conjunto, tendo efectuado o levantamento da antiga via de peregrinação que ligava Viseu a Chaves, que, por sua vez, liga em Verín à Via da Prata.

Os Municípios envolvidos neste projecto já procederam à limpeza de todos os trilhos por onde passa o Caminho, encontrando-se, actualmente, na fase de sinalização e na

³²³ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Gran Obra de Los Caminos de Santiago: Iter Stellarum*. Vol. X: “Caminho português II: os caminhos do sul e do interior”. A Coruña: Hércules Ediciones, 2004-2007, p.340.

³²⁴ Este tema será abordado no capítulo III, subcapítulos 2 e 3.

³²⁵ LÓPEZ-CHAVES MELÉNDEZ, Juan M., *El Peregrino y el Escudo de Viseu*. Vigo: Asociación Amigos de los Pazos, 2006, p.37.

reabilitação de espaços para os futuros albergues de peregrinos, estando prevista a sua “abertura oficial” na primavera de 2012.

CAPÍTULO III

O Caminho de Santiago entre Viseu e Chaves – Proposta para uma Rota Iconográfica: “Peregrinar com a Iconografia de São Tiago”

1. Projecto e seus Objectivos

Encontrando-se subjacente à via de peregrinação do Caminho de Santiago entre Viseu e Chaves, a rota iconográfica acaba por se tornar um complemento à experiência da peregrinação do Caminho, além de constituir um recurso estratégico para oferta turística e cultural.

Na opinião de F. Micael Pereira, “Precisamos de elaborar simbolicamente todos os pontos significativos desse mesmo caminho, de tal modo que não só o objectivo não seja esquecido, como nos possamos recordar da necessidade ou do ideal que nos fez partir e para que tenhamos o cuidado e a ousadia necessária para vencer as dificuldades do caminho. Isto é, ao longo do caminho não nos basta que haja setas ou mapas que nos guiem; precisamos de referências que nos evoquem simbolicamente a atitude que devemos tomar e nos mantenham por dentro capazes de ir mais além sem perder de vista o que nos fez caminhar.”³²⁶

Com a promoção desta rota, pretende-se divulgar não só a via de peregrinação e os seus elementos iconográficos, mas também o património imóvel e cultural desta região interior.

2. O Traçado

Atravessando os territórios de Viseu, Castro Daire, Lamego, Peso da Régua, Santa Marta de Penaguião, Vila Real, Vila Pouca de Aguiar e Chaves, a rota iconográfica segue, maioritariamente, o traçado do chamado “Caminho Português Interior de Santiago”.

³²⁶ PEREIRA, Fernando Micael, “A peregrinação, fenómeno humano e religioso” in *Communio – Revista Internacional Católica* (Ano XIV, nº. 4 – Julho/Agosto). Lisboa: Reflexão Teológica / Mundividência Cristã, 1997, p.319.

São cerca de 160 kms, percorrendo cidades históricas e patrimoniais, além de atravessar parte da região do Douro, Património Mundial da Humanidade.³²⁷ (mapa 17)

3. Descrição do Percurso

Tomando como ponto de partida Viseu, descobre-se uma cidade cheia de História, Património e Cultura, “(...) é uma das povoações portuguesas com antiguidade romana mais que garantida. (...) Aos Romanos sucederam os Suevos e os Visigodos, que se instalaram naquela colina. Era povoação com força suficiente para ser Diocese, o que veio a acontecer ainda no século VI, pois em 669, um Bispo seu, de nome Remissol, participou no Concílio de Lugo. Uma lenda antiga diz que a capela de São Miguel de Fetal serviu de refúgio e depois de túmulo ao Rei Rodrigo, o último dos Visigodos a governar a Península Ibérica antes das invasões muçulmanas. Foi com dom Fernando Magno, em 1058, que Viseu voltou ao domínio cristão, após a razia que Almansor fez no território português que reconquistou. A Rainha Dona Teresa concedeu-lhe o seu primeiro foral em 1123 e há quem defenda que foi nesta cidade que nasceu seu filho, o Rei dom Afonso Henriques.”³²⁸

Enquanto centro episcopal, Viseu foi vincando a sua importância no panorama nacional, desenvolvendo-se em torno da Catedral, sendo conhecido igualmente pelo génio de Vasco Fernandes, pintor renascentista, que deu nome ao Museu de Grão Vasco, onde se encontram as suas principais obras (merecendo destaque os catorze painéis do retábulo da Catedral, as pinturas de S. Pedro, do Calvário, do Pentecostes e do Baptismo de Cristo) e da escola por ele dirigida (que inclui artistas como Gaspar Vaz, entre outros). Destacam-se ainda os monumentos mais emblemáticos de Viseu que se situam no período renascentista (Claustro da Catedral), manuelino (abóbadas no interior da Catedral), barroco e rococó (igreja dos Terceiros, igreja do Carmo, igreja da Misericórdia), entre outros.

De seguida, segue-se por Santiago, uma povoação localizada nos arredores da cidade, onde se encontra uma capela dedicada ao Apóstolo, seguindo o troço por Abraveses, Baltar (Moure de Madalena), Campo de Madalena até chegar a Pousa Maria, onde se localiza um dos melhores troços de estrada romana (pertencente à via que ligava Viseu a Braga e a

³²⁷ Título atribuído pela UNESCO a 14 de Dezembro de 2001.

³²⁸ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Gran Obra de Los Caminos de Santiago: Iter Stellarum*. Vol. X: “Caminho português II: os caminhos do sul e do interior”. A Coruña: Hércules Ediciones, 2004-2007, pp.350-352.

Astorga), onde os “Romeiros antigos de Santiago pisaram pedras deste caminho e o bordão de peregrino bateu compassado estes caminhos de paz onde às vezes saltava um bandido atraído por bolsa fácil. Aqui e além levantaram-se cruzeiros assinalando ou precavendo perigos nas encruzilhadas.”³²⁹

Desce-se até à localidade do Almargem, atravessando o rio Vouga, e depois o caminho faz-se, através de pinhais, até chegar a Cabrum, aldeia actualmente desabitada, onde se encontra erigida a capela de S. José, datada de 1735, construída pelos habitantes da aldeia, justificando-se este acto pela grande distância que os separava da igreja matriz (sita em Moledo) e pelo próprio isolamento em que a aldeia vivia.

Subindo a serra, chega-se a Vila Meã, onde a capela chegou a ser dedicada ao Apóstolo São Tiago, apesar de actualmente apresentar uma invocação mariana, concretamente Nossa Senhora da Saúde.

Seguindo até Moledo, localidade que chegou a pertencer ao senhorio de D. Egas Moniz, aio do Rei D. Afonso Henriques, a paisagem é marcada pela igreja de Santa Maria, datada do século XVIII, de estilo rococó, ainda que a sua construção remonte à época medieval, sem que existam actualmente vestígios da mesma.

Mões é a localidade que se segue, tendo sido sede de concelho, entre o século XVI (através de foral manuelino) e o século XIX (em 1855, é extinto o concelho e incorporado no concelho de Castro Daire), perpetuando essa memória através do seu pelourinho patente no centro da vila; além disso, destaca-se a igreja de São Pedro, construção do século XVIII, ainda que tenha sido restaurada, entre 1887 e 1924, fruto de um incêndio que deflagrou em 1856, tendo destruído a maior parte da igreja; bem como importantes casas senhoriais, datadas do século XVII e XVIII.

Depois da extinta sede de concelho, o caminho segue para Vila Boa, onde se encontram vestígios de sepulturas e lagaretas escavadas na rocha, remetendo-nos para a época medieval, além da notícia de uma inscrição romana dedicada aos deuses Manes. A sua capela, dedicada a S. Pelágio, foi alvo de obras de beneficiação em 1748, mandadas executar por Manuel José Xavier.

Seguindo até Vila Franca, atravessa-se os rios Paiva e Paivó, chegando a Fareja e a Fareijinhas para subir até Baltar. Esta pequena localidade de Baltar destaca-se pela singular capela de São Tiago, situada no cimo de um arruamento íngreme.

³²⁹ CORREIA, Alberto, “Os passos sobre as pedras” in *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago de Compostela. Itinerários Portugueses*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995, p.163.

Subindo às Portas do Montemuro, o caminho segue para Moura Morta (topónimo associado às lendas dos mouros; neste caso, talvez à existência de uma “(...) sepultura, a que o povo chama “Cama da Moira”, observável no sítio do Outeiro do Chamissal.”³³⁰ Nesta localidade, existe uma capela de São Tiago, ainda que se encontre abandonada e esteja actualmente despida no seu interior e com acesso interdito; além da igreja paroquial, dedicada a Nossa Senhora da Apresentação, datada do século XVIII.

Chegando ao Mezio, destaca-se a igreja paroquial, construída no século XVIII, e cujo interior se pode observar os magníficos caixotões do tecto com as representações de inúmeros santos, entre eles, São Tiago, São Roque e São Gonçalo, estes dois últimos associados à peregrinação jacobea e com particular devoção no norte do país.

Seguindo para Bigorne, passa-se a Ponte de Reconcós, e segue-se em direcção a Magueija, paróquia de São Tiago, uma das localidades mais antigas desta zona geográfica, remontando ao tempo dos romanos, suevos e visigodos. Na época da reconquista cristã, foi construída uma ermida dedicada a São Tiago, tendo sido posteriormente remodelada e ampliada, em 1768, a pedido dos fiéis que suportaram os gastos, sendo actualmente a igreja paroquial.

O caminho prossegue por Magueijinha, Matança e Matancinha, onde a arquitectura singular da igreja de Santa Cruz³³¹, cuja primeira pedra foi lançada a 14 de Setembro de 1917, se destaca na paisagem rural. Depois, segue-se por Bairral, Purgaçal e Penude, até entrar na mata do Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, em Lamego.

Lamego é uma das povoações mais antigas no território nacional, tendo sido uma das primeiras a ser elevada a sede episcopal, documentada pela presença de um Bispo, no Concílio de Braga, em 572. Resgatada aos mouros, em 1057, por Fernando Magno, é criada a diocese de Lamego em 1071. A cidade de Lamego é um bom exemplo dos estilos artísticos, podendo encontrar-se exemplares bastante bem conservados: do românico, o Castelo (torre de menagem) e a igreja de Santa Maria de Almacave (sendo apontada como o local onde se terão reunido as primeiras cortes de Portugal, em 1143); do gótico, a Catedral (ainda que a sua

³³⁰ GARCIA TERRÓN, Ángeles; PORTUGAL, José (coord.), *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago de Compostela. Itinerários Portugueses*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995, p.168.

³³¹ À construção desta Igreja, encontra-se ligado o “Cisma de Penude”, protagonizado pelo Padre Justino entre cerca de 1917 e 1935, que impôs uma contínua mortificação corporal, apresentando-se como modelo a seguir; de facto, muito foram os seus seguidores que acabaram por criar uma verdadeira seita, chegando a “ultrapassar” o Padre Justino. A autoridade eclesiástica acaba por ditar a interdição da Igreja e excomunga o Padre Justino, acabando o movimento por esmorecer aquando da sua morte. GARCIA TERRÓN, Ángeles; PORTUGAL, José (coord.), *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago de Compostela. Itinerários Portugueses*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995, pp.174-175.

origem seja românica, merecem destaque a sua fachada e o seu interior, este último com pinturas da autoria de Nicolau Nasoni); e do barroco (interior da Catedral; Museu de Lamego³³²; Santuário de Nossa dos Remédios, ainda que pertença ao estilo *rocaille*); entre outros.

Toma-se a via para Souto Covo, descendo até Sande, paróquia dedicada a São Tiago, donde se começa a avistar o rio Douro.

É inevitável pensar no rio como parte integrante deste itinerário. “A descida para o Douro fazia-se por trajecto sinuoso e atingido o rio, que corria em torrente caudalosa ao longo de todo o Inverno ou com rápidos, galgando penhascos numa fúria indomável durante o resto do ano, a travessia fazia-se de barca, que as havia em sítios certos, onde o pego era mais remansoso. (...) A barca de passagem da Régua funcionou até à construção da ponte em 1872.”³³³

A localidade de Peso da Régua, banhada pelo rio Douro, não tinha qualquer importância no panorama nacional até ao século XVIII, altura em que os ingleses “descobriram” o Vinho do Porto e em que foi criada a Real Companhia das Vinhas do Alto Douro, durante o reinado de D. José I: “A instalação da Companhia e a criação, neste local, de um entreposto dos vinhos da Região Demarcada, a primeira a sê-lo em todo o mundo, vinhos estes que eram depois conduzidos em barcos rabelos, rio abaixo, até às caves de Vila Nova de Gaia, frente à cidade do Porto, despertaram uma intensa actividade comercial, originando uma vila nova que desceu até ao Douro, onde estavam os cais e os armazéns.”³³⁴

Já na saída de Peso da Régua, encontra-se a localidade de Fontaínhas, onde se inicia a via romana para Vila Real, podendo observar-se a capela de Nossa Senhora do Desterro.

Subindo até S. Gonçalo de Lobrigos, encontra-se a pequena capela de S. Gonçalo de Lobrigos, e segue-se até S. João de Lobrigos, onde se encontra um bom exemplo da arquitectura barroca na sua igreja matriz, obra do século XVIII, com extraordinário património artístico no interior.

O caminho segue por S. Miguel de Lobrigos, Santa Comba, Banduge, Pousada, subindo até Covelo, Santa Bárbara e Cumieira, onde merece destaque a sua igreja matriz,

³³² Antigo Paço Episcopal, tendo sido adaptado para albergar o Museu de Lamego, onde se destacam o núcleo de pintura de Vasco Fernandes (pertencente ao antigo retábulo da Catedral), a colecção de tapeçarias flamengas, a colecção de ourivesaria e a colecção de arqueologia.

³³³ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Gran Obra de Los Caminos de Santiago: Iter Stellarum*. Vol. X: “Caminho português II: os caminhos do sul e do interior”. A Coruña: Hércules Ediciones, 2004-2007, p.362.

³³⁴ *Idem*, p.363.

construída em 1729, cujo interior é preenchido por talha dourada do período joanino, além de ter tido pinturas no tecto, obra de Nicolau Nasoni, mas, que, infelizmente foram substituídas por madeira, retirando-lhe assim valor artístico.

De Silhão, segue-se para Relvas, atravessando o rio Sordo por uma ponte medieval, chegando a Parada de Cunhos, onde merece visita a igreja matriz, bem como o altar de S. Gonçalo, um santo peregrino.

Em 1289, D. Dinis atribuiu foral a Vila Real, um dos pontos “obrigatórios” de passagem para quem empreendia a peregrinação a Compostela, não admirando que esta região “(...) esteja carregada de lugares de culto de Santiago, e particularmente de S. Gonçalo de Amarante, a dizer quanto a passagem de peregrinos jacobeus foi intensa por toda a região.”³³⁵

Em Vila Real, existem referências a esta via de peregrinação, nomeadamente no antigo Campo do Tavalado, onde existiu uma capela dedicada a São Tiago, além de imagens do Apóstolo, bem como de santos relacionados com a peregrinação como São Gonçalo de Amarante, São Roque e São Sebastião, que se podem encontrar em igrejas e capelas de Vila Real. A cidade foi-se desenvolvendo, sendo uma referência no século XV, enquanto local de habitação de famílias nobres. Um dos monumentos mais emblemáticos de Vila Real é a Casa de Mateus, um belo palácio barroco, construído na primeira metade do século XVIII; além disso, merecem destaque alguns monumentos religiosos como a capela de São Brás, a Catedral, a igreja da Misericórdia, a igreja de São Pedro e a igreja dos Clérigos (obra de Nicolau Nasoni), entre outros.

Toma-se a direcção de Calçada, Vila Seca, Gravelos e Escariz, onde se destaca a igreja matriz que alberga uma imagem de S. Gonçalo. Atravessando-se uma ponte antiga, chega-se a Benagouro e a Vilarinho da Samardã, que merece a nossa atenção, uma vez ter sido morada do escritor Camilo Castelo Branco (1825-1890)³³⁶, encontrando-se bem presente nesta aldeia

³³⁵ GARCIA TERRÓN, Ángeles; PORTUGAL, José (coord.), *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago de Compostela. Itinerários Portugueses*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995, p.186.

³³⁶ “Camilo nasceu em Lisboa, a 16 de Março de 1825, conforme os registos oficiais e também por ironia do Destino. (...) Pascoaes tem razão: as raízes do escritor – a sua pátria adoptiva, como ele dizia – situam-se sobretudo em Vila Real e seu termo, onde a família era conhecida pelos “Brocas”. De facto, «onde Camilo nasceu, ou, antes, renasceu, foi em Samardã, de Trás-os-Montes.» (...) São inúmeras as referências transmontanas nas obras de Camilo Castelo Branco. Quem não leu ou ouviu falar na Morte do Lobo no fojo da Samardã, no *Fidalgo Mendigo*, na *História de Uma Porta*, no macabro e suposto desenterramento de Maria do Adro, na *Maria Moisés* salva de morrer afogada nas águas do Tâmega, na raça pitoresca dos “Macários” que povoam várias novelas? (...) Camilo é por excelência o novelista evocador do norte rural do século passado, ora crítico, ora enternecido. E «o conjunto de romances camilianos – escreve Leite de Vasconcelos – tem tanto valor para o conhecimento geral dos costumes populares que quem os aproveitasse todos, classificando e comentando os extractos, formaria, só com eles, riquíssimo manual de Etnografia.” SIMÕES, Manuel, “Camilo e as Terras Transmontanas” in *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago de Compostela. Itinerários Portugueses*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995, pp.197-199.

a sua memória, bem como a memória da Confraria de S. Gonçalo, outrora existente na aldeia, perpetuando essa memória através da imagem de S. Gonçalo, patente na igreja paroquial.

Seguindo para Tourencinho e Gralheira, encontram-se nesta última localidade vestígios de uma albergaria novecentista, seguindo o caminho por Zimão, onde se encontra mais uma capela dedicada a S. Gonçalo, ainda que pertença à freguesia de Telões, cujo orago é São Tiago.

Atravessando Parada do Corgo (que, pelo seu topónimo, nos indica a paragem de peregrinos e viajantes naquela localidade) e Montenegrelo, e pouco antes de chegar a Vila Pouca de Aguiar, encontra-se “(...) o derruído castelo da Terra de Aguiar, erguido no cimo de um penhasco, autêntica sentinela no alto Corgo. Com uma ampla história militar, com papel preponderante no apoio à causa de dom Afonso Henriques, o castelo deixou de ter préstimo depois das campanhas da Guerra da Independência, no final do século XIV. Como tantos outros, foi soçobrando lentamente, chegando à actualidade uns escassos panos da sua muralha.”³³⁷

Actualmente, em Vila Pouca de Aguiar, ainda é possível encontrar vestígios de ocupação castreja e romana, além do interessante edifício dos Paços do Concelho, datado do século XVIII, contendo no seu interior painéis de azulejos do artista Jorge Colaço, de 1912.

Segue-se para Vila Meã, onde existe uma pequena capela dedicada a São Tiago; tomando o caminho para Pedras Salgadas (conhecida estância termal), seguindo para Águas Romanas, atravessando, por uma ponte romana, o ribeiro de Avelames, até chegar a Sabrosa de Aguiar.

Sucedem-se a pequena e interessante aldeia de Oura, que tem como padroeiro São Tiago, seguindo o caminho em direcção a Salus, Vidago³³⁸ (importante estância termal), Valverde, Pereira de Selão e Redial, onde se encontra uma capela dedicada a São Tiago, seguindo por Vila Nova da Veiga, Outeiro Jusão, chegando a Chaves.

³³⁷ RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Gran Obra de Los Caminos de Santiago: Iter Stellarum*. Vol. X: “Caminho português II: os caminhos do sul e do interior”. A Coruña: Hércules Ediciones, 2004-2007, p.372.

³³⁸ À semelhança de Pedras Salgadas, Vidago é outra importante estância termal, sendo ambas conhecidas pelas propriedades das suas águas minero-medicinais, indicadas para o tratamento de afecções dermatológicas e gastro-intestinais. “Em Vidago e em Pedras Salgadas algumas lápides e fragmentos de cerâmica encontrados nas cercanias destas povoações levam alguns autores a crer que estas águas teriam sido conhecidas e utilizadas pelos romanos, não obstante não existirem testemunhos de banhos ou estabelecimentos antigos. (...) A notoriedade e desenvolvimento alcançados por estas duas estâncias termais já nos finais do século XIX leva a que sejam frequentadas pela nobreza e pela própria família real. (...)”. NEVES, Fernanda, “O Termalismo” in *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago de Compostela. Itinerários Portugueses*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995, p.206.

A cidade de Chaves, antiga cidade romana de “Aquae Flaviae”³³⁹, continua a ser uma referência no cruzamento de caminhos. Ainda que detenha vestígios de ocupações castrejas, a extrema romanização que sofreu encontra-se bem patente na cidade (tendo como expoente máximo a ponte sobre o rio Tâmega), além de inúmeros monumentos que nos remetem para outras épocas históricas e artísticas, merecendo destaque a igreja matriz (que agrega diferentes estilos artísticos, desde o românico ao renascentista), o Forte de S. Francisco e a igreja da Misericórdia (exemplar barroco). Paralelamente à sua importância histórica, Chaves é igualmente importante na história da peregrinação jacobea, uma vez que terão existido duas albergarias e um hospital que acolhiam e tratavam dos peregrinos a caminho de Santiago de Compostela.

Tendo como ponto de partida a cidade de Chaves, o caminho apresenta-se com três itinerários possíveis: Vilarelho da Raia, Seara Velha e Ervededo.

Para a primeira opção, toma-se o caminho por Outeiro Seco, passando próximo à igreja da Senhora da Azinheira, datada dos finais do século XIII, seguindo pela Senhora da Portela e chegando a Vilarelho da Raia, paróquia dedicada a São Tiago, entrando em Espanha pela localidade de Verín.

Na segunda opção, segue-se para Vale da Anta, Soutelo, até chegar a Seara Velha, onde a paróquia e a igreja são dedicadas a São Tiago, merecendo igual destaque o cruzeiro que se situa junto à igreja. De seguida, toma-se o caminho para os santuários da Senhora da Aparecida e da Senhora das Necessidades, seguindo por Castelões, Meixide, até Soutelinho da Raia, onde se encontra uma imagem de São Roque, santo peregrino. Chegando a Vilar de Perdizes, temos a referência de uma albergaria para peregrinos de Santiago, uma vez ser esta uma das vias de peregrinação escolhidas, atravessando a fronteira em Xironda.

Finalmente, a terceira opção dirige-se para Seara, passando por Couto de Ervededo, onde a tradição da peregrinação jacobea ainda hoje é lembrada na aldeia, até pela anterior existência de uma escultura em pedra do Apóstolo³⁴⁰ que terá sido entregue ao Santuário de São Caetano (localidade próxima), aquando da construção da capela de Couto. Seguindo por Agrela, chega-se a Cambedo, onde se encontra uma capela dedicada a São Gonçalo, prosseguindo para território espanhol, em Casas dos Montes.

³³⁹ Fundada pelo imperador Flávio Vespasiano, em 78 d.C., de acordo com uma inscrição gravada numa das colunas da ponte romana, dedicada ao imperador Vespasiano em 104 d.C.

³⁴⁰ Durante a investigação, tentou-se identificar esta escultura, solicitando informações aos habitantes locais, mas não foi possível identificá-la nem encontrar o seu paradeiro.

4. Elementos Iconográficos no Caminho

Paralelamente aos múltiplos interesses relacionados com a história e o património, bem como à beleza paisagística do Caminho, que fomos referenciando de forma sintética, são inúmeros os elementos iconográficos que encontramos, ainda que com tipologias pouco diversas. Com efeito, a maior parte dos elementos iconográficos são identificados em escultura e pintura, sendo apresentados por localidade, construindo posteriormente a proposta para a rota iconográfica.

4.1. Viseu

Curiosamente, e segundo Juan López-Chaves Meléndez, a própria heráldica de Viseu remete para a iconografia jacobea, confirmando assim a importância que Viseu assume na peregrinação até Santiago de Compostela. Na Fonte de S. Francisco (fig.39, 40), é possível observar uma das mais antigas representações heráldicas viseenses, onde “(...) sobre las ondas representativas del río Duero que ocupan la punta del escudo, la diestra del mismo (izquierda del espectador) está ocupada por un hombre con báculo de peregrino en su mano izquierda, al tiempo que toca una bocina que sujeta con su mano derecha (esta figura, según la tradición popular, es el rey Ramiro disfrazado de peregrino). Siguiendo con la descripción de las armas del escudo, el centro está ocupado por el castillo de un rey moro y, en la siniestra (derecha del espectador), se ve perfectamente un árbol, que representa el bosque donde se ocultaron las tropas del monarca. La leyenda procede, al parecer, de la actividad de los trovadores portugueses del siglo XIII y, en sus dos versiones, aparece recogida en los “*Libros Velhos de Linhagens de Gaia*”, cuyo contenido puede calificarse como la saga amorosa del rey Ramiro.”³⁴¹

Considerando a importância de Viseu no Caminho de Santiago, “(...) la devoción al Apóstol ganó fuerza y la figura del peregrino jacobita se hizo habitual, admirada y respetada, lo que explica, como es lógico, que la tradición popular haya acogido el hecho jacobeo. Que todo un rey elija el hábito de peregrino para caminar libremente por un territorio hostil, nos devuelve a las primeras acepciones de peregrino como pobre a quien todos los religiosos

³⁴¹ LÓPEZ-CHAVES MELÉNDEZ, Juan M., *El Peregrino y el Escudo de Viseu*. Vigo: Asociación Amigos de los Pazos, 2006, p.41.

ayudan y que, en el caso del jacobita, esse pobre representa a Cristo. No hay, pues, para la realeza hábito mas digno ni salvoconducto más seguro.”³⁴²

Além da heráldica, ainda que Viseu seja um ponto de confluência de caminhos, existem poucas referências iconográficas relacionadas com São Tiago.

De facto, o Museu Grão Vasco (fig.41) alberga duas pinturas a óleo sobre madeira, datadas do século XVI, atribuídas a Vasco Fernandes e à Escola de Grão Vasco.

O quadro de São Pedro³⁴³ (fig.42), obra de Vasco Fernandes (1475-1542), incluiu na sua predela, na qual Gaspar Vaz (1514-1569) colaborou, as figuras de São João Evangelista e Santo André, São Bartolomeu e São Tomé, São Paulo e São Tiago; nesta representação (fig.43), São Tiago apresenta-se como Peregrino, identificado pelas suas vestes, bordão e chapéu de aba larga com vieiras incrustadas, que, juntamente com São Paulo, observa o Livro das Sagradas Escrituras.

Atribuído a Gaspar Vaz, a pintura de São Tiago (fig.44) retrata-o como Apóstolo, identificado pela toga e pelo Livro das Sagradas Escrituras (que segura com a mão direita), e, simultaneamente, como Peregrino, identificado pelas suas vestes, bordão e chapéu de aba larga com vieiras incrustadas.

Ainda que pertencente à colecção do Museu Almeida Moreira (fig.45), encontra-se em exposição, no Museu Grão Vasco, uma pintura a óleo de São Tiago (fig.46), datada do século XVI, atribuída a Henrique Fernandes (act.1524-1542), pertencente à Escola de Grão Vasco. Neste caso, a pintura apresenta, em simultâneo, São Tiago Apóstolo, identificado pela toga e pelo Livro das Sagradas Escrituras (que segura com a mão direita), e São Tiago Peregrino, identificado pelo bordão (que segura na mão esquerda) e pelo chapéu de aba larga, ainda que este se encontre pendurado no seu pescoço.

Apesar de a construção ser relativamente recente, a igreja de Santiago (fig.47), sita na paróquia de São José (Viseu), apresenta vestígios exteriores de uma anterior capela, nomeadamente no vão de uma das portas da igreja, onde se encontra uma vieira ladeada por cabaças (fig.48), dois elementos associados aos peregrinos de São Tiago e ao próprio Apóstolo.

No seu interior, o altar mor é preenchido por um vitral, no qual está representado o convite que Jesus fez a Tiago e João, encontrando-se inclusivamente retratada a citação

³⁴² LÓPEZ-CHAVES MELÉNDEZ, Juan M., *El Peregrino y el Escudo de Viseu*. Vigo: Asociación Amigos de los Pazos, 2006, pp.48-49.

³⁴³ Obra de referência da pintura renascentista, na qual S. Pedro é apresentado como líder espiritual do Cristianismo.

bíblica: “Viu Tiago e seu irmão João na barca com o pai Zebedeu e chamou-os... imediatamente deixando a barca, as redes e o pai, seguiram-nO...” (fig.49, 50).

O altar lateral direito é dedicado a São Tiago, com uma escultura em madeira policromada, apresentando iconograficamente São Tiago Peregrino/Apóstolo, uma vez que partilha os atributos de Peregrino e de Apóstolo. Assim, São Tiago Peregrino enverga uma túnica, com uma pequena capa, decorada com duas vieiras, segurando na mão direita o bordão e a cabaça; São Tiago Apóstolo é identificado pela presença do Livro das Sagradas Escrituras, que segura com a mão esquerda (fig.51, 52, 53, 54, 55).

4.2. Vila Meã (Castro Daire)

A actual capela de Nossa Senhora da Saúde (fig.56) primitivamente terá sido dedicada a São Tiago, comprovada não só pela existência da imagem do Apóstolo, mas também pela referência à mesma nas Memórias Paroquiais com a invocação do Apóstolo. “Na relação de 1675, do bispo D. João de Melo, são mencionadas sete ermidas existentes na freguesia: Santo António, S. Lourenço, Sant’Iago, Nossa Senhora, Senhora do Rosário, S. Bartolomeu e Senhora da Graça. Em 1758, nas “Memórias Paroquiais”, redigidas pelo abade Manuel Ribeiro de Almeida, o seu número sobe para nove: S. João, em Água Dalte (Cabrum); S. Lourenço, em Casais; Senhora da Graça, em cela; Senhora da Conceição, em Coura; Santo António, em Covelo; S. João Baptista, em Adenodeiro; S. Bartolomeu, em Lamas; S. Francisco, em Moita; e Sant’Iago Maior, em Vila Meã.”³⁴⁴

No altar-mor, do lado direito, a escultura em pedra de calcário policromada, provavelmente do século XVI, representa São Tiago Peregrino/Apóstolo, envergando, na mão direita, o bordão e a cabaça, presa ao braço esquerdo (atributos do Peregrino), e segurando, com a mão esquerda, o Livro das Sagradas Escrituras (atributos do Apóstolo).

Esta escultura apresenta-se ainda com um chapéu, embora o mesmo não coincida com o tradicional do Peregrino, de aba larga (fig.57, 58, 59, 60).

³⁴⁴ CORREIA, Alberto; ALVES, Alexandre; VAZ, João L. Inês, *Castro Daire*. Viseu: Câmara Municipal de Castro Daire, 1986, p.269.

4.3. Baltar

Em Baltar, encontramos uma capela dedicada a São Tiago (fig.61), edificada por iniciativa do Abade João de Moura de Andrade (1685-1724), que, à semelhança de outras capelas³⁴⁵, apresenta, no seu interior, o Santo nas suas três vertentes iconográficas: Apóstolo, Peregrino e Cavaleiro.

No altar-mor, do lado esquerdo, a escultura em madeira policromada apresenta São Tiago Peregrino/Apóstolo, descalço, envergando a túnica, e na mão direita, o bordão com a cabaça (tendo acoplada uma figura pequena do Menino Jesus) e coroado com o chapéu de aba larga com uma vieira incrustada; e segurando com a mão esquerda o Livro das Sagradas Escrituras. (fig.62, 63, 64, 65, 66, 67)

No ambão, encontra-se uma pintura que retrata São Tiago Cavaleiro, apresentando São Tiago montado num cavalo branco, envergando a espada na mão direita e a bandeira da Cruz de Cristo na mão esquerda, vestindo uma túnica, cuja gola se encontra decorada com vieiras. Aos pés do cavalo, estão depositados três corpos que, pelo uso de turbantes nas suas cabeças, nos remetem para os muçulmanos e para a intervenção de São Tiago na reconquista cristã (fig.68).

4.4. Mouramorta

Nesta localidade, ainda subsiste a capela de São Tiago (fig.69), apesar do acesso interdito e de se encontrar despojada no seu interior. Desconhecemos onde se encontra o seu espólio, nomeadamente a imagem do Apóstolo.

4.5. Mezio

Datada do século XVIII, a igreja paroquial do Mezio apresenta o seu tecto totalmente preenchido por caixotões, onde estão retratados inúmeros santos, merecendo destaque São Tiago, enquanto nosso objecto de estudo (fig.70, 71).

³⁴⁵ CORREIA, Alberto; ALVES, Alexandre; VAZ, João L. Inês, *Castro Daire*. Viseu: Câmara Municipal de Castro Daire, 1986, p.228.

Neste caso, São Tiago aparece referenciado como “S. Jacobus” (o nome latino de Tiago), apresentando-se como Apóstolo, vestido com a toga e tendo, ao seu lado direito, o Livro das Sagradas Escrituras, não possuindo qualquer elemento alusivo à sua condição de peregrino (fig.72).

4.6. Magueija

Carlos Gil e João Rodrigues referem-se a este espaço religioso: “O actual edifício da matriz apresenta os frontais das portas e janelas ornados de labores bem cinzelados no granito regional, mais elaborado sobre a entrada lateral voltada para o povo, que é sobrepujada por um nicho com a imagem do padroeiro Santiago.”³⁴⁶ (fig.73, 74, 75, 76)

De facto, ainda antes de se entrar no edifício, uma construção do século XVIII, pode observar-se a escultura em granito de São Tiago, associando as tipologias de Peregrino (pela presença do bordão na mão direita, do chapéu de aba larga na cabeça e pela capa com as vieiras) e de Apóstolo (identificado pelo Livro das Sagradas Escrituras na mão esquerda).

No seu interior, merecem destaque os caixotões do tecto, datados do século XVIII, onde se encontram retratados santos, entre os quais São Tiago (fig.77, 78). Nesta representação, São Tiago é referenciado como “S. Jacob” (um nome latino de Tiago), apresentando-se como Apóstolo, vestindo a toga e segurando com a mão direita a Bíblia, e como Peregrino, segurando o bastão com a mão esquerda (fig.79).

No altar-mor, do lado esquerdo, encontra-se uma escultura, em madeira policromada, de São Tiago Peregrino/Apóstolo, envergando a túnica com a capa decorada com duas vieiras, na mão direita, o bordão com a cabaça; e segurando, com a mão esquerda, o Livro das Sagradas Escrituras (fig.80, 81, 82, 83).

4.7. Sande

Originalmente construída no século XII, a igreja de São Tiago foi, posteriormente, reconstruída no século XVIII (fig.84). Tendo como padroeiro São Tiago, no altar-mor, do lado esquerdo, encontra-se uma escultura, em madeira policromada, da autoria de José Thedin, oferecida por Eduardo José Pinto Lobão e Idina Celeste de Almeida Lobão, em 1967,

³⁴⁶ GIL, Carlos; RODRIGUES, João, *Por Caminhos de Santiago. Itinerários Portugueses para Compostela*. 3ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p.158.

na qual se retrata São Tiago Peregrino/Apóstolo, usando a tradicional túnica com a capa decorada com duas vieiras, na mão direita, o bordão com a cabaça; e segurando, com a mão esquerda, um rolo de pergaminho³⁴⁷ (fig.85, 86, 87, 88).

4.8. São João de Lobrigos

Na igreja matriz, datada do século XVIII, no seu interior, destaca-se a riqueza da talha dourada, na qual se incluem os caixotões do tecto (fig.89). Com efeito, um dos caixotões encontra-se identificado como “S. Theago Maior”, representando São Tiago como Apóstolo, envergando a toga, com os braços cruzados e na mão esquerda a cruz³⁴⁸ (fig.90, 91, 92).

4.9. Vila Real

Datada do século XVIII, a capela nova ou igreja dos Clérigos constitui um bom exemplo do barroco, albergando no seu interior, uma escultura de São Tiago³⁴⁹ (fig.93). Posicionada no altar-mor, do lado esquerdo, a escultura, em madeira policromada, de São Tiago Peregrino/Apóstolo, apresenta a túnica com a capa decorada com duas vieiras, segurando, na mão direita, o bordão e a cabaça; e com a mão esquerda, o Livro das Sagradas Escrituras (fig.94).

4.10. Vila Meã (Vila Pouca de Aguiar)

A pequena capela de São Tiago apresenta, no altar lateral esquerdo, uma escultura, em madeira policromada, de São Tiago Peregrino/Apóstolo, envergando a túnica, com o chapéu de aba larga, decorado ao centro com a vieira, e segurando, na mão direita, o bordão e a

³⁴⁷ À semelhança da iconografia existente na Catedral de Santiago de Compostela.

³⁴⁸ Um aspecto curioso nesta figuração é a luz emanada do Espírito Santo, como se representasse a escolha que Jesus fez de Tiago como seu discípulo.

³⁴⁹ Foram diversas as vezes que nos deslocámos a Vila Real na tentativa de encontrar esta Igreja aberta, mas infelizmente não foi possível. Segundo GARCIA TERRÓN, Ángeles; PORTUGAL, José (coord.), *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago de Compostela. Itinerários Portugueses*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995, p.188, no seu interior existe também uma escultura de São Tiago, que, embora não tenhamos conseguido ver, será apresentada no índice de figuras e abordada neste texto em termos iconográficos.

cabaça; com a mão esquerda, o Livro das Sagradas Escrituras (fig.95, 96, 97, 98, 99, 100).

4.11. Oura

Na igreja de São Tiago, no altar-mor, do lado esquerdo, encontra-se uma escultura, em madeira policromada, de São Tiago Peregrino/Apóstolo, envergando a túnica, segurando, na mão direita, o bordão com a cabaça; e segurando, com a mão esquerda, o Livro das Sagradas Escrituras (fig.101, 102, 103, 104, 105).

4.12. Redial

À entrada da pequena localidade de Redial, descobre-se um nicho, que alberga a imagem de São Tiago, representado como Peregrino/Apóstolo, através do chapéu de aba larga e do bordão, seguro na mão esquerda, e do Livro das Sagradas Escrituras, seguro na mão direita (fig.106, 107, 108, 109, 110).

Objecto de requalificação, em 1962, a capela de São Tiago apresenta no altar-mor, do lado esquerdo, a imagem de São Tiago Peregrino/Apóstolo, envergando a túnica, o chapéu de aba larga, o bordão e a cabaça presa ao mesmo, na mão direita, e a bolsa a tiracolo; e segurando, na mão esquerda, o Livro das Sagradas Escrituras (fig.111, 112, 113, 114, 115, 116).

Graças à devoção popular, um restaurante local ostenta uma pintura, assinada por D. Silva, datada de 1965, dedicada a São Tiago, representando-o em sinal de caminhada, como Peregrino/Apóstolo, envergando a túnica, com a capa decorada com duas vieiras, o chapéu de aba larga com a vieira incrustada a meio, segurando, com a mão direita, o bordão com a cabaça presa ao mesmo; e segurando, com a mão esquerda, o Livro das Sagradas Escrituras (fig.117).

4.13. Chaves

A cidade de Chaves tem uma longa tradição na peregrinação jacobea. “Ergue-se ali, com dois mil anos, a ponte romana, Ponte de Trajano, que cruza o Tâmega e liga os dois lados da cidade. Na margem esquerda, a rainha Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques, mandou construir uma capela (1160) e uma albergaria destinada aos peregrinos que por aqui passavam

a caminho de Santiago de Compostela.”³⁵⁰ (fig.118) Além desta albergaria, terá existido uma outra, junto à igreja matriz, tendo sido posteriormente ocupada pela Irmandade da Misericórdia (fig.119).

Paralelamente, “Sabe-se também que em Chaves foi fundado um hospital da invocação da Nossa Senhora de Rocamador (Roquemadour), onde os peregrinos podiam repousar ou tratar-se quando adoeciam.”³⁵¹

4.14. Vilarelho da Raia

Na igreja dedicada a São Tiago, no altar-mor, do lado esquerdo, encontra-se uma escultura, em madeira policromada, de São Tiago Peregrino/Apóstolo, usando sandálias, envergando a túnica com a capa decorada com duas vieiras, o bordão e a cabaça presa ao mesmo, na mão direita, e a bolsa a tiracolo; coroadado com um resplendor em prata com três incrustações de rubis e segurando, na mão esquerda, o Livro das Sagradas Escrituras (fig.120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127).

4.15. Seara Velha

À entrada da localidade de Seara Velha, encontra-se um cruzeiro, em granito, com um nicho preenchido com a imagem da ascensão de Nossa Senhora ao Céu, encimado por uma vieira em granito.

Na fachada da igreja de São Tiago, pode observar-se a escultura em granito de São Tiago Cavaleiro, montado num cavalo e envergando a espada na mão direita (fig.128, 129). No seu interior, no altar-mor, encontram-se associadas as tipologias de Peregrino (descalço, envergando uma túnica, chapéu de aba larga na cabeça e bordão com cabaça na mão direita) e de Apóstolo (identificado pelo Livro das Sagradas Escrituras na mão esquerda) (fig.130, 131, 132, 133, 134, 135).

Ainda no interior, merecem igualmente destaque os caixotões do tecto, datados do século XVIII, onde se encontram retratados santos, entre os quais São Tiago, que é

³⁵⁰ GIL, Carlos; RODRIGUES, João, *Por Caminhos de Santiago. Itinerários Portugueses para Compostela*. 3ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p.162.

³⁵¹ GARCIA TERRÓN, Ángeles; PORTUGAL, José (coord.), *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago de Compostela. Itinerários Portugueses*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995, p.212.

referenciado com “S. Thiago”, apresentando-se como Peregrino e Apóstolo, segurando, com a mão direita, o bordão, e usando um chapéu de aba larga; vestindo a toga e segurando, com a mão esquerda, o Livro das Sagradas Escrituras (fig. 136, 137, 138, 139, 140).

4.16. Vilar de Perdizes

Vilar de Perdizes foi local de passagem de inúmeros peregrinos que se deslocavam a Santiago de Compostela, tendo aí sido edificado um hospital para peregrinos, “(...) cuja fundação diz o Abade de Miragaia: «em Outubro de 1551, António de Sousa, capelão e fidalgo da casa do Duque de Bragança, e abade desta freguesia, instituiu e dotou o Hospital e Capela de Santa Cruz... determinou que no dito hospital houvesse uma botica e que na dita casa ou albergaria se recebessem, agasalhassem e tratassem nas suas doenças os peregrinos pobres de Santiago de Compostela...» e outros. Na portaria de serviço do edifício, de cuja grandiosidade dizem ainda as suas ruínas, pode ler-se esta inscrição: «HOSPITAL PERA AGAZALHO/DOS ROMR/DE SANTIAGO ANNO/DE 1774».”³⁵²

Actualmente, este edifício é propriedade privada, sendo possível a sua visita, graças à autorização dos proprietários (fig.141, 142).

A importância da localidade no âmbito do Caminho terá justificado a de um outro local para acolher os peregrinos: “Em Vilar de Perdizes, a dois passos da raia da Galiza, ainda hoje existe uma sugestiva pedra epigráfica, que memora e comprova a existência aí de uma segunda ‘pousada’ dos devotos do padroeiro galaico aparecida no túmulo marmóreo nas cercanias de Santa Iria. Essa via de peregrinos de modo algum poderá ser tida tão importante como o celebrado «caminho francês».”³⁵³

5. Difusão e Divulgação

Aliando a rota de peregrinação aos elementos iconográficos associados a São Tiago, é possível a construção de uma rota iconográfica, que, além do seu valor artístico, permite a

³⁵² GARCIA TERRÓN, Ángeles; PORTUGAL, José (coord.), *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago de Compostela. Itinerários Portugueses*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995, p.223.

³⁵³ GIL, Carlos; RODRIGUES, João, *Por Caminhos de Santiago. Itinerários Portugueses para Compostela*. 3ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p.164.

difusão do património histórico, natural e cultural que a envolve, podendo ser encarado igualmente como uma oferta turística da região atravessada por este Caminho de Santiago (tido como “produto turístico”, actualmente muito em voga).

Nesta rota não deve ser esquecido o simbolismo dos espaços e dos elementos identificativos da iconografia de São Tiago, bem como a associação entre as existências materiais e a espiritualidade associada ao Caminho. Ainda que nem todos os peregrinos sejam católicos e que as motivações que sustentam a peregrinação podem ser alheias à componente religiosa, a compreensão do simbolismo e da espiritualidade é fundamental para a fruição do Caminho de forma integrada.

Paralelamente à sinalética do Caminho de Santiago, deverá ser concebida uma sinalética própria, diferenciando os elementos iconográficos, estando disponível não só nos locais, mas também nos materiais de informação (mapas e folhetos) e nos materiais de comunicação.

Neste âmbito, a rota iconográfica poderá ser valorizada através de um guia, no qual se inclui a informação relativa aos elementos iconográficos do Caminho, bem como aos espaços que albergam os mesmos, além da informação de outros locais de interesse, divulgando assim a região que compreende Viseu e Chaves, não esquecendo a própria história do Caminho de Santiago, subjacente a este projecto.

Além do tradicional guia (em papel), a rota iconográfica poderá ser complementada com áudio-guias, nos quais se faria uma abordagem histórica de São Tiago, a história das peregrinações e o próprio Caminho de Santiago, referenciando lendas, tradições, poesias, entre outros elementos do património imaterial, enquadrando melhor esta rota.

Paralelamente, deverá ser contemplada uma página Web, na qual incorpore todas as informações relativas ao Caminho, sendo possível o seu download.

Nos espaços religiosos dedicados a São Tiago e onde se podem encontrar imagens do próprio, seria interessante criar um “canto de leitura” dedicado a São Tiago, apresentando as principais passagens bíblicas e outras referências bibliográficas com interesse. Nesses mesmos espaços, estaria disponível informação mais específica sobre aquele espaço, mas também sobre os restantes espaços inseridos na rota iconográfica.

Tal como o tradicional peregrino detém a sua credencial, na qual vai recolhendo os carimbos dos locais emblemáticos do Caminho, seria interessante criar uma “credencial iconográfica”, na qual o peregrino/turista iria recolhendo os diversos carimbos associados à rota iconográfica que se encontra a percorrer.

Com o sentido de divulgação do Caminho, poderá ser equacionada uma exposição temporária dedicada aos Caminhos de Santiago, nos quais esta via se inclui, com o seu carácter iconográfico. De facto, “Um dos aspectos mais estimulantes do estudo da construção da memória é o da transformação dos testemunhos da vivência peregrina em património histórico-cultural. Este processo assenta no princípio de que um conjunto seleccionado de bens móveis e imóveis ligados à peregrinação, pelo seu valor intrínseco, deve ser preservado de forma a salvaguardar a memória e a identidade religiosa de um povo. A patrimonialização, que abrange cada vez mais os santuários, constitui, em primeiro lugar, uma clara consciência de que existem hoje objectos, espaços, edifícios, ritos e formas de pensar ligadas ao fenómeno peregrino que já se perderam ou estão em risco de desaparecer, devido às mutações da sociedade moderna e à «desafeição das populações, sobretudo urbanas, pela religião tradicional.»³⁵⁴

Uma outra forma de difusão e divulgação do Caminho seria a criação de uma linha de merchandising, associada à rota iconográfica, disponível em todos os locais da rota. A ideia passaria por criar uma colecção de postais, marcadores de livros, puzzles, ímans, miniaturas dos elementos iconográficos (por exemplo, a cabaça), entre outros.

6. Articulação com o espaço envolvente

Considerando a importância que esta rota iconográfica poderá adquirir, até por seguir maioritariamente o Caminho Português Interior de Santiago, deve ser articulada com a zona envolvente da mesma, nomeadamente os locais onde se encontra presente a iconografia de São Tiago, podendo eventualmente criar-se uma rede de rotas iconográficas em torno da peregrinação jacobea.

Paralelamente, seria interessante criar-se uma rota iconográfica municipal e outra diocesana, nas quais fossem assinalados os espaços onde se podem encontrar elementos iconográficos, além das celebrações dedicadas ao Apóstolo, nomeadamente o dia 25 de Julho.

³⁵⁴ PENTEADO, Pedro, “A construção da memória nos centros de peregrinação” in *Communio – Revista Internacional Católica* (Ano XIV, nº. 4 – Julho/Agosto). Lisboa: Reflexão Teológica / Mundividência Cristã, 1997, p.341.

CONCLUSÃO

O carácter multifacetado de São Tiago e do Caminho – que cedo tomou o nome de Caminho de Santiago – tem vindo, desde há largos anos, a ser alvo de uma ampla atenção, quer por parte dos académicos, que lhes consagram diversos escritos, quer pelos romeiros que, desde os tempos medievais, trilham os diversos caminhos existentes, rumo a Compostela.

Nesse sentido, ainda que o Caminho de Santiago seja um tema extremamente frutífero e vasto, pretendemos, neste trabalho, abordar o aspecto da iconografia no Caminho Português de Santiago que liga Viseu a Chaves.

Historicamente, apresentámos a figura de São Tiago, explorando a sua biografia, realçando a importância do convívio com Jesus, tornando-o Apóstolo e, posteriormente, evangelizador da Península Ibérica, de acordo com algumas fontes, ainda que estas se apresentem dúbias e complexas.

De forma a melhor compreendermos o contexto da peregrinação a Compostela, abordámos a história das peregrinações, explorando maioritariamente as peregrinações cristãs, desde a peregrinação dos Patriarcas à peregrinação actual, compreendendo os seus motivos e o impacto que se faz sentir nos territórios que são atravessados pelo percurso e pela “meta”.

Posteriormente, reflectimos sobre a peregrinação a Santiago de Compostela (considerada uma das maiores, à semelhança de Roma e de Jerusalém), tendo em conta a sua origem e evolução até à actualidade, analisando as suas características, nomeadamente no que diz respeito aos motivos que levam alguém a peregrinar, às formas de peregrinação, às estruturas e instituições ligadas à peregrinação a Santiago e à comemoração do Ano Santo.

É possível distinguir os peregrinos de Santiago através da sua especificidade, merecendo destaque a sua simbologia, a sua documentação própria, que perdura até aos dias de hoje, e os seus rituais. Além disso, de forma a exemplificar o impacto que a peregrinação tinha, essencialmente na sociedade medieval, apresentámos alguns peregrinos notáveis da

sociedade de então, bem como peregrinos portugueses que aceitaram o apelo do Apóstolo, além de muito ter contribuído para a riqueza de Compostela, além da dinamização da peregrinação em terras portuguesas em direcção a Santiago.

O Caminho de Santiago tornou-se num ícone das peregrinações, transformando a Europa que rasga inúmeras rotas de peregrinação em direcção a Compostela. Apresentadas as principais rotas de peregrinação – Caminho Francês, Caminho Primitivo, Caminho do Norte, Caminho Inglês, Caminho Português, Caminho do Sudeste/Via da Prata, Caminho do Mar de Arousa e Rio Ulla e Caminho de Fisterra/Muxia – analisámos a sua particular sinalização, comum a todas as rotas, além da importância do Caminho de Santiago enquanto Itinerário Cultural Europeu e Património da Humanidade.

Além da importância do Caminho de Santiago, como via de peregrinação, e dado ser o tema principal do nosso trabalho, importou referir a iconografia de São Tiago, referindo o conceito de iconografia e apresentando as tipologias iconográficas de São Tiago enquanto Apóstolo (túnica, manto e Evangelho), Peregrino (túnica, escarcela, bordão, cabaça, chapéu de aba larga e vieira) e Cavaleiro (túnica, espada, escudo com cruz de Santiago e cavalo).

Na segunda parte, abordámos a dicotomia entre turismo e peregrinação, tentando contrapor os dois termos, apresentando para tal os conceitos inerentes ao turismo, explorando os conceitos de turismo cultural e de turismo religioso, além de apresentar as potencialidades turísticas do Caminho de Santiago, enquanto importante “produto turístico”.

Apresentámos os Caminhos Portugueses de Santiago, explorando as várias rotas, merecendo especial atenção o chamado Caminho Português Interior de Santiago, que liga Viseu a Chaves, uma vez que este faz parte do objecto do nosso trabalho.

Por fim, propusemos uma rota iconográfica para o Caminho de Santiago entre Viseu e Chaves, de forma a promover o conceito de “Peregrinar com a iconografia de São Tiago”. Nesse sentido, explorámos o traçado e o respectivo percurso, descrevendo os diversos elementos iconográficos no Caminho, nomeadamente os encontrados em Viseu, Vila Meã (Castro Daire), Baltar, Mouramorta, Mezio, Magueija, Sande, São João de Lobrigos, Vila Real, Vila Meã (Vila Pouca de Aguiar), Oura, Redial, Chaves, Vilarelho da Raia, Seara Velha e Vilar de Perdizes.

A ligação entre a iconografia e a peregrinação constitui, a nosso ver, um grande valor do próprio Caminho Português, entre Viseu e Chaves. Tal união dota o próprio trilho de uma linguagem visual relevante, o que promove o seu enriquecimento artístico das diferentes esculturas e pinturas de São Tiago que existem ao longo do Caminho.

Ao mesmo tempo, apresentámos várias propostas para a difusão e para a divulgação desta rota, promovendo-a como um produto turístico, como um verdadeiro recurso estratégico para a oferta turística e cultural do Caminho de Santiago, na sua máxima amplitude.

Temos consciência que muito ficou por dizer relativamente ao tema abordado, tal a riqueza da informação recolhida e, por vezes, da falta dela, com que nos deparámos ao longo do tempo dedicado ao seu estudo.

Certamente, existirão lacunas, algo que uma investigação futura, realizada por nós ou por outros, poderá vir a colmatar.

BIBLIOGRAFIA

ADRIÃO, Vitor Manuel, *Santiago de Compostela – Mistérios da Rota Portuguesa*. Lisboa: Livros Dinapress, 2011.

ALCOLEA, Santiago, *La Catedral de Santiago*. Madrid: Editorial Plus-Ultra, 1958.

ALMADA, Lourenço José de (Conde de), *A Caminho de Santiago – Roteiro do Peregrino*. Porto: Lello Editores, 2000.

ALVES, Herculano (coord), *Bíblia Sagrada*. Lisboa / Fátima: Difusora Bíblica, 2002.

ALVES, Natália Marinho Ferreira, “Iconografia e Simbólica cristãs. Pedagogia da Mensagem” in *Theologica* (II Série, Vol. XXX, Fasc. 1). Braga: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia – Braga, 1995.

ANDRES ORDAX, Salvador, “La Iconografia Artistica Jacobea” in *El Camino de Santiago. Camino de Europa. Curso de Conferencias*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 22-26 Julho de 1991.

ANDRES ORDAX, Salvador, “La Iconografia de Santiago” in *Cuadernos del Camino de Santiago*, nº. 5. Santiago de Compostela, 1994.

ARIAS VILLALTA, Rafael, “La Imagen del Apostol en la Capilla Mayor” in *Peregrino – Boletín del Camino de Santiago* (2ª época, nº. 9, Agosto). Santiago de Compostela, 1989.

ARRANZ GUZMÁN, Ana, “Los peligros del Camino de Santiago” in *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*. Lisboa: Távola Redonda, 1992.

ARRIBAS BRIONES, Pablo, *Pícaros e picaresca no Caminho de Santiago*. Palencia: Ediciones Cálamo, 2010.

AZEVEDO, Carlos Moreira (dir), *Dicionário de História Religiosa de Portugal* (J-P). Lisboa: Círculo de Leitores / Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2001.

AUGUSTO, Sara, “Peregrinações: Roma e Santiago de Compostela” in *Separata de Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Estudos e Bibliografias*. Lisboa: Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, Edições Cosmos, 1999.

BALIÑAS PEREZ, Carlos, “Gallaecia y la Invasión Musulmana” in *Historia de Galicia. I. De la Prehistoria a la Alta Edad Media*. Vigo: Faro de Vigo, Xunta de Galicia, Caixavigo, 1991.

BANGO TORVISO, Isidro Gonzalo, “Santiago Peregrino” in *Santiago: A Esperanza* (catálogo da exposición). Santiago de Compostela: Pazo de Xelmirez / Xunta de Galicia, 1999.

BAPTISTA, Mário, *Turismo Competitividade Sustentável*. Lisboa: Editorial Verbo, 1997.

BAPTISTA, Mário, *Turismo – Gestão Estratégica*. Lisboa: Editorial Verbo, 2003.

BARRIOCANAL LÓPEZ, Yolanda, “Presencia de Temas Jacobeos en el Grabado Compostelano del Siglo XVIII” in *Actas del Congreso de Estudios Jacobeos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995.

BINGEMER, Maria Clara, *Santiago de Compostela: o caminho é a vida*. Rio de Janeiro, 2004. (http://www.users.rdc.puc-rio.br/agape/vida_academica/.../santiago.pdf - consultada a 24 de Outubro de 2009).

BOSQUE MOREL, Joaquín, “O Patrimônio da Humanidade” in *Turismo. Espaço, Paisagem e Cultura*. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

BOUZA BREY, Fermin, “Archivo de Iconografia Jacobea” in *Compostellanum* (vol. VII, nº. 2, Abril – Junio). Santiago de Compostela: Archidiócesis de Santiago de Compostela, 1962.

BÓVEDA FARRÉ, Myriam, “El Turismo Cultural en la Unión Europea: Dimensión y Significado” in *Turismo Cultural: El Patrimonio Histórico como Fuente de Riqueza*. Valladolid: Ed. Fundación de Patrimonio Histórico de Castilla y León, 2000.

BRAGA, Alberto Vieira, *Influência de S. Tiago da Galiza em Portugal*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1993.

CAAMAÑO GESTO, Xosé Manuel, “As vías romanas como antecedente e soporte dos camiños de peregrinación de Portugal a Compostela” in *Camiños Portugueses de Peregrinación a Santiago. Tramos Galegos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1993.

CACHEDA BARREIRO, Rosa Margarita, “Estampas para una iconografía de Santiago. De la imagen culta a la devoción popular” in *Compostellanum* (vol. L, nº. 1-4, Enero-Diciembre). Santiago de Compostela: Archidiócesis de Santiago de Compostela, 2005.

CALLE VAQUERO, Manuel de la, *La ciudad histórica como destino turístico*. Barcelona: Editorial Ariel, 2002.

CAMPESINO FERNÁNDEZ, Antonio José, “Los Caminos de Santiago: ciudades y recursos turísticos” in *Congreso Internacional de Geografía. Los Caminos de Santiago y el territorio*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, Conselleria de Relaciones Institucionais e Portavoz do Goberno, 1993.

CARMONA MUELA, Juan, *Iconografía de los santos*. Madrid: Ediciones Istmo, 2003.

CARRO GARCIA, Jesus, “Estudios Jacobeos. Arca Marmorica, Cripta, Oratorio o Confesion, Sepulcro y Cuerpo del Apostol” in *Cuadernos de Estudios Gallegos*. Santiago de Compostela: Ed. Instituto P. Sarmiento de Estudios Gallegos, 1954.

CARVALHO, João Rebello de, “Peregrinação, percurso de uma oração” in *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*. Lisboa: Távola Redonda, 1992.

CASTELI, Patricia, “Dalla Conchiglia di Venere alla Conchiglia di Sant’ Iacopo. La Metamorfosi di un Simbolo” in *Actas del Congreso de Estudios Jacobeos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995.

CESAREIA, Eusebio de, *Historia Ecclesiastica* (publicada no sítio <http://www.scribd.com/doc/6451956/HISTORIA-ECLESIASTICA-Eusebio-de-Cesareia> - consultada a 28 de Dezembro de 2010)

CHAO REGO, Xosé, *Camiñando a Compostela*. Santiago de Compostela: Angueira, 1992.

CHARRO SALGADO, Ana Maria, *La Iconografía de Santiago Caballero*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, Facultade de Xeografía e Historia, 1956.

CHOCHEYRAS, Jacques, *Ensayo Historico sobre Santiago en Compostela*. 1ª edição. Barcelona: Editorial Gedisa, 1989.

CORREIA, Alberto; ALVES, Alexandre; VAZ, João L. Inês, *Castro Daire*. Viseu: Câmara Municipal de Castro Daire, 1986.

CORREIA, Alberto, “Os passos sobre as pedras” in *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago de Compostela. Itinerários Portugueses*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995.

CORREIA, João Rosado, “Monsaraz nos Caminhos de Santiago?” in *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*. Lisboa: Távola Redonda, 1992.

COSTA, Jorge; RITA, Paulo; ÁGUAS, Paulo, *Tendências Internacionais em Turismo*. Lisboa: Lidel, 2004.

CUNHA, Licínio, *Economia e Política do Turismo*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006.

CUNHA, Licínio, *Introdução ao Turismo*. Lisboa: Editorial Verbo, 2003.

CUNHA, Licínio, *Perspectivas e Tendências do Turismo*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2003.

CUNHA, Licínio, *Política de Turismo*. Lisboa: Secretaria de Estado do Turismo, 1987.

DAIX, Georges, *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000.

DELGADO RUIZ, Manuel, “Trivialidad y Transcendencia. Usos Sociales y Políticos del Turismo Cultural” in *Turismo Cultural: El Patrimonio Histórico como Fuente de Riqueza*. Valladolid: Ed. Fundación de Patrimonio Histórico de Castilla y León, 2000.

DIAZ Y DIAZ, Manuel, “La cristianización de Galicia” in *Historia de Galicia.1. De la Prehistoria a la Alta Edad Media*. Vigo: Faro de Vigo, Xunta de Galicia, Caixavigo, 1991.

DIAZ Y DIAZ, Manuel C., “El peregrino en la literatura jacobea” in *Compostellanum* (volume XL, nº. 3-4, Julio-Diciembre). Santiago de Compostela: Archidiócesis de Santiago de Compostela, 1995.

DOMINGUES, Celestino M., *Prontuário Turístico*. Lisboa: Instituto Nacional de Formação Turística, 1997.

ESTÉVEZ VILLAVERDE, Emilia, *Santiago en la leyenda: Historia del Apóstol (basada en la tradición)*. Santiago de Compostela: Puenteareas, 1971.

EUSÉBIO, Maria de Fátima, “A apropriação cristã da iconografia greco-latina: o tema do Bom Pastor” in *Mathésis* (14). Viseu: Universidade Católica Portuguesa, 2005.

FANDIÑO VEIGA, Xosé Ramón, “A literatura no tramo galego do camiño portugués” in *Camiños Portugueses de Peregrinación a Santiago. Tramos Galegos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1993.

FERNÁNDEZ ARENAS, José, “Elementos Simbólicos de la Peregrinación Jacobea” in *Actas del Congreso de Estudios Jacobeos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995.

FERREIRA, Mendonça, *O Papado: 2000 Anos de História*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2009.

FERREIRA PRIEGUE, Elisa, “Os camiños xacobeos” in *Camiños Portugueses de Peregrinación a Santiago. Tramos Galegos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1993.

FIGUEIRA VALVERDE, Xosé, “La Iconografía de Santiago y el Grabado Compostelano” in *Cuadernos de Estudios Galegos*. Santiago de Compostela: Consejo Superior de Investigaciones Científicas / Instituto Padre Sarmiento, 1944.

FIORAVANTI, Celina, *Santiago pela Via Lunar – Peregrinação pelo Caminho Português*. Lisboa: Pergaminho, 2001.

FLORISTÁN SAMANES, Alfredo, “El Camino de Santiago, eje integrador de Europa” in *Congreso Internacional de Geografía. Los Caminos de Santiago y el territorio*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia / Consellería de Relaciones Institucionais / Portavoz do Goberno, 1993.

FONT SENTIAS, Josep (coord), *Casos de turismo cultural. De la planificación estratégica a la gestión del producto*. Barcelona: Ariel, 2004.

FOSTER, Douglas, *Viagens e Turismo. Manual de Gestão*. Mem Martins: Cetop, 1992.

GARCIA, Jaime, “Valores de la Peregrinación Actual” in *Actas del II Encuentro sobre los Caminos Portugueses a Santiago*. Vigo: Asociación Amigos de los Pazos, 1994.

GARCIA COSTOYA, Carlos, *El Misterio del apóstol Santiago*. Barcelona: Plaza Janés, 2004.

GARCIA IGLESIAS, José Manuel (dir.), *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago. Lisboa – Santiago*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia / Consellería de Cultura, Comunicación Social e Turismo, 1999.

GARCIA IGLESIAS, Xosé Manuel, “Os Camiños de Portugal a Santiago” in *Camiños Portugueses de Peregrinación a Santiago. Tramos Galegos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1993.

GARCIA IGLESIAS, José Manuel (dir.), *Camiño de Santiago, patrimonio mundial*. Santiago de Compostela: SA de Xestión do Plan Xacobeo, 2004.

GARCIA ORO, Xosé, “Os Camiños de Portugal a Santiago: os homes, as igrexas, as coroas” in *Camiños Portugueses de Peregrinación a Santiago. Tramos Galegos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1993.

GARCIA TERRÓN, Ángeles; PORTUGAL, José (coord.), *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago de Compostela. Itinerários Portugueses*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995.

GARCIA TERRÓN, Ángeles (coord.), *Camiños Portugueses de Peregrinación a Santiago. Tramos Galegos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1993.

GIL, Carlos; RODRIGUES, João, *Por Caminhos de Santiago. Itinerários Portugueses para Compostela*. 3ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

GOMES DOMINGUES, Alvaro, “Turismo Cultural y Política Cultural Urbana: Posibilidades y Divergencias” in *Turismo Cultural: El Patrimonio Histórico como Fuente de Riqueza*. Valladolid: Ed. Fundación de Patrimonio Histórico de Castilla y León, 2000.

GÓMEZ DE LA SERNA, Gaspar, *Del Pirineo a Compostela*. Valencia: Patronato Nacional del Camino de Santiago, 1965.

GONÇALVES, Flávio, *História da Arte – Iconografia e Crítica*. Maia: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990.

GONZALEZ MILLAN, Antonio Jesus, “La Cruz de Santiago: Una donación del Rey Alfonso III al Apóstol y a su sede de Compostela en el año 874” in *Compostellanum* (vol. XXXVIII, nº. 3-4, Julio-Diciembre). Santiago de Compostela: Archidiócesis de Santiago de Compostela, 1993.

GONZÁLEZ PAZ, Jose, “Iconografía y motivos jacobeos” in *Compostellanum* (vol. XXIII, nº. 1-4). Santiago de Compostela: Archidiócesis de Santiago de Compostela, 1978.

GONZÁLEZ REBOREDO, Xosé Manuel, “Os camiños portugueses a Compostela. Insinuacións etnográficas” in *Camiños Portugueses de Peregrinación a Santiago. Tramos Galegos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1993.

HAMILTON, Bernard, *As Cruzadas*. Lisboa: Temas e Debates, 2000.

HENRIQUES, Cláudia, *Turismo, Cidade e Cultura. Planeamento e Gestão Sustentável*. Lisboa: Edições Sílabo, 2003.

HENRIQUES, Eduardo Brito, “A cidade, destino de turismo” in *Revista da Faculdade de Letras – Geografia* (I série, Volume XIX). Porto: Faculdade de Letras, 2003.

HERMANN, Hilde, *Discípulos y Apóstoles*. Friburgo de Brisgovia: Herder & Cia, 1941.

HERNÁNDEZ, Josep B.; TRESSERRAS, Jordi J., *Gestión del patrimonio cultural*. Barcelona: Editorial Ariel, 2011.

HERRERO, Nieves, “Camiño de Santiago, metáfora da vida humana” in *Compostellanium* (vol. XL, nº. 3-4, Julio-Diciembre). Santiago de Compostela: Archidiócesis de Santiago de Compostela, 1995.

HERRERO PRIETO, Luis César (coord.), *Turismo Cultural: El Patrimonio Histórico como Fuente de Riqueza*. Valladolid: Ed. Fundación de Patrimonio Histórico de Castilla y León, 2000.

IBÁÑEZ PÉREZ, Alberto C., “El Camino de Santiago en España: una realidad consolidada” in *La Cultura como Elemento de Unión en Europa. Rutas Culturales Activas*. Valladolid: Fundación del Patrimonio Histórico de Castilla y León, 2003.

JACOMET, Humbert, “Iconografía de Santiago” in *Santiago el Mayor y la Leyenda Dorada* (catálogo da exposición – Museo de Belas Artes da Coruña). Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1999.

JACOMET, Humbert, “L’ Image de la Majesté de Saint Jacques en France et sa Relation à Compostelle – Etude Iconographique” in *Actas del Congreso de Estudios Jacobeos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995.

KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara, *Destination Culture. Tourism, Museums, and Heritage*. Berkeley, Los Angeles: California Press, 1998.

KÖSTER, Kurt, “Les Coquilles et Enseignes de Pelerinage de Saint-Jacques de Compostelle et des Routes de Saint-Jacques en Occident” in *Santiago de Compostela. 1000 Ans de Pèlerinage Européen. Europália 85*. Gand: Ed. Centrum Voor Kunst en Cultuur, 1985.

LACOSTE, Yves, *Dicionário de Geografia*. Lisboa: Teorema, 2003.

LAREDO VERDEJO, José Luis, *Galicia. O Caminho de Santiago*. Santiago de Compostela: Turgalicia / Dirección Xeral de Turismo, 2003.

LÁZARO DAMAS, Maria Soledad, “Una Iconografía de Frontera: Santiago Matamoros en el Privilegio de Pegalajar” in *Revista de Estudios sobre Sierra Mágina*. 2001. (<http://cismagina.es/pdf/15-03> - consultada a 1 de Julho de 2010).

LEITE, José (org.), *Santos de Todos os Dias. Julho*. Braga: Editorial A.O., Braga, 2005.

LICKORISH, Leonard J.; JENKINS, Carson L., *Introdução ao Turismo*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000.

LIMA, João Gomes de Abreu de, *Caminho Português Porto – Santiago*. Ponte de Lima: Associação dos Amigos do Caminho Português de Santiago, 2004.

LIMA, José da Silva, *A Peregrinação. Percursos e Palavra*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

LIMA, José da Silva, “Santuários, lugares de peregrinação em Portugal” in *Communio – Revista Internacional Católica* (Ano XIV, nº. 4 – Julho/Agosto). Lisboa: Reflexão Teológica / Mundividência Cristã, 1997.

LINAGE CONDE, Antonio, “Los peregrinos y su hospitalidade n la tradicion monastica” in *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*. Lisboa: Távola Redonda, 1992.

LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito, *Património Arquitectónico e Arqueológico: Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

LOPEZ ALSINA, Fernando, “La «inventio» del cuerpo de Santiago” in *Historia de Galicia. I. De la Prehistoria a la Alta Edad Media*. Vigo: Faro de Vigo / Xunta de Galicia / Caixavigo, 1991.

LÓPEZ-CHAVES MELÉNDEZ, Juan M., *El Peregrino y el Escudo de Viseu*. Vigo: Asociación Amigos de los Pazos, 2006.

LÓPEZ-OZCAZBERRO, Purín Sánchez, “Orense, etapa y encrucijada de las rutas Jacobeas del Centro de Portugal” in *Actas del II Encuentro sobre los Caminos Portugueses a Santiago*. Vigo: Asociación Amigos de los Pazos, 1994.

MAAK, Katharina, “El Camino de Santiago como posible motor turístico en zonas rurales de escasos recursos: el caso de Brandeburgo” in *Cuadernos de Turismo* (nº. 23 – Enero-Junio). Murcia: Universidad de Murcia, 2009.

MARQUES, José, “A assistência aos peregrinos, no Norte de Portugal, na Idade Média” in *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*. Lisboa: Távola Redonda, 1992.

MARQUES, José, “O culto a S. Tiago no Norte de Portugal” in *Actas del II Encuentro sobre los Caminos Portugueses a Santiago*. Vigo: Asociación Amigos de los Pazos, 1994.

MARQUES, José, “A Expansão do Culto de S. Tiago em Portugal e no Antigo Ultramar Português” in *Actas del Congreso de Estudios Jacobeos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995.

MARQUES, José, “Os Santos dos Caminhos Portugueses” in *História – Revista da Faculdade de Letras*. III Série, vol. 7. Porto: Faculdade de Letras, 2006.

MARQUES, Maria Olinda, *Turismo e Marketing Turístico*. Mem Martins: Cetop, 2005.

MARQUES, Valentim (coord.), *Concílio Ecuménico Vaticano II Documentos Conciliares: Constituições, Decretos, Declarações*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2002.

MARTÍNEZ, Carlos de La Casa, “El Turismo Cultural: Una Alternativa de Desarrollo Económico” in *Turismo Cultural: El Patrimonio Histórico como Fuente de Riqueza*. Valladolid: Ed. Fundación de Patrimonio Histórico de Castilla y León, 2000.

MARTÍNEZ SÁIZ, Pablo, “Las Ciudades Europeas de la Cultura y Compostela 2000” in *Turismo Cultural: El Patrimonio Histórico como Fuente de Riqueza*. Valladolid: Ed. Fundación de Patrimonio Histórico de Castilla y León, 2000.

MARTINS, Alcina Manuela de Oliveira, “Da devoção a S. Tiago à contestação dos votos jacobeiros” in *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*. Lisboa: Távola Redonda, 1992.

MARTINS, Alcina Manuela de Oliveira; MORENO, Humberto Baquero, “Figuras de la realeza portuguesa en peregrinación a Santiago” in *Santiago, Camino de Europa: Culto y Cultura en la Peregrinación a Compostela*. Santiago de Compostela: Fundación Cja de Madrid / Xunta de Galicia / Arzobispado de Santiago de Compostela, 1993.

MATIAS, Álvaro, *Economia do Turismo. Teoria e Prática*. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

MATOS, Manuel Cadafaz, *O Culto Português a Sant'Iago de Compostela ao Longo da Idade Média. Peregrinações de homenagem e louvor ao túmulo e à cidade do Apóstolo entre o Séc. XI e Séc. XV*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, 1985.

MATOS, Manuel Cadafaz, “A peregrinação de D. Manuel a Santiago de Compostela (em 1502) vista à luz de alguns documentos inéditos” in *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*. Lisboa: Távola Redonda, 1992.

MATTOSO, José (coord), *História de Portugal*. I Volume: “Antes de Portugal”. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

MATTOSO, José (coord), *História de Portugal*. II Volume: “A Monarquia Feudal (1096-1480)”. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

MATTOSO, José, “O tempo hispânico e a «invenção» de São Tiago” in *Communio – Revista Internacional Católica* (Ano XIV, nº. 4 – Julho/Agosto). Lisboa: Reflexão Teológica / Mundividência Cristã, 1997.

MENÉDEZ PIDAL, Ramón (dir), *Historia de España*. Tomo VI. “España Cristiana. Comienzo de la Reconquista. (711-1038). Madrid: Espasa-Calpe, 1971.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra, “Os «usos culturais» da Cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais” in *Turismo. Espaço, Paisagem e Cultura*. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

MILANS DEL BOSCH, José Joaquín, “Santiago Caballero” in *Actas del II Encuentro sobre los Caminos Portugueses a Santiago*. Vigo: Asociación Amigos de los Pazos, 1994.

MILITZER, Klaus, “O caminho dos peregrinos do Sacro-Império Romano-Germânico a Santiago de Compostela” in *Brathair*. Universität zu Köln, 2008. (<http://www.brathair.com/revista/numeros/08.01.2008/6.pdf> - consultada a 14 de Outubro de 2009).

MORALEJO, Abelardo (dir); TORRES, Casimiro; FEO, Julio, *Liber Sancti Iacobi. Codex Calixtinus*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia / Conselleria de Cultura, Comunicación Social e Turismo / Xerencia de Promoción do Camiño de Santiago, 2004.

MORENO, Humberto Baquero, “As peregrinações a Santiago e as relações entre o Norte de Portugal e a Galiza” in *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*. Lisboa: Távola Redonda, 1992.

MORENO, Humberto Baquero, “Vias Portuguesas de Peregrinação a Santiago de Compostela na Idade Média” in *Revista da Faculdade de Letras. História*. II Série, Vol. III, Porto, 1986.

NADAL, Paco, *El Camino de Santiago del Norte*. Madrid: El Pais Aguilar / Santillana Ediciones Generales, S.L., 2004.

NADAL, Paco, *El Camino de Santiago a Pie*. Madrid: El Pais Aguilar / Santillana Ediciones Generales, S.L., 2008.

NADAL, Paco, *El Camino de Santiago Portugués*. Madrid: El Pais Aguilar / Santillana Ediciones Generales, S.L., 2007.

NEVES, Fernanda, “O Termalismo” in *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago de Compostela. Itinerários Portugueses*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995.

NOOTEBOOM, Cees, *O (Des)Caminho para Santiago*. Porto: Edições Asa, 2003.

OLIVEIRA, Eduardo de, *Caminho de Santiago*. Lisboa: Of. Gráf. de “O Primeiro de Janeiro”, 1970.

OURSEL, Raymond, *Caminantes y Caminos. Las Rutas hacia Santiago de Compostela*, Madrid: Ediciones Encuentro, 1985.

OTERO PEDRAYO, Ramón, *Santiago de Compostela*. Barcelona: Editorial Noguer, 1965.

PARRADO DEL OLMO, Jesús María (coord), *La Cultura como Elemento de Unión en Europa. Rutas Culturales Activas*. Valladolid: Fundación del Patrimonio Histórico de Castilla y León, 2003.

PARRADO DEL OLMO, Jesús María, “Planteamientos Generales. Rutas culturales activas. La cultura como elemento de unión en Europa” in *La Cultura como Elemento de Unión en Europa. Rutas Culturales Activas*. Valladolid: Fundación del Patrimonio Histórico de Castilla y León, 2003.

PENTEADO, Pedro, “A construção da memória nos centros de peregrinação” in *Communio – Revista Internacional Católica* (Ano XIV, nº. 4 – Julho/Agosto). Lisboa: Reflexão Teológica / Mundividência Cristã, 1997.

PEREIRA, Fernando Micael, “A peregrinação, fenómeno humano e religioso” in *Communio – Revista Internacional Católica* (Ano XIV, nº. 4 – Julho/Agosto). Lisboa: Reflexão Teológica / Mundividência Cristã, 1997.

PERRIER, Jacques, “Jerusalém para o tempo e para a eternidade” in *Communio – Revista Internacional Católica* (Ano XIV, nº. 4 – Julho/Agosto). Lisboa: Reflexão Teológica / Mundividência Cristã, 1997.

PIERRARD, Pierre, *História da Igreja Católica*. Lisboa: Planeta Editora, 2002.

PIÑEIRO ARES, José, “El Camino Portugués” in *Actas del II Encuentro sobre los Caminos Portugueses a Santiago*. Vigo: Asociación Amigos de los Pazos, 1994.

PINHEIRO, Ana Elias, “Itinerários Culturais: viajando pela História” in *Mathésis* (16). Viseu: Universidade Católica Portuguesa, 2007.

PLÖTZ, Robert, “O desenvolvimento histórico do culto de Santiago” in *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*. Lisboa: Távola Redonda, 1992.

PLÖTZ, Robert, “Imago Parvula Beati Iacobi” in *Santiago: A Esperanza* (catálogo da exposição). Santiago de Compostela: Pazo de Xelmirez / Xunta de Galicia, 1999.

PLÖTZ, Robert, “La Peregrinación como Principio Espiritual-Religioso en un Mundo Real-Concreto” in *Actas del Congreso de Estudios Jacobeos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995.

PLÖTZ, Robert, “Les origines du culte de Saint Jacques à Compostelle” in *Santiago de Compostela. 1000 Ans de Pèlerinage Européen. Europália 85*. Gand: Ed. Centrum Voor Kunst en Cultur, 1985.

PLÖTZ, Robert, “La proyección del culto Jacobeo en Europa” in *Actas del II Encuentro sobre los Caminos Portugueses a Santiago*. Vigo: Asociación Amigos de los Pazos, 1994.

POMBO RODRIGUEZ, Antón, “Iconografía de Santiago el Mayor” in *Peregrino – Revista del Camino de Santiago* (nº. 59, Mayo). Santiago de Compostela, 1998.

POMBO RODRIGUEZ, Antón, “La Iconografía de Santiago Matamoros (I)” in *Peregrino – Boletín del Camino de Santiago* (nº. 12, Abril). Santiago de Compostela, 1990.

POMBO RODRIGUEZ, Antón, “La Iconografía de Santiago Matamoros (II)” in *Peregrino – Boletín del Camino de Santiago* (nº. 13, Mayo). Santiago de Compostela, 1990.

PORTELA PAZOS, Salustiano, “Orígenes del Culto al Apostol Santiago en España” in *Arbor – Revista General de Investigación y Cultura* (Julio-Agosto). Madrid, 1953.

PORTELA PAZOS, Salustiano, “Orígenes del Culto al Apostol Santiago en España” in *Santiago en la Historia, la Literatura y el Arte*. Madrid: Editora Nacional, 1954.

PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, “Santiago, Apóstolo, Peregrino e Cabaleiro” in *Todos com Santiago: Patrimonio Eclesiástico* (catálogo de exposición). Santiago de Compostela: Mosteiro de San Martiño Pinario / Museo Diocesano / Xunta de Galicia, 1999.

PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago Apóstol. Vida. Peregrinaciones. Catedral compostelana*. Santiago de Compostela: Coedición Follas Novas / Monte Casino, 1999.

PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, *Santiago El Mayor y Compostela. Un apóstol, una ciudad, unos caminos*. Madrid: Aldeasa, 1999.

PUY MUÑOZ, Francisco, “El Camino, Símbolo del Derecho” in *Actas del Congreso de Estudios Jacobeos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995.

RAVASI, Gianfranco, “Abraão e o povo de Deus peregrino” in *Communio – Revista Internacional Católica* (Ano XIV, nº. 4 – Julho/Agosto). Lisboa: Reflexão Teológica / Mundividência Cristã, 1997.

RESENDE, Nuno (coord), *O Compasso da Terra. A Arte enquanto Caminho para Deus*. Volume I – Lamego. Lamego: Diocese de Lamego / Câmara Municipal de Lamego / Câmara Municipal de Tarouca, 2006.

REY CASTELAO, Ofelia, *Los Mitos del Apóstol Santiago*. Santiago de Compostela: Consorcio de Santiago / Nigratrea, 2006.

RIBEIRO, Heloísa, “Andar com fé e o sentido do chegar” in *Caderno Virtual do Turismo*. (Volume 3, Nº. 1), Rio de Janeiro: Instituto Virtual de Turismo, 2003.

RICHARDS, Greg, “Políticas y Actuaciones en el Campo del Turismo Cultural Europeo” in *Turismo Cultural: El Patrimonio Histórico como Fuente de Riqueza*. Valladolid: Ed. Fundación de Patrimonio Histórico de Castilla y León, 2000.

RIES, Julien, “O universo das peregrinações” in *Communio – Revista Internacional Católica* (Ano XIV, nº. 4 – Julho/Agosto). Lisboa: Reflexão Teológica / Mundividência Cristã, 1997.

RIO BARJA, Francisco Javier, “Paisaxes xeográficas” in *Camiños Portugueses de Peregrinación a Santiago. Tramos Galegos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1993.

RODRIGUES, Dalila, *Grão Vasco*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2007.

RODRIGUEZ, Manuel, *Os Caminhos de Santiago na Galiza. Caminho Francês*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2002.

RODRIGUEZ, Manuel, *Os Caminhos de Santiago. Caminho Francês em bicicleta*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2004.

RODRIGUEZ-BORDALLO, Ramón; RÍOS-GARCIA, Ana Maria, “Aportación a la iconografía jacobea” in *Atti del Convegno Internazionale di Studi. Il Pellegrinaggio a Santiago de Compostela e la Letteratura Jacopea*. Perugia: Università Degli Studi di Perugia, 23-24-25 Settembre 1983.

RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Catedral de Santiago de Compostela*. I. Patrimonio Histórico Gallego. 1. Catedrales. A Coruña: Xuntanza Editorial, 1993.

RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *Galicia.Arte*. Tomo X. “Arte Medieval (I)”. A Coruña: Hércules de Ediciones, 1993.

RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *Galicia.Historia*. Tomo II. “Galicia en la época Medieval (I)”. A Coruña: Hércules de Ediciones, 1991.

RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Gran Obra de Los Caminos de Santiago: Iter Stellarum*. Vol. I: “Peregrinación y caminos”. A Coruña: Hércules Ediciones, 2004-2007.

RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Gran Obra de Los Caminos de Santiago: Iter Stellarum*. Vol. II: “Santiago de Compostela: una tumba, una catedral”. A Coruña: Hércules Ediciones, 2004-2007.

RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Gran Obra de Los Caminos de Santiago: Iter Stellarum*. Vol. III: “Santiago de Compostela: una ciudad, un centro de religiosidad, de arte y de cultura en el Occidente Europeo”. A Coruña: Hércules Ediciones, 2004-2007.

RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Gran Obra de Los Caminos de Santiago: Iter Stellarum*. Vol. IX: “Caminho português I: os caminhos do norte de Lisboa”. A Coruña: Hércules Ediciones, 2004-2007.

RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Gran Obra de Los Caminos de Santiago: Iter Stellarum*. Vol. X: “Caminho português II: os caminhos do sul e do interior”. A Coruña: Hércules Ediciones, 2004-2007.

RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *La Gran Obra de Los Caminos de Santiago: Iter Stellarum*. Vol. XI: “Caminho português na Galiza”. A Coruña: Hércules Ediciones, 2004-2007.

RODRIGUEZ IGLESIAS, Francisco (dir), *Santiago. Para conocerte y no olvidarte*. A Coruña: Hércules Ediciones, 2003.

RUCQUOI, Adeline, *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

SAER (Sociedade de Avaliação de Empresas e Risco), *Reinventando o Turismo em Portugal. Estratégia de Desenvolvimento Turístico Português no I Quartel do Século XXI*. Lisboa: Confederação do Turismo Português, 2005.

SÁEZ-ANGULO, Julia, “Iconografía de Santiago” in *Cuadernos del Camino de Santiago* (nº. 5). Santiago de Compostela: Consorcio de Santiago, 1994.

SAMPAIO, Francisco, *Caminhos de Santiago*. Viana do Castelo: Região de Turismo do Alto Minho, 2001.

SAMPAIO, Francisco, *Santiago – Camiños del Miño*. Leça da Palmeira: ADETURN – Associação para o Desenvolvimento do Turismo na Região do Norte, sd.

SANDERS, E. P., *A verdadeira história de Jesus*. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2005.

SANTIAGO-OTERO, Horacio; REINHARDT, Klaus, “As controvérsias sobre a vinda e pregação do Apóstolo Santiago em Espanha, segundo Roa Dávila (1552-ca.1630)” in *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*. Lisboa: Távola Redonda, 1992.

SANTIAGO-OTERO, Horacio, “Dualidad Religioso-Cultural del Camino de Santiago” in *Actas del Congreso de Estudios Jacobeos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995.

SANTOS SOLLA, Xosé Manuel, “El Camino de Santiago: turistas y peregrinos hacia Compostela” in *Cuadernos de Turismo* (nº. 18). Murcia: Universidad de Murcia, 2009.

SICART GIMÉNEZ, Angel, “La iconografía de Santiago ecuestre en la Edad Media” in *Compostellanum* (vol. XXVII, nº. 1-2, Enero-Junio). Santiago de Compostela: Archidiócesis de Santiago de Compostela, 1982.

SICART GIMÉNEZ, Anxo, “Galicia e os camiños de Portugal. Un itinerário dende o pasado e mirando ó futuro” in *Camiños Portugueses de Peregrinación a Santiago. Tramos Galegos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1993.

SILVA, José Antunes, *A Caminho de Santiago. Caminho Português. Como quem procura uma fonte ou uma estrela*. Prior Velho: Paulinas, 2004.

SILVA, José Antunes, *Os Caminhos de Santiago na Galiza*. Prior Velho: Paulinas, 2004.

SILVEIRA, Emerson J. Sena da, “Turismo Religioso Popular? Entre a ambiguidade conceitual e as oportunidades de mercado” in *Revista de Antropologia Experimental* (nº. 4), 2004 (<http://www.geografia.ufr.br> – consultada a 16 de Agosto de 2011)

SIMÕES, Manuel, “Camilo e as Terras Transmontanas” in *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago de Compostela. Itinerários Portugueses*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995.

SINGUL, Francisco, *Os Caminhos de Santiago na Galiza. Caminho de Fisterra-Muxía*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2004.

SINGUL, Francisco, *Os Caminhos de Santiago na Galiza. Caminho Inglês*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2004.

SINGUL, Francisco, *Os Caminhos de Santiago na Galiza. Caminho do Norte*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2004.

SINGUL, Francisco, *Os Caminhos de Santiago na Galiza. Caminho Português*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2004.

SINGUL, Francisco, *Os Caminhos de Santiago na Galiza. Caminho Primitivo*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2004.

SINGUL, Francisco, *Os Caminhos de Santiago na Galiza. Caminho do Sudeste – Via da Prata*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2004.

SINGUL, Francisco, *Os Caminhos de Santiago na Galiza. Rota do Mar de Arousa e Rio Ulla*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2004.

SINGUL LORENZO, Francisco, *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999.

SINGUL LORENZO, Francisco, “Las Edades del Camino: Iconografía del Apóstol: escrito en el arte” in *Peregrino – Revista del Camino de Santiago* (nº. 96, Diciembre). Santiago de Compostela, 2004.

SINGUL LORENZO, Francisco, “La Iconografía de Santiago Peregrino en la Catedral de Compostela” in *Peregrino – Revista del Camino de Santiago* (nº. 17, Diciembre). Santiago de Compostela, 1990.

SOUTO GONZÁLEZ, Xosé Manuel, “El Camino Portugués y el Eje Atlántico” in *Congreso Internacional de Geografía. Los Caminos de Santiago y el territorio*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, Conselleria de Relaciones Institucionais e Portavoz do Goberno, 1993.

STEPPE, J. K., “L’ Iconographie de Saint Jacques Le Majeur (Santiago)” in *Santiago de Compostela. 1000 Ans de Pèlerinage Européen. Europália 85*. Gand: Ed. Centrum Voor Kunst en Cultuur, 1985.

SUÁREZ TRIGO, Ramón (coord), *Caminho Central Português. Lisboa – Santiago*. Vigo: Asociación Galega Amigos do Camiño de Santiago, 2008.

SUREDA, Joan, “Santiago Cabaleiro” in *Santiago: A Esperanza* (catálogo da exposición). Santiago de Compostela: Pazo de Xelmirez / Xunta de Galicia, 1999.

TAÍN GUZMÁN, Miguel, “Los Tres Santiagos de la Capilla Mayor de la Catedral de Santiago: Iconografía, Culto y Ritos” in *Visitandum est. Santos y Cultos en el Codex Calixtinus. Actas del VII Congreso Internacional de Estudios Jacobeos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2004.

TAÍN GUZMÁN, Miguel, *Trazas, Planos y Proyectos del Archivo de la Catedral de Santiago*. A Coruña: Editorial Diputación Provincial, 1999.

TAVARES, Jorge Campos, *Dicionário de Santos. Hagiológico. Iconográfico*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1990.

TAVARES, Jorge Campos, *Dicionário de Santos. Hagiológico. Iconográfico*. 3ª edição. Porto: Lello Editores, 2004.

TEIXEIRA, José Rui (org.), *Caminho*. Porto: Scriptum – Centro Catecumenal da Igreja do Porto, 2002.

TEMPERÁN, Elisardo, “Santiago Apóstol: Discípulo, Maestro y Mártir” in *Santiago el Mayor y la Leyenda Dorada* (catálogo da exposición – Museo de Belas Artes da Coruña). Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1999.

TERESA HEREDIA, Carlos, “Patrimonio Cultural y el Turismo” in *Patrimonio Cultural y Sociedad. Una relación interactiva* (curso celebrado en Valladolid, del 21 al 29 de mayo de 1997). Valladolid: Junta de Castilla y León, 1998.

THOMAS-PENETTE, Michel, “El Camino de Santiago en Francia: el Pasado y el Presente” in *La Cultura como Elemento de Unión en Europa. Rutas Culturales Activas*. Valladolid: Fundación del Patrimonio Histórico de Castilla y León, 2003.

TORRES RIESCO, Juan Carlos, “La Demanda de las Rutas Culturales Españolas. Actualidad y Futuro” in *La Cultura como Elemento de Unión en Europa. Rutas Culturales Activas*. Valladolid: Fundación del Patrimonio Histórico de Castilla y León, 2003.

TROITIÑO VINUESA, Miguel Ángel, “El Turismo Cultural en las Ciudades Españolas Patrimonio de la Humanidad” in *Turismo Cultural: El Patrimonio Histórico como Fuente de Riqueza*. Valladolid: Ed. Fundación de Patrimonio Histórico de Castilla y León, 2000.

VALDÉS FERNANDEZ, Manuel, “A Peregrinación Xacobeá e a Hospitalidade no Camiño” in *Santiago: A Esperanza* (catálogo da exposición). Santiago de Compostela: Pazo de Xelmirez / Xunta de Galicia, 1999.

VALLE PÉREZ, Jose Carlos, “Los inicios del románico en Galicia” in *Historia de Galicia.2. Baja Edad Media y comienzos de la Edad Moderna*. Vigo: Faro de Vigo / Xunta de Galicia / Caixavigo, 1991.

VALLE PÉREZ, Xosé Carlos, “A arquitectura medieval nos camiños portugueses de peregrinación a Santiago” in *Camiños Portugueses de Peregrinación a Santiago. Tramos Galegos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1993.

VÁSQUEZ DE PARGA, Luis, “Algunos aspectos de la influencia de la peregrinación compostelana en la iconografía artística” in *Compostellanum* (vol. X, nº. 4). Santiago de Compostela: Archidiócesis de Santiago de Compostela, 1965.

VAZ, João L. Inês, *A Civitas de Viseu. Espaço e Sociedade*, vol. I e II. Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro, 1997.

VAZ, João L. Inês, “Cultos pré-romanos, caminhos de Santiago e mosteiros cistercienses. Uma relação (im)possível?” in *Actas. IV Congreso Internacional sobre el Cister en Portugal y en Galicia* (Tomo I). Zamora: Ediciones Monte Casino, 2010.

VELASCO GONZÁLEZ, María, “Gestión turística del patrimonio cultural: enfoques para un desarrollo sostenible del turismo cultural” in *Cuadernos de Turismo* (nº. 23 – Enero-Junio). Murcia: Universidad de Murcia, 2009.

VERA REBOLLO, J. Fernando, “El Camino de Santiago en el contexto de las nuevas motivaciones de la demanda turística” in *Congreso Internacional de Geografía. Los Caminos de Santiago y el territorio*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, Conselleria de Relaciones Institucionais e Portavoz do Goberno, 1993.

VIEIRA, João Martins, *Planeamento e Ordenamento Territorial do Turismo. Uma perspectiva estratégica*. Lisboa: Verbo, 2007.

VILA JATO, Maria Dolores (coord), *Parador “Dos Reis Católicos”. Santiago de Compostela*. Madrid: Paradores de Turismo de España S.A., Secretaría de Estado de Comercio, Turismo y de la PYME, 1999.

VILLARES, Ramón (dir), *Historia de Galicia.1. De la Prehistoria a la Alta Edad Media*. Vigo: Faro de Vigo / Xunta de Galicia / Caixavigo, 1991.

VILLARES, Ramón (dir), *Historia de Galicia.2. Baja Edad Media y comienzos de la Edad Moderna*. Vigo: Faro de Vigo / Xunta de Galicia / Caixavigo, 1991.

VIÑAYO GONZÁLEZ, Antonio, *Camino de Santiago. Guía del Peregrino. A pie, a caballo, en bicicleta y en coche*. Léon: Edilesa, 1999.

VON SAUCKEN, Paolo Caucci, “El Camino Portugués a su paso por Galicia en la literatura de viajeros y peregrinos” in *Actas del II Encuentro sobre los Caminos Portugueses a Santiago*. Vigo: Asociación Amigos de los Pazos, 1994.

VON SAUCKEN, Paolo Caucci, “La via lusitana en los relatos de los peregrinos italianos” in *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*. Lisboa: Távola Redonda, 1992.

YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da (org), *Turismo. Espaço, Paisagem e Cultura*. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

YZQUIERDO PERRÍN, Ramón, “El Camino Francés en su rectorio gallego: obras artísticas medievales” in *Congreso Internacional de Geografía. Los Caminos de Santiago y el territorio*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, Consellería de Relaciones Institucionais e Portavoz do Goberno, 1993.

YZQUIERDO PERRÍN, Ramón, “Historiografía e Iconografía de Santiago en la Catedral Compostelana” in *Géneros Literarios Romanos. Aproximación a su estudio*. Santiago de Compostela: Ediciones Clásicas – Universidad de Santiago de Compostela, 1996.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1	São Tiago
Figura 2	Jesus, Apóstolos e Discípulos
Figura 3	Iluminura do Codex Calixtinus
Figura 4	Representação da Trasladação de São Tiago
Figura 5	Catedral de Santiago de Compostela
Figura 6	Albergue Municipal de Arzua
Figura 7	Refeição de Peregrinos
Figura 8	Loja
Figura 9	Peregrinos a pé
Figura 10	Peregrinos de bicicleta
Figura 11	Hotel dos Reis Católicos
Figura 12	Porta Santa (exterior)
Figura 13	Porta Santa (interior)
Figura 14	Porta Santa (interior – pormenor da porta esculpida)
Figura 15	Peregrino tradicional (representação)
Figura 16	Vieira
Figura 17	Cruz de Santiago
Figura 18	Credencial do Peregrino
Figura 19	Compostela
Figura 20	Chegada a Santiago de Compostela (Praça do Obradoiro)
Figura 21	Pórtico da Glória
Figura 22	Pórtico da Glória (pormenor)
Figura 23	Altar-Mor

Figura 24	Abraço ao Santo
Figura 25	Sepulcro de Santiago (entrada)
Figura 26	Sepulcro de Santiago (urna)
Figura 27	Missa do Peregrino
Figura 28	Botafumeiro
Figura 29	Seta amarela
Figura 30	Sinalização – painéis institucionais
Figura 31	Sinalização – sinais de trânsito
Figura 32	Sinalização – placa
Figura 33	Sinalização – marco de granito
Figura 34	Vieira sobre fundo azul
Figura 35	Sinalização de ânimo para peregrinos
Figura 36	São Tiago em Majestade
Figura 37	São Tiago Peregrino
Figura 38	São Tiago Matamouros
Figura 39	Fonte de S. Francisco, Viseu
Figura 40	Fonte de S. Francisco (pormenor da heráldica)
Figura 41	Museu Grão Vasco, Viseu
Figura 42	São Pedro (com predela)
Figura 43	São Paulo e SãoTiago
Figura 44	São Tiago
Figura 45	Museu Almeida Moreira, Viseu
Figura 46	São Tiago
Figura 47	Igreja de Santiago, Viseu
Figura 48	Vão da porta da Igreja de Santiago
Figura 49	Vitral de São Tiago
Figura 50	Vitral de São Tiago (pormenor)
Figura 51	Escultura de São Tiago
Figura 52	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 53	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 54	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 55	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 56	Capela de Nossa Senhora da Saúde, Vila Meã

Figura 57	Altar-mor
Figura 58	Escultura de São Tiago
Figura 59	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 60	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 61	Capela de São Tiago, Baltar
Figura 62	Altar-mor
Figura 63	Escultura de São Tiago
Figura 64	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 65	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 66	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 67	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 68	Pintura de São Tiago
Figura 69	Capela de São Tiago, Mouramorta
Figura 70	Igreja Paroquial, Mezio
Figura 71	Interior da Igreja
Figura 72	Caixotão de São Tiago
Figura 73	Igreja Matriz, Magueija
Figura 74	Nicho de São Tiago
Figura 75	Escultura de São Tiago
Figura 76	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 77	Interior da Igreja
Figura 78	Caixotões do tecto
Figura 79	Caixotão de São Tiago
Figura 80	Altar-mor
Figura 81	Escultura de São Tiago
Figura 82	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 83	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 84	Igreja de São Tiago, Sande
Figura 85	Altar-mor
Figura 86	Escultura de São Tiago
Figura 87	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 88	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 89	Igreja Matriz, São João de Lobrigos

Figura 90	Caixotão de São Tiago
Figura 91	Caixotão de São Tiago (pormenor)
Figura 92	Caixotão de São Tiago (pormenor)
Figura 93	Igreja dos Clérigos, Vila Real
Figura 94	Escultura de São Tiago
Figura 95	Capela de São Tiago, Vila Meã
Figura 96	Altar lateral
Figura 97	Escultura de São Tiago
Figura 98	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 99	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 100	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 101	Igreja de São Tiago, Oura
Figura 102	Altar-mor
Figura 103	Escultura de São Tiago
Figura 104	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 105	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 106	Nicho de São Tiago, Redial
Figura 107	Escultura de São Tiago
Figura 108	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 109	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 110	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 111	Capela de São Tiago
Figura 112	Altar-mor
Figura 113	Escultura de São Tiago
Figura 114	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 115	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 116	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 117	Pintura de São Tiago
Figura 118	Ponte Romana, Chaves
Figura 119	Igreja da Misericórdia
Figura 120	Igreja de São Tiago, Vilarelho da Raia
Figura 121	Altar-mor
Figura 122	Escultura de São Tiago

Figura 123	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 124	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 125	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 126	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 127	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 128	Igreja de São Tiago, Seara Velha
Figura 129	Fachada – Escultura de São Tiago
Figura 130	Altar-mor
Figura 131	Escultura de São Tiago
Figura 132	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 133	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 134	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 135	Escultura de São Tiago (pormenor)
Figura 136	Caixotões do tecto
Figura 137	Caixotão de São Tiago
Figura 138	Caixotão de São Tiago (pormenor)
Figura 139	Caixotão de São Tiago (pormenor)
Figura 140	Caixotão de São Tiago (pormenor)
Figura 141	Hospital de Peregrinos, Vilar de Perdizes
Figura 142	Hospital de Peregrinos (pormenor)
Figura 143	Hospital de Peregrinos (pormenor)
Figura 144	Hospital de Peregrinos (pormenor)

ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1	Palestina nos tempos de Jesus
Mapa 2	Caminhos de Santiago na Europa
Mapa 3	Rede de Caminhos de Santiago
Mapa 4	Caminho Francês
Mapa 5	Mapa geral das oito rotas históricas do Caminho
Mapa 6	Caminho Francês
Mapa 7	Caminho Primitivo
Mapa 8	Caminho do Norte
Mapa 9	Caminho Inglês
Mapa 10	Caminho Português
Mapa 11	Caminho do Sudeste / Via da Prata
Mapa 12	Caminho do Mar de Arousa e Rio Ulla
Mapa 13	Caminho de Fisterra / Muxia
Mapa 14	Caminhos Portugueses
Mapa 15	Vias Portuguesas
Mapa 16	Caminho entre Viseu e Chaves
Mapa 17	Caminho Português Interior de Santiago / Rota Iconográfica